

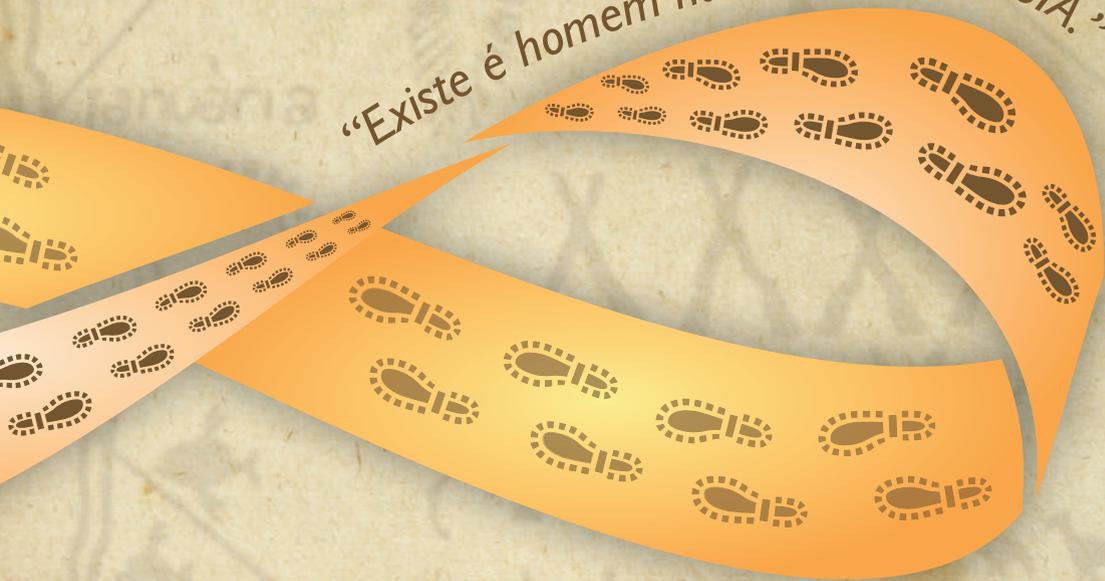
ATO

escola de
psicanálise

Ano 8, n. 8 | p. 1-190 | 2022

ISSN: 23594063

“Existe é homem humano. TRAVESSIA.”



A GRAMÁTICA DA
PULSÃO E A
FANTASIA

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte
A gramática da pulsão e a fantasia
Ano 8, n. 8 | p. 1-190 | 2022
ISSN: 23594063

Copyright © 2022 by ATO - escola de psicanálise

COMISSÃO DA REVISTA

Maria de Fátima Andrade Chadid
Marília Pires Botelho
Marisa Gomes Cunha Martins
Viviane Gambogi Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Marcilena Assis Toledo
Maria Aparecida Oliveira do Nascimento
Maria Cristina Martins Moura
Regina Macêna da Costa Vieira
Yolanda Mourão Meira

A gramática da pulsão e a fantasia / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano 8, n.8, 2022. – Belo Horizonte, 2022.

v.

Anual

Inclui bibliografia.

ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO – escola de psicanálise.

CDD: 157.25

CDU: 616.891.6

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Júnior Sena

CAPA E SITE Andrea Silveira

REVISÃO GRAMATICAL DE PORTUGUÊS, FORMATAÇÃO E

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA Marina Vilhena

Regina Gambogi Alkmim

ATO

escola de
psicanálise

Rua Padre Odorico, 128 | sala 701 | São Pedro
CEP: 30330-040 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241-1255
www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

SUMÁRIO

9

Trauma e Fantasia

Marília Pires Botelho

21

A clínica da pulsão

Raul Macedo Ribeiro

23

Entre o somático e o psíquico: o que se inscreve da pulsão

Maria Luiza Bassi

41

Reduzir o imaginário: um “de.sa.fio” clínico

Arlete Campolina

51

O mal-estar no eu

Ana Maria Fabrino Favato

63

Identificação, sintoma e traço

Wagner Siqueira Bernardes

79

Nota sobre o sintoma e o tempo na psicanálise contemporânea

Guilherme Massara Rocha

- 91 *Implicações psicanalíticas do campo do gozo*
Pedro Braccini Pereira
- 115 *Psicanálise e política*
Luiza Lerman Chaimowicz
- 123 *Masoquismo originário na estrutura do sujeito*
Viviane Gambogi Cardoso
- 137 *Masoquismo originário e o limite da estrutura*
Crasso Campanha Parente

Cartel: dispositivo d'escola

- 147 *O cartel e a escrita*
Maria de Fátima Andrade Chadid
- 159 *Impasses no Cartel*
Marília Pires Botelho
- 169 *Cartel: o que se enoda?*
Rosana Scarponi Pinto
- 177 *Normas de publicação*

EDITORIAL

A gramática da pulsão e a fantasia

“Trauma e fantasia” foi o tema trabalhado na jornada da Ato em 2020. Percebeu-se que os textos apresentados se desdobraram mais em torno do trauma em consequência do que vivenciávamos naquele ano, ou seja, o horror da pandemia. Em vista disso, trabalhou-se com mais afinco o conceito de fantasia elaborado por Freud e estudado por Lacan tempos mais tarde. Encontra-se em Freud (1915), que a pulsão é uma força constante, desenfreada, exercida pelo corpo em busca de satisfação. E a fantasia é uma tela protetora que enquadra e delimita essa exigência. Isso é o que torna possível a relação do sujeito com o Outro. Nesse texto, de 1915 – “As pulsões e seus destinos” – , pode-se ver que Freud pensa a posição primordial do sujeito como sendo a atividade, ou seja, a pulsão em busca de sua satisfação por meio dos objetos. Ele segue falando do sadismo que é uma forma de dominação do sujeito sobre o objeto, do masoquismo como um retorno do sadismo ao próprio sujeito e do sadomasoquismo do objeto se transformando em sujeito. A partir desse entendimento, a montagem da pulsão se estrutura como uma gramática, conjugando-se na voz ativa, passiva e reflexiva. Mas o sujeito aparece so-

mente no movimento completo do circuito pulsional, seu surgimento se realiza para além da polaridade atividade-passividade, possibilitando-lhe basculhar entre uma posição e outra sem se fixar em nenhuma. Partindo dessa temporalidade pulsional, tem-se a possibilidade de pensar as posições de gozo do sujeito. Também em “Uma criança é espancada”, texto de 1919, Freud constrói a origem do quadro da fantasia partindo das posições de sadismo e masoquismo. Vê-se aí a organização do gozo que vai se estruturando pela identificação entre “ser amado” e “ser batido”, resultado da união da satisfação pulsional com a busca por amor. Dessa forma, a fantasia organiza a montagem da pulsão com enunciados que sustentam a relação do sujeito com o Outro. Em Lacan, pode-se ver o desenvolvimento da lógica da fantasia articulando em uma fórmula – o sujeito barrado ao objeto perdido. Essa engrenagem logicizada, organizadora da constituição subjetiva, é fundada através do laço com a linguagem e articulada a um resto de corpo, mais-de-gozar, que faz suplência ao objeto perdido. Dessa forma, o matema lacaniano da fantasia ($\$ \diamond a$) desempenha a função simbólica de enquadrar, emoldurar a realidade. Também, foi visto em Lacan que o inconsciente gerador de sintomas é linguagem, e que os corpos são fabricados pela via languageira. Soler (2019) nos fala do que Lacan nomeou como o sujeito da literatura e a “regência do corpo”. De acordo com a autora, esse termo, “regência do corpo”, vem da linguística da metade do século XX, “e designa como um termo da língua se conecta aos outros, especialmente o verbo ao seu complemento”. Isso indica uma “relação de re-

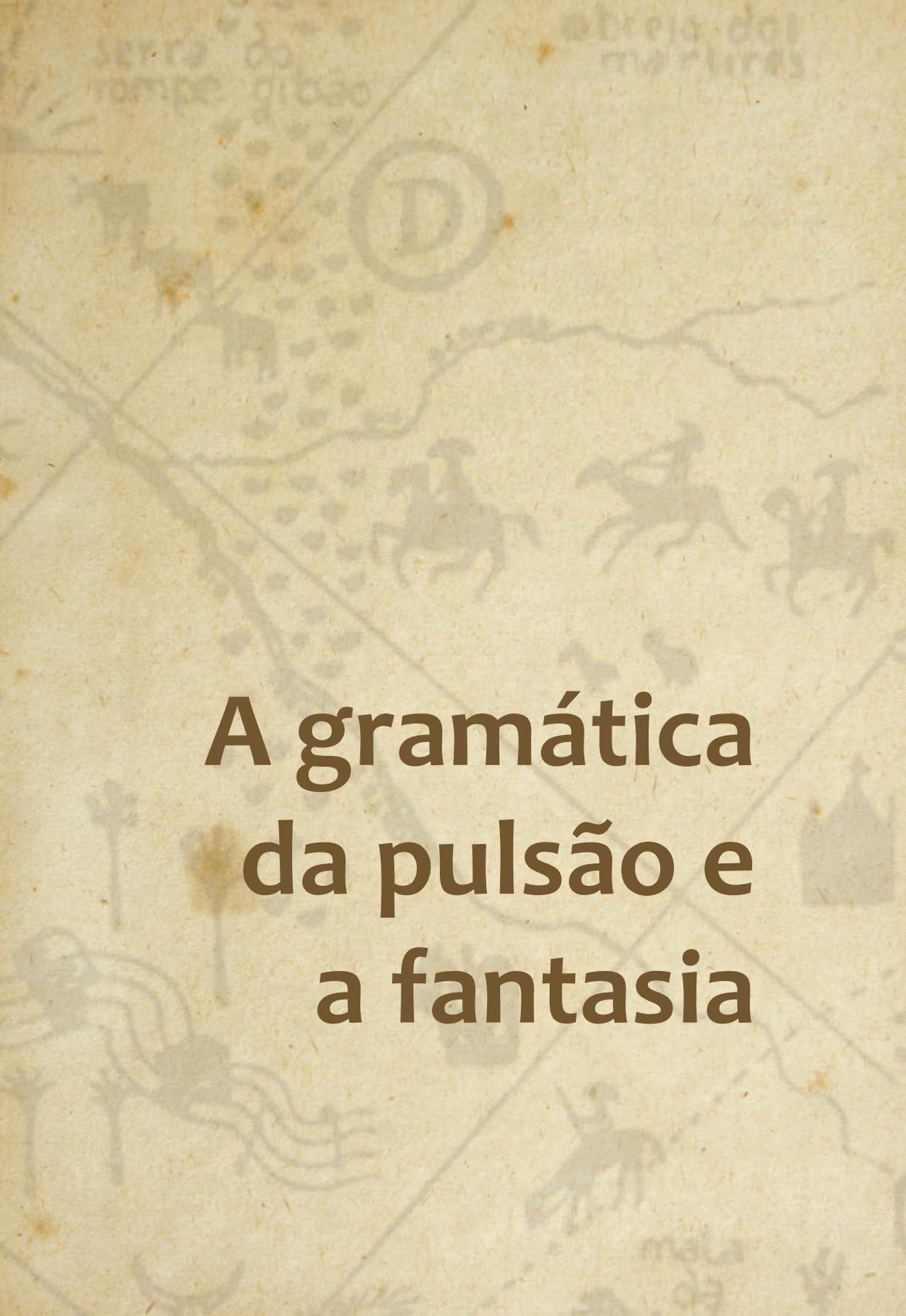
gência” e tem a ver com a orientação da libido. Para Lacan, o significante não tem sentido, mas, mesmo assim, o verbo assegura o deslizamento do sentido e dos equívocos na relação gramatical de regência entre as palavras, pois sem essa regência das palavras não haveria regência do corpo. Então, o corpo, não o organismo, se fabrica pela gramática, a síntese, que se supõe o léxico vindo de lángua. Diante do exposto, elegeu-se para a jornada da Ato 2021 o tema: “A gramática da pulsão e a fantasia”, a fim de que se possa discutir sobre esse assunto inesgotável.

Boa leitura!

Marisa Gomes Cunha Martins¹

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.





**A gramática
da pulsão e
a fantasia**



Trauma e fantasia

Marília Pires Botelho¹

Resumo: Este texto foi elaborado a partir dos debates do cartel “Trauma e fantasia” e do percurso da análise de uma paciente. Algumas questões, como a articulação dos conceitos de trauma e fantasia, são aqui contempladas. São conceitos complexos e, ao mesmo tempo, operadores fundamentais da clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Trauma. Fantasia consciente. Fantasia inconsciente. Amor. Gozo.

Em sua busca pela causa da neurose, Freud recorre ao modelo médico do trauma corporal – que porta um significado de lesão corporal advinda de um ferimento ou choque – para considerar o trauma psíquico.

As primeiras incursões de Freud no campo das neuroses, mais especificamente no campo da histeria, o conduzem à elaboração de sua primeira teoria sobre o trauma: a teoria da sedução, portando a hipótese de um trauma na origem do sintoma histérico.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Embora Freud logo abandone a teoria da sedução, a ideia de trauma permanece fazendo parte de um conjunto conceitual mais elaborado. À medida que ele desenvolve a noção de sexualidade infantil percebe que as lembranças dos traumas infantis correspondem, na verdade, a fantasias advindas da própria sexualidade infantil.

O conceito psicanalítico de trauma, diferentemente da medicina, já não se refere a um acontecimento único, mas a dois acontecimentos diferentes que se articulam entre si. Freud, às voltas com o que teria um valor traumático, constata que é no *a posteriori*, a partir dos efeitos causados por determinado acontecimento, que podemos dizer que o trauma se constituiu.

Com efeito, podemos observar que, mesmo na teoria da sedução, o trauma só se constitui, enquanto tal, no momento em que impressões registradas anteriormente sofrem um processo de resignificação. Ora, entendemos que esse processo de resignificação não é outra coisa senão a construção de uma fantasia (MELLO; RIBEIRO, 2006, on-line).

Nos seus escritos sobre “O homem dos lobos”, Freud afirma que “[...] a criança, como o adulto, só pode produzir fantasias a partir do material que foi adquirido, de uma fonte ou de outra [...]” (FREUD, 1918, p. 75).

Logo, vemos que há uma articulação entre trauma e fantasia. Acompanhando a evolução da teoria freudiana e lacaniana, o que se constata é que o trauma é um componente da fantasia.

Quando Freud aborda as fantasias conscientes, ele se refere aos devaneios ou sonhos diurnos, às lembranças encobridoras, aos falsos reconhecimentos. São conteúdos manifestos que portam algo do desejo inconsciente. Algumas dessas fantasias são toleráveis e permanecem no consciente, mas existem, também, aquelas que são intoleráveis para a consciência e, portanto, são recalçadas.

As fantasias inconscientes são aquelas que foram criadas no inconsciente e lá permanecem. São as fantasias originárias – “cena primária, a fantasia de sedução, a fantasia de castração. Cada uma correspondendo a um ponto de enigma fundamental sobre as origens: do próprio sujeito, do desejo e da diferença sexual, respectivamente” (LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J., 1988² *apud* POLI, 2007, p. 44). A fantasia inconsciente fundamental se instaura a partir da incidência do recalque originário no psiquismo, freando o empuxo ao gozo da pulsão de morte e demarcando uma região onde essa pulsão é sexualizada (JORGE, 2004).

Freud pontua, também, que existem fantasias inconscientes que sucumbem ao recalque e são trazidas para a consciência. É o que ele trabalha em seu texto de 1919, “Uma criança é espancada”. Neste texto, Freud busca a compreensão da origem da perversão. Mostra-nos a estrutura da fantasia que se apresenta em três tempos lógicos e observa que um deles é construído em análise.

2 LAPANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Levando-se em consideração a estrutura da fantasia, podemos afirmar que ela tem um caráter universal, mas são justamente as inscrições traumáticas que imprimem a ela um caráter singular, fazendo com que cada sujeito monte sua própria fantasia.

Para Lacan, o trauma é o real da fantasia. O real sustenta a fantasia e, por outro lado, a fantasia protege o sujeito do real. Ou seja, tratando-se da fantasia, há sempre algo do real em jogo. A fantasia se constitui como uma matriz simbólico-imaginária que tem como função mediatizar o encontro do sujeito com o real (JORGE, 2010).

Para fazer frente ao real, cada sujeito constitui a realidade psíquica com sua fantasia. A fantasia cria uma tela protetora ante o real, e os acontecimentos e experiências traumáticas causam uma ruptura nessa tela. O luto é um trabalho de reconstrução da tela da fantasia, com o objetivo de recompor esse furo causado pelo acontecimento traumático.

A percepção que temos do mundo é mediatizada pelo desejo, sendo este sustentado pela fantasia inconsciente fundamental. Se, para que haja desejo, tem que haver uma falta, a fantasia é que vai colocar um objeto no lugar dessa falta. Neste sentido, a fantasia tem essa função de proteção em relação ao real. Há, no entanto, um outro lado da fantasia que aprisiona o sujeito, que é a fixação nesses objetos, o que restringe seu mundo, o que produz sintomas.

Sendo um conceito complexo e ao mesmo tempo tão presente na clínica, constituindo-se como um de seus opera-

dores principais, nos traz a questão: como operar com a fantasia?

Marco Antonio Coutinho Jorge traz importantes contribuições, no tocante à compreensão da estrutura da fantasia na neurose e na perversão, ao trabalhar a dialética fundamental e estrutural entre o amor e o gozo que aí se opera.

Toma o matema da fantasia proposto por Lacan – sujeito dividido punção de a , ou seja, o sujeito em todas as relações possíveis com o objeto, exceto a de igualdade – para situar, do lado do sujeito dividido pela linguagem, o polo inconsciente, o polo simbólico e do amor.

Do outro lado do matema, o lado do objeto a , que se inscreve na fantasia como mais-gozar, situa o polo pulsional, que é o polo real da fantasia, e o gozo fálico. Ou seja, com a entrada no mundo simbólico, aquilo que era gozo absoluto, um gozo mortífero, se transforma num gozo limitado, gozo fálico, por estar sob a regência do falo.

Se no amor buscamos a produção de sentido, o que vem como suplência à relação sexual que não existe, no gozo, o que temos é a total falta de sentido. Aí está a diferença fundamental entre amor e gozo. A fantasia é sempre fantasia de desejo de completude em torno do polo do amor ou do gozo.

Enquanto o neurótico tenta recuperar aquilo que foi perdido, ou seja, resgatar a completude perdida pelo viés do amor, fixando-se no amor e elidindo o polo do gozo, o per-

verso se fixa no polo do gozo, elidindo o polo do amor. Temos, então, a fantasia de completude amorosa na neurose, em que o sujeito se defende da dimensão do gozo; e, na perversão, a fantasia de completude de gozo, na qual o sujeito se defende da dimensão amorosa.

Para Jorge (2004), podemos operar nesses dois polos, tendo como referência tanto as estruturas clínicas quanto o sujeito. O que nos leva a pensar que, na clínica, encontramos sujeitos que, mesmo tendo uma estrutura neurótica, se apresentam imersos em um gozo perverso.

Tomando por este viés, vemos que nós, analistas, lidamos com muito mais perversão do que normalmente imaginamos. Portanto, é necessário ampliarmos a percepção que temos do campo das perversões (JORGE, 2004).

O percurso da análise de uma paciente me conduziu à questão de como se operou a balança entre esses dois polos. Diante de seus sintomas corporais, passou por um período de muito desamparo e muita angústia. Nesta época, a análise girava em torno do mesmo tema, o corpo adoecido, através de demandas ao analista. Hoje, essa paciente se dedica à Arte.

Lacan, em “O Seminário 20”, ao trabalhar a questão do amor e do significante, nos apresenta uma questão bastante clínica, quando se refere à história, dizendo de uma forma muito simples e direta que:

A História é precisamente feita para nos dar a ideia de que ela tem um sentido qualquer. Ao contrário, a primeira coisa

que temos que fazer é partir do seguinte: que ali estamos diante de um dizer, que é um dizer de um outro que nos conta suas besteiras, seus embaraços, seus impedimentos, suas emoções e que é nisto que se trata de ler o quê? – nada, senão os efeitos desses dizeres. Esses efeitos, bem vemos no que é que isto agita, comove, atormenta os seres falantes. (LACAN, 1972-1973, p. 63).

Minha hipótese é a de que a paciente, numa posição masoquista, sem se dar conta de sua condição de objeto – que se oferece como objeto a ser batido –, faz demandas ao analista. Se a demanda é sempre demanda de amor, foi no amor de transferência que esse sujeito encontrou a possibilidade de circular entre os dois polos, podendo assim recompor sua tela fantasmática.

Fazer a balança entre o amor e o gozo, em que há perda de amor e perda de gozo, é o que importa no percurso de uma análise, para que se faça a travessia da fantasia, pois, ao transitar nesses dois polos, o sujeito tem acesso à dimensão do desejo, que está inscrito na fantasia enquanto falta.

Em “O Seminário 10”, Lacan diz que: “O desejo se apresenta como vontade de gozo, não importa por que vertente apareça, tanto na vertente sádica – eu não disse ‘sádica’ – quanto pelo lado do que chamamos de masoquismo.” (LACAN, 1962-1963, p. 166) e acrescenta, mais tarde, em “O Seminário 20”, que “um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor”. (LACAN, 1972-1973, p. 69).

A psicanálise, ao sustentar o lugar do vazio e da falta, se difere da religião, que propõe o amor; do gozo excessivo promovido pelo capitalismo e do gozo absoluto almejado pela ciência.

O lugar que a psicanálise propõe é o lugar do desejo que se encontra no núcleo da fantasia, presentificado na falta que deu origem à fantasia – representado pela punção no matema de Lacan ($\mathcal{S} \diamond a$).

Na cultura, hoje, há dois discursos que sustentam esse lugar: psicanálise e arte. A arte é também um discurso poderoso que tenta sustentar esse lugar do vazio e da falta, onde o sujeito pode fazer a sua escrita.

Résumé: Ce texte a été élaboré à partir des débats du cartel “Traumatisme et fantasme” et du déroulement de l’analyse d’une patiente. Certaines questions, telles que l’articulation des concepts de traumatisme et de fantasme, y sont abordées. Ce sont des concepts complexes et, en même temps, des opérateurs fondamentaux de la clinique psychanalytique.

Mots-clés: Traumatisme. Fantasme conscient. Fantasme inconscient. Amour. Jouissance.

Referências

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. “Uma criança é espancada”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 225-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, v. 2, 2010, p. 82 – 101.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE – as múltiplas faces da perversão, XIII, 2004, Belo Horizonte. Texto estabelecido a partir da exposição oral, por Alexandre Louzada.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MELO, Maria Teresa; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Modelos do trauma em Freud e suas repercussões na psicanálise pós-freudiana. *Percurso* – Revista do Departamento de Psicanálise Sedes Sapientias, ano XIX,

n. 37, p. 33-44, 2º semestre de 2006. Disponível em: www.revistapercurso.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=249&on=edicao&id_edicao=37. Acesso: 26 e 27set. 2022.

POLI, Maria Cristina. Construção da fantasia, constituição do fantasma. In: BACKES, C. (Org.). *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 43-49.

Obras consultadas

FREUD, Sigmund. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos* (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 147-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 161-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

ANOTAÇÕES da aula on-line: *A fantasia na psicanálise*, ministrada por Marco Antonio Coutinho Jorge, Festival # No Divã. Companhia das Letras, 17 de outubro de 2021.

A clínica da pulsão

Raul Macedo Ribeiro¹

Dedico este trabalho à memória de Neuza Loureiro.

Resumo: A partir de um artigo de Moustapha Safouan, “*La jouissance ou l’au-delà du principe de plaisir*”, o autor discorre sobre o conceito de pulsão em seus diversos matizes, a fim de pensar sobre a clínica da pulsão.

Palavras-chave: Pulsão. Princípio do prazer. Princípio de realidade. Além do princípio do prazer. Alienação fálica. Estádio do espelho.

A pulsão não é uma coisa. Sobre isso, o artigo “Crítica epistemológica à noção de pulsão”, de Eduardo Colombo (1998), é esclarecedor ao nos alertar para a hipóstase, ou seja, o equívoco que atribui existência concreta e objetiva a algo que é pura abstração, construída pelo pensamento humano.

Não é sem razão que Freud se referiu à teoria das pulsões como a nossa mitologia. A pulsão sexual, por exemplo, é concebida pelo psicanalista como uma pressão que, regi-

1 Psicanalista em Belo Horizonte. Inscrito no Quatrième Groupe - Paris.

da pelo processo primário, persevera na repetição de uma vivência primária de satisfação. Isso é o que desenha, de modo irredutível, a dinâmica psíquica pensada preliminarmente pela psicanálise. Ou seja, a pulsão sexual como a mecânica que impele o psiquismo na busca frenética em direção a uma experiência de satisfação.

Se a ideia de um mecanismo, denominado pulsional, funda a psicanálise, esse mesmo mecanismo criará doravante enorme trabalho para os psicanalistas sob o ponto de vista tanto de sua teorização, ao longo de toda a história da psicanálise, quanto de seu exercício clínico que, bem sabemos, não é nunca apartado de sua construção teórica.

Encontramos, ao longo da obra psicanalítica, um vínculo estreito entre dois termos: “pulsão” e “princípio”. Dessa forma, supõe-se um princípio do prazer que rege a pulsão sexual ou pulsão de vida, e um princípio de realidade que regeria a pulsão do eu ou de autoconservação. O que se constata é que o princípio de realidade é incapaz de fazer reinar o processo simbólico, de modo a balizar a busca pulsional em direção à experiência de satisfação. Daí, um terceiro princípio, nomeado, redundantemente, segundo leitura do autor deste artigo, de princípio do além do princípio do prazer, que surge na escrita de Freud (1920). Princípio esse que rege uma pulsão que é “compulsão à repetição”, inclusive repetição do que é desprazeroso, e que, portanto, rompe com o princípio do prazer que supostamente regeria o aparelho psíquico na busca de uma experiência primária de satisfação.

É elucidativo em relação ao estudo da pulsão em psicanálise, o modo como Moustapha Safouan (2001) introduz sua conferência intitulada “*La jouissance ou l’au-delà du principe de plaisir*”, em português: “O gozo ou o além do princípio de prazer”. Isso, sobretudo, pelo fato de o autor condicionar à clínica psicanalítica os rumos tomados pelo conceito de pulsão. Safouan inicia seu texto/conferência da seguinte forma:

A explicação dos fenômenos da experiência psicanalítica requer, parece, dois princípios opostos, em razão do que constatamos muito frequentemente: aquele ou aquela que demanda uma análise a fim de se livrar de seus sintomas não se importam em mantê-los. Portanto, é necessário o estabelecimento de dois sistemas regidos por dois princípios diferentes, dos quais um vai no sentido do levantamento do sintoma, e o outro no sentido de sua manutenção. (SAFOUAN, 2001, p. 35, tradução nossa).

Seguindo Freud, passo a passo, em “Além do princípio do prazer”, Safouan (2001) demonstra que a polaridade ou a oposição entre princípio do prazer e princípio de realidade não se sustenta, o que já sabíamos mesmo a partir de Freud (1920). Isso pelo fato de o princípio da realidade ter se constituído como um desdobramento do princípio do prazer, justamente para assegurar o seu sucesso. Ademais, a pulsão do eu, ou pulsão de autoconservação, não poderia se opor à pulsão de vida, ou pulsão sexual, porque o “eu” é investido pela pulsão sexual. E, mais ainda, porque o “eu” é o reservatório da libido. Tudo isso já foi enunciado por Freud.

O denso texto de Safouan (2001) tensiona ao máximo a questão da manutenção da polaridade pulsional, ou seja, o estabelecimento de dois sistemas regidos por dois princípios antagônicos. E, de modo ousado, sugere que, assim como não se sustenta a oposição entre a pulsão sexual e a pulsão do eu, não se sustenta de forma simples e direta a oposição entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. No entanto, pela exigência clínica a que nos referimos acima, uma oposição de princípios precisa ser mantida.

Um primeiro aspecto da falha na oposição simples e direta entre a pulsão de vida e a de morte refere-se ao postulado que categoriza a pulsão de morte como retorno ao inanimado. Isso está em Freud (1920), em “Além do princípio do prazer”. No entanto, como já mencionamos, também a pulsão de vida é pressão no sentido de um retorno a uma experiência primária de satisfação, que se constituiu como uma identidade perceptiva. De certa forma, o fator retorno é algo comum às duas mecânicas pulsionais: a de vida e a de morte.

Outra observação de Safouan sobre a falha na oposição direta entre a pulsão de vida e a de morte reside no desprezo fundamental de ambas em relação ao objeto que, no entanto, é imprescindível à necessidade, razão pela qual o leva a escrever que: “[...] poderíamos afirmar que [nesse sentido em relação à indiferença ao objeto] mesmo as pulsões de vida são pulsões de morte” (SAFOUAN, 2001, p. 50).

Sobre a pulsão regida pelo princípio do além do princípio

do prazer, ou seja, a pulsão manifestando-se como compulsão à repetição, Safouan observa que nem toda compulsão a repetir, conforme ela ocorra no jogo, no sonho ou no comportamento, implica necessariamente a intervenção da pulsão de morte. No entanto, a repetição de situações peníveis que ocorrem na transferência, se ocorrer fora dela, dá a sensação de uma força demoníaca, como se a pessoa estivesse fadada a um destino atroz. É isso a que Freud aponta como a pulsão de morte.

Safouan, apoiando-se na contribuição lacaniana decorrente do conceito de gozo, situa na alienação fálica o princípio capaz de se opor ao princípio do prazer. Assim, se se busca uma radical polaridade pulsional, ela não se situaria diretamente entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, mas sim entre a pulsão de vida e o gozo como alienação fálica. Afirma uma vez mais o autor:

A posição fálica tem sempre um gosto de necrofilia. Ela comporta um masoquismo primordial na medida em que faz parte integrante da estrutura das pulsões do desejo, mas se constituindo como desejo do desejo do Outro. (SAFOUAN, 2001, p. 48).

E acrescenta: “[...] o que há de aniquilador na psicose, é tão simplesmente o real, no sentido da insuficiência real face a toda potência do Outro” (SAFOUAN, 2001, p. 49).

A principal característica da pulsão de vida, como já comentamos, advém da busca incessante de uma identidade perceptiva que consistiria na repetição de uma satisfação

primária. No entanto, reside na diferença entre a satisfação obtida e a satisfação procurada, ou seja, na impossibilidade lógica e real em relação à identidade procurada, o que vai mover, incansavelmente, a estrutura psíquica para a frente. Assim, o princípio do prazer é forçado a funcionar como motor em direção à vida.

Por outro lado, uma outra mecânica tenta dar conta da diferença entre o gozo obtido e o gozo desejado, cujo modo característico se dá pela via da alienação fálica, em que um sujeito aliena seu ser como falo; gozo pelo qual o sujeito sacrifica voluntariamente tanto o seu desejo quanto o objeto de seu desejo.

Safouan observa:

[...] qual a consequência que decorre dessas considerações concernentes aos princípios da vida psíquica? O dualismo caro a Freud está salvo. Há oposição. Mas ela não é entre o princípio de prazer e o de realidade. Ela é entre o princípio de prazer ou de realidade, e o gozo que se determina pela relação a um outro lugar que não é o lugar perceptivo, o do Grande Outro. Esse gozo é o que o sujeito encontra em um modo de ser que é ao mesmo tempo uma frustração permanente do ser: o gozo fálico, cuja pulsão de morte é tão simplesmente a outra face. (SAFOUAN, 2001, p. 51, tradução nossa).

Ora, se a identidade perceptiva pelo princípio do prazer é frustrada pela impossibilidade de se reencontrar a experiência primária de satisfação, isso faz com que se impulsione o psiquismo na busca de satisfações alternativas. No além do princípio do prazer é pela via da alucinação

fálica que o próprio sujeito acaba por se configurar como uma identidade perceptiva, ao sacrificar não somente o que causa seu desejo, mas também o desejo por si só.

Na peça “Otelo”, de Shakespeare, o general mouro Otelo é envolvido em uma trama incitado por Iago, seu alferes, que tinha o intuito de destruí-lo. O general mouro acaba por assassinar Desdêmona, sua esposa fiel e amorosa, e suicida-se após o seu crime. Otelo, ao longo de toda a tragédia, funciona de modo a proteger a consistência do Outro da verdade, encarnado no personagem Iago, que lhe destila falsos rumores sobre as traições e o gozo de Desdêmona. Por outro lado, a própria Desdêmona encarna, imaginariamente para Otelo, a verdade do gozo Outro, ou do gozo do Outro.

Segundo Diana Rabinovich, no livro “Clínica da pulsão – as impulsões”: “Esse Outro como garante da verdade está para-além do desejo, não é desejante, move-se, preponderantemente, a partir da resposta que confere consistência ao Outro” (RABINOVICH, 2004, p. 32).

E, sobre esse aspecto, é impressionante como o personagem Otelo é capaz de ilustrar esse estado de coisas. O excelente tradutor da peça “Otelo”, para o português, professor Lawrence Flores Pereira, escreveu, na introdução do texto de Shakespeare, algo oportuno para o que aqui se trata: “Otelo não é como se vê, apenas a tragédia da paixão (e mais particularmente do ciúme como estado do ser), mas da desistência da interpretação” (SHAKESPEARE, 2017, p. 28).

Isso equivale a dizer que “Otelo” é a tragédia que se configura pela preponderância da resposta em relação à pergunta. Ou ainda, a tragédia que se define pela fé inabalável nas verdades estabelecidas que obturaram o desejo. Não nos esqueçamos de que para que haja desejo é necessário que o saber total seja barrado.

Apreende-se do texto de Safouan (2001) que a alienação fálica é o mais-de-gozar. Segundo o autor, é o outro nome da pulsão de morte e, como tal, está a serviço da manutenção da totalidade esférica. O neurótico abre mão de seu desejo para manter a fé em um saber absoluto ou, como diria Lacan, manter o Outro do saber. Já o perverso abre mão de seu desejo para manter a fé na possibilidade de um gozo absoluto ou, como diria Lacan, manter o Outro do gozo, ou ainda o gozo Outro.

Em resumo, se, por um lado, o princípio do prazer, ao não encontrar a tão ensejada identidade perceptiva em relação ao prazer buscado, faz com que o sujeito se incomode com seus sintomas e queira deles se livrar por meio de uma psicanálise; por outro lado, o comprometimento com o mais-de-gozar, ou seja, com a manutenção da consistência no embuste de uma verdade toda ou de um gozo todo, isso, sim, faz com que o sujeito desista de abrir mão de seus sintomas.

Sobre “Otelo”, Safouan escreve:

De fato, a subserviência de Otelo a seu ideal fala por si: jamais a congruência entre o eu e o eu ideal foi tão eloquente-

mente expressa. Esse personagem fala como se ele olhasse em um espelho uma imagem, a sua, composta de todos os traços que a sociedade, particularmente as damas, admira e venera. Que esse ideal seja a projeção de um fantasma fálico é suficientemente indicado pela precipitação pela qual ele se presta ao ciúme assassino. (SAFOUAN, 2001, p. 49, tradução nossa).

A menção feita ao espelho evoca-nos de imediato o espelho de Lacan, tal como foi abordado no artigo “O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose”. Nesse brilhante artigo, Lacan (1953) propõe, em relação ao mito de Édipo, ou seja, ao desejo incestuoso da mãe, à interdição do pai e aos sintomas daí decorrentes, que um quarto elemento seja acrescido para constituir o que Lacan denominou o “quarteto mítico”, fundamental da psicanálise.

Supõe-se que conhecemos bem o que ocorre no chamado estágio de espelho, formulado por Lacan para não ter que aqui estender demasiadamente sobre o assunto. Aquele que se vê no espelho, se vê a partir de um Outro muito mais avançado e, podemos dizer, muito mais perfeito em relação ao estado de plena desorganização original de todas as funções motoras e afetivas em que ele mesmo, ou seja, aquele que se vê, se encontra.

Segundo Lacan, essa desproporção acompanhará o imaginário neurótico por toda a sua vida. Isso, sob a forma de um desdobramento narcísico, *dédoublement narcissique*, que se presentifica na vida do neurótico pela consciência de um Outro especular ao qual é delegada a tarefa de representá-lo, bem como de viver e morrer em seu lugar.

Em determinada passagem do artigo “O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose”, Lacan (1953) utiliza a palavra francesa *dérobade* para definir o fenômeno da duplicação. *Dérobade* nos reenvia à ideia de escapar-se ou evadir-se no outro, manobra pela qual o neurótico abre mão tanto de seu desejo quanto dos objetos que lhe são relativos.

O passo a mais, referido acima, diz respeito a isto: segundo Safouan, o mais-de-gozar é o outro nome da pulsão de morte, e, ainda segundo ele, se a alienação fálica é o modo como se configura o mais-de gozar? Então, não seria possível situar o nascimento da pulsão de morte na constituição do eu a partir do estágio do espelho? Não é aí que a consciência assombrosa de um grande Outro começa a constituir-se? Consciência a partir da qual a alienação fálica neurótica encontra sua base?

Supõe-se que, ao atrelarmos a pulsão de morte à constituição do eu pela via do estágio do espelho, afastamos de forma radical a associação que liga o conceito de pulsão de morte, em psicanálise, a uma base biológica.

No que diz respeito à consciência de um Outro imaginário, que fomenta as bases da alienação fálica, poderíamos dizer o mesmo que foi dito pelo personagem narrador de “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski: “Apesar de tudo, estou firmemente convencido de que não só uma dose muito grande de consciência, mas qualquer consciência, é uma doença. Insisto nisso” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 19). Nes-

te caso, a consciência refere-se à companhia permanente de um outro em torno do qual se orbita.

Résumé: À partir d'un article de Moustapha Safouan, *La jouissance ou l'au-delà du principe de plaisir*, l'auteur aborde le concept de pulsion, dans se différentes nuances, afin de penser la clinique de la pulsion.

Mots-clés: Pulsion. Principe de plaisir. Principe de réalité. Au-déla du principe de plaisir. Pulsion de mort. Jouissance. Aliénation phallique. Le stade du miroir.

Referências

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo, 2000. (Coleção Leste).

LACAN, Jacques. *Le mithe individuel du névrosé ou poésie et vérité dans la névrose* (1953). Paris: Édition de Seuil, 2007.

RABINOVICH, Diana Silvia. *A clínica da pulsão – as impulsões*. Tradução: André Luís de Oliveira Lopes. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

SAFOUAN, Moustapha. *Dix conférences de psychanalyse*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2001.

SHAKESPEARE, Willian. *Otelo*. Tradução: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2017.

COLOMBO, Eduardo. Critique épistémologique de la notion de pulsion. *Topique – Revue Freudienne*. n. 66, p. 66-84, Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 89-169. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

Entre o somático e o psíquico: o que se inscreve da pulsão

Maria Luiza Bassi¹

Resumo: O ponto que a autora procura enfatizar neste artigo trata-se de uma operação significativa que faz do organismo um corpo. Operação esta que engendra a impossibilidade de uma inscrição toda. O que ocorre, em nível inconsciente, é a inscrição incessante de uma falha que impede a assunção do tipo ideal do sexo, relançando a materialidade da diferença para o campo da linguagem.

Palavras-chave: Pulsão. Sexualidade. Inscrição psíquica.

Foi a partir do filme belga “*Girl*”, de 2018, que algumas questões precipitaram o desejo de enveredar pelos caminhos da pulsão para tentar dizer de um sofrimento de não adequação corpo/psíquico. Lara, uma menina de 15 anos, sonha em tornar-se uma bailarina profissional. Com a ajuda do pai, é aceita em uma importante escola de formação de bailarinos. No entanto, Lara encontra dificuldades para executar os movimentos devido à sua estrutura óssea e muscular já que nasceu em um corpo de menino. O filme

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

apresenta, de uma forma sensível e bela, os impasses de uma adolescente frente ao real do sexo.

Em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica”, Freud já se referia a estímulos endógenos, provenientes do interior do organismo, que tem de ser descarregados. Destes, ao contrário do que faz com estímulos externos, o organismo não pode fugir. Cessam apenas mediante certas condições que precisam realizar-se no mundo externo. Nessa época, Freud já dizia da pulsão como uma mola propulsora do aparelho psíquico.

Em 1905, no artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud diz da pulsão como uma força psíquica que flui continuamente, sem qualidade alguma, devendo ser considerada como medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. A partir desse texto, a sexualidade aparece como polimorfa e aberrante, rompendo com a inocência infantil. Em relação à finalidade biológica da sexualidade, ou seja, a reprodução, as pulsões, tais como elas se apresentam no processo da realidade psíquica, são pulsões parciais, e a sexualidade só entra em jogo a partir dela.

Em 1915, em “As pulsões e seus destinos”, Freud define o conceito de pulsão como fronteira, entre o somático e o psíquico, nos possibilitando elaborar esse conceito limite como um conceito lugar/topológico. De uma experiência corporal com um outro que cuida, embala e alimenta, algo é passível de representação, marcado pela linguagem e inscrito psiquicamente.

Freud assinala:

[...] a pulsão como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico, em decorrência de sua relação com o corporal. (FREUD, 1915a, p. 25).

Aqui Freud nos apresenta duas definições em um mesmo parágrafo. Distingue a pulsão de seu representante psíquico. No artigo “O inconsciente”, de 1915, Freud afirma que só podemos conhecer a pulsão a partir de sua representação como uma ideia – *Vorstellung* – ou sua manifestação como um estado afetivo – *Affekt*. A representação – *Vorstellung* – vai além de uma mera apresentação psíquica do objeto, mas indica uma inscrição desse objeto nos sistemas mnêmicos. (FREUD, 1915b).

Freud busca na palavra *Trieb* o suporte para sua ficção teórica. O vocábulo *Trieb*, em alemão, tem os significados de propulsão, ímpeto, pressão, impulso, força motora impenhente, demanda sexual, transferência de força de um eixo a outro. O verbo *treiben* está referido a “colocar em movimento”, associando-se em diferentes acepções à mecânica e à física do “motor à propulsão”. Com o termo *Trieb*, Freud estabelece a maior característica da pulsão, uma força constante que foge ao ritmo do biológico e natural. A essa força constante, Freud deu o nome de *Drang*/pressão. Além deste, utilizou outros três termos para caracterizar a pulsão: *Quelle*/fonte, *Objekt*/objeto e *Ziel*/meta.

Por fonte da pulsão entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão. A meta é sempre satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional. O objeto é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão (FREUD, 1915a).

A pulsão, partindo do corpo, busca satisfação através de um movimento constante, mas o que ela encontra é um vazio, um cavo, um objeto que não satisfaz. É com um traçado conjugado a uma borda que Lacan topologiza o circuito da pulsão relacionando o impulso, a fonte, o objeto e alvo (LACAN, 1964).

O ir e vir da pulsão evidencia um movimento tracejante e constante em torno da falta no campo do Outro, provocando um retorno sem objeto, mas marcado por um significante. Importante ressaltar que o que se inscreve como traço psíquico é a marca daquilo que faltou ao sujeito como resposta à demanda do Outro, ou seja, traço daquilo que escapou à significação, do que é indizível, do real. É no retorno que surge o sujeito propriamente dito, advém um sujeito em sua estrutura moebiana, escrita topológica da pulsão. Nesse retorno, se abre a possibilidade da escrita da fantasia, conjunção e disjunção, sujeito e objeto.

Quando falamos de inscrição psíquica, falamos de apresentação do percebido. O objeto percebido se inscreve ou se apresenta como um traço. Esse traço é a expressão tanto da

capacidade de ligação como a expressão da expulsão do objeto percebido, ou seja, o objeto se inscreve, mas não todo. Inscreve o que faz elo que se expressa pela associação. Podemos afirmar que no psiquismo a pulsão inicialmente se representa por uma apresentação da coisa pulsional. Ela se inscreve naquilo que a constitui como ligação e enquanto o que escapa da ligação.

Lacan descreve a pulsão como uma montagem. Não uma montagem concebida numa perspectiva referida à finalidade, mas uma montagem sem pé nem cabeça, como uma colagem surrealista. O que define o circuito pulsional é efeito de um resto de um encontro sempre faltoso que acossa e faz retornar o movimento sempre constante na busca de um objeto que, na realidade, está para sempre perdido (LACAN, 1964).

Precisamos marcar aqui a anterioridade do objeto, ou seja, objeto como causa de um movimento, de um circuito. Lacan nos diz: “é a esse exterior, lugar de objeto, anterior a qualquer interiorização, que pertence a ideia de causa.” (LACAN, 1964, p. 116).

Lacan deixa claro que o sujeito não pode controlar a pulsão. Ela insiste, causa tensão e tem seu papel no funcionamento do inconsciente a partir das hiências que a distribuição dos investimentos significantes instaura (LACAN, 1964).

Poderíamos então dizer que a relação do sujeito com seu corpo não está predeterminada pela anatomia menino ou menina. O corpo se inscreve psiquicamente a partir da re-

lação contingencial do sujeito com o Outro da linguagem. No filme “*Girl*”, assistimos a adolescente tentando ajustar sua experiência corporal a uma identidade de gênero que ela já possui. Interessante quando o terapeuta questiona o interesse da adolescente em relação a um encontro amoroso, sexual. Vimos aí uma adolescente desconcertada diante do real do sexo. Fica claro, a partir do filme, a diferença entre experiência identitária, modalidades de gozo e fantasia. Gostaríamos de distinguir esses três aspectos marcando o conceito de identificação como a operação pela qual o sujeito se constitui, aqui trabalhado a partir da escrita psíquica da pulsão, as modalidades de gozo como modos de satisfação pulsional e a fantasia como sustentação do desejo. Lara, apesar de ter um corpo de menino, se identifica como uma menina. Quanto aos objetos de satisfação, aparece seu interesse por um menino e sua fantasia aponta para o desejo de ser uma bailarina. O filme termina com a imagem de Lara supostamente segura com seu corpo de mulher. Seria um final feliz para a história de uma transexual que, a partir de uma intervenção no corpo, estaria estabilizada em uma posição feminina?

Os inúmeros estudos, a partir da psicanálise e estudos *queer*, demonstram que nem toda transexualidade se inscreve em um campo de exterioridade à lógica binária, no alheamento de uma diferença normativa homem ou mulher. Questões que concernem ao real do sexo e a posição sexuada devem ser levadas em conta na história de cada sujeito.

Résumé: Le point sur lequel j'ai cherché à mettre l'accent dans cet article concerne une opération signifiante qui fait de l'organisme un corps. Cette opération entraîne l'impossibilité de toute une inscription. Ce qui se produit, au niveau inconscient, c'est une inscription incessante d'une faille qui empêche la présomption du genre idéal de sexe, relançant la matérialité de la différence pour le champ du langage.

Mots-clés: Pulsions. Sexualité. Inscription psychique.

Referências

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 381-409. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-237. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos* (1915a). Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915b). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-74. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

GIRL. Filme belga de 2018. Direção: Lukas Dhont. Roteiro: Dhont e Angelo Tijssens. Produção: Dirk Impens e Netflix. Intérpretes: Victor Polster, Arieh Worthalter, Tijmen Govaerts. 1h45min, legendado. Disponível em: <netflix.com/br/title/81004374>. Acesso em: 27 set. 2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Reduzir o imaginário: um “de.sa.fio” clínico

Arlete Campolina¹

Resumo: No princípio da construção da linguagem está o gozo do corpo inominável. Intraduzível pelas palavras, esse gozo impossível torna-se o buraco da estrutura cujo vazio Lacan notou de objeto *a*. A angústia é o afeto que sinaliza esse vazio. Diante do Real do gozo, o ser falante pensa o corpo do gozo a partir do imaginário, não sem o simbólico. O percurso de uma análise torna-se a aposta para reduzir o imaginário do saber inconsciente como sentido de *a* e o imaginário da cena fantasmática que fixa o gozo do sujeito barrado corte de *a*. A aposta de uma análise é desnudar o objeto *a* de suas consistências imaginárias, tempo de perda da proteção do desejo no fantasma, fazendo advir o objeto *a* como causa de desejo.

Palavras-chave: Letra. Corpo inscrito. Corpo escrito. Corpo de *lalangue*. Imaginário do sentido. Imaginário do fantasma.

1 Psicanalista.

A clínica testemunha que no princípio está o corpo, que não é um corpo ao natural, mas um corpo inscrito. Essas inscrições se dão quando o pequeno ser é afetado pelo desejo não anônimo, de um Outro materno, transmitido por palavras que expressem a coisa-amor através de *lalangue*. Inscrições que são o fundamento da instância da letra no inconsciente, inapreensível. No campo da fala e da linguagem, essa letra sofre intrusão de um traço que circunda o vazio de *a*, compondo uma circularidade que diz da presença do corpo da pulsão, bordejando o vazio de *a*. O corpo da pulsão se manifesta pela libido e participa do buraco da estrutura. A pulsão torna-se a experiência fundamental do sujeito em relação ao objeto *a* como causa do desejo.

O que está em questão é o gozo do corpo impensável, inominável. Condição que faz que a noção do buraco se mantenha. O que faz traço desse impensável, Lacan vai nomear traços da coisa, particular e singular de cada sujeito. Traços de escritura, fundamento do Sinthoma. Traços que é um fora que não é um não dentro. Traços que operam o corpo escrito, corpo de *lalangue*. Materialidade sonora de cada sujeito, sem nenhum sentido. Só temos acesso ao corpo de *lalangue* através do Ato de palavra, que situa o símbolo da verdade, quando o S2 do discurso do mestre emerge como o significante que habita o buraco do simbólico, decodificado como um conjunto de fonemas.

O corpo inscrito, o corpo da pulsão, o corpo de *lalangue* tornam-se a tríade que compõe as manifestações do

impensável do gozo do corpo do Outro. Diante deste silêncio, é preciso que alguma consistência imaginária se faça. O imaginário é o que se inventa do que ex-siste como Real, invenção a qual o sujeito barrado (S) se identifica e se apega. O imaginário é o suporte do Real do corpo, mas ao mesmo tempo ele é a fraqueza mental que nos permite “conhecer” o Real que não cessa de não se escrever. Podemos dizer que o ser falante está condenado ao imaginário?

A noção do imaginário tem como referência a vivência de júbilo de uma criança que olha e vê seu corpo prematuro, unificado como forma. Certamente essa vivência é o efeito que certifica a presença do “olhar-sonoro” de um Outro que deseja. A representação do corpo como forma faz recobrimento do traço do vazio de *a*. Nessa mesma direção, o significante Um, que representa o sujeito para outro significante, apaga o traço. Essa representação significativa organiza o sujeito como metáfora. Lacan tomou como recurso pedagógico a topologia do toro para demonstrar no plano a estrutura do buraco da metáfora. Na metáfora, como organização simbólica do buraco, a reciprocidade entre significante e significado nomeia a coisa, o que deixa esquecido o buraco da estrutura, alienando o sujeito ao imaginário do que se nomeia como representação.

O corte no toro é necessário para fazer limite à metáfora, fazendo emergir o buraco do simbólico ao situar o símbolo da verdade como momento de estrutura no discurso do mestre. Esse Real emerge como corpo escrito de *lalangue*. Materialidade sonora, sons de *lalangue* que estruturam

uma combinatória sonora que se fecha como equívoco, sentido de *a*.

O equívoco é o novo imaginário. Como imaginário do Real, é estruturado por elementos lógicos que se apresentam como bricolagem de sons. Está enraizado numa tríade de gozos: o gozo do Outro; o gozo do falo Real; o gozo do sentido, bordejando o vazio de *a*. Três gozos que se avizinham no centro do nó borromeano. No entanto, esse imaginário do Real é débil. De que maneira sustentar o Real, como uma invenção imaginária, se o Real exclui o sentido do saber inconsciente? No entanto, escolhemos ser tolos do Real para não imaginarmos mal. Diante do silêncio infinito do gozo, é preciso que alguma consistência se faça.

Somos apegados à invenção imaginária do que ex-siste como Real. A questão é que o saber inconsciente como sentido de *a* é promessa de gozo. Na lição VIII em “O Seminário 22: RSI”, Lacan afirma: “O imaginário é *pas-de-jouissance*.” (LACAN, 1974-1975, p. 129). Esse dizer permite ler homofonicamente “passo-de-gozo” e “não-gozo”. A consciência permite ao sujeito barrado (S) reconhecer o Isso quando se escreve como equívoco. O sujeito barrado se identifica ao sentido do equívoco como produção de gozo. O sentido de *a*, como mais-de-gozo, permitido pelo Pai, como Nome-do Pai, faz suplência ao impossível encontro do gozo sexual e do gozo do corpo do Outro. O valor de identificação nos faz apegados ao sentido de *a*.

Lacan tomou a escrita do nó borromeano no plano para demonstrar a conjunção de termos, trajetos e buracos que

estruturam o Nome-do-Pai como resposta ao falo Real. Ato de nomação do inominável que habita o falo simbólico. O falo Real como exceção à função fálica, per-versamente orientado como Nome-do-Pai, escreve uma mulher como sintoma do homem. O falo Real como o gozo do corpo, intraduzível em palavras, ex-siste ao falo como o significante de uma falta no campo do gozo sexual. Só o inconsciente dá corpo ao Real do falo. Fazer existir Uma mulher que não existe, como realidade psíquica inconsciente, tem função de suplência ao impossível encontro do gozo sexual e do gozo do corpo do Outro.

O percurso de uma análise é a aposta para que o sujeito barrado se oponha a seu mais-de-gozar, suportado pelo Nome-do Pai, o que depende da redução do imaginário. Esse percurso dá lugar a dois tipos de identificação: identificação a seu inconsciente e identificação a seu sintoma como parceiro sexual. No entanto, não é a identificação a seu inconsciente que define o fim de uma análise, mas a identificação a seu sintoma como parceiro sexual, que tem como suporte a realidade fantasmática.

Não há outra entrada no Real que não seja conhecer seu fantasma inconsciente, cujos fragmentos de uma cena inconfessável se abrem da janela para o Real. Essa consciência marca o final de análise. Montagem cênica com função de borda ao impossível do gozo. A consciência dessa cena, na sua função de mediação entre o sujeito barrado ($\$$) e sua relação impossível com o vazio de a , torna-se essencial ao processo de destituição subjetiva, fazendo

vacilar o sujeito suposto saber. Conhecer seu parceiro sexual permite dizer “Você é minha mulher”. Esse dizer traz implícito conhecer o mais-de-gozar ao qual o sujeito barrado (S) é cativo. Esse dizer vale tanto para o homem como para mulher. Porém, inventar Uma mulher, que não existe, traz culpa porque o Real exclui a consistência. Essa culpa dá ao mais-de-gozar um acréscimo de masoquismo.

Se a consciência do parceiro sexual como realidade fantasmática desmente o sujeito suposto saber, o que resta do Inconsciente no tempo da travessia do fantasma? O inconsciente “resta” como o Outro portador dos efeitos significantes, cuja ressonância não mais se sustenta de equívocos com valor de identificação, o que abre caminho para a invenção poética, para o brincar com as palavras. Não podemos esquecer que a “linguisteria” está ao alcance dos seres parasitados pela linguagem.

Não há outra entrada no Real para o sujeito barrado que não seja a consciência de seu parceiro sexual como suplência ao impensável do gozo do corpo do Outro. A aposta é que no percurso de uma análise se conjuguem quatro termos: o corpo da pulsão, como traços de escritura; o corpo escrito, como sons de *lalangue*, decodificados do símbolo da verdade; o corpo do dizer, como equívoco que se estrutura de uma combinatória sonora como sentido de *a*; o corpo de fixação de mais-de-gozo, que se desvela como fragmentos de cena. Quatro modos de se virar com o buraco. Quatro modos de gozo que operam o dizer do analista, até o tempo da destituição subjetiva.

Nesse tempo, o objeto *a* deve advir como causa de desejo, resto de um percurso de análise. Tempo da perda de proteção do desejo no fantasma. Tempo em que o desejo se suporta de um vazio de saber, o que vai em direção contrária à identificação. Tempo de desnudar o objeto *a* de suas consistências imaginárias. Tempo em que o desejo do analista traduz essa destituição subjetiva, em que o objeto *a* é ao mesmo tempo des-ser e falha de saber, fazendo cessar a economia de gozo sustentada pelo valor de identificação. Tempo em que o dizer do analista se manifesta como Ato de escritura.

Résumé: On retrouve la jouissance du corps sans nom dans le principe de la construction du langage. Intraduisible par les mots, cette jouissance impossible devient le trou de la structure dont le vide est qualifié par Lacan d’objet *a*. L’angoisse est l’affection qui signale ce vide. Face au Réel de la jouissance, l’être parlant pense le corps de la jouissance à partir de l’imaginaire, non sans le symbolique. Le déroulement d’une analyse devient le pari pour réduire l’imaginaire du savoir inconscient comme sens de *a* et l’imaginaire de la scène fantasmatique qui fixe la jouissance du sujet barré découpé de *a*. Le défi d’une analyse est de dénuder l’objet *a* de ses consistances imaginaires, temps de perte de la protection du désir, dans le fantasme, faisant se produire l’objet *a* comme la cause du désir.

Mots-clés: Lettre. Corps inscrit. Corps écrit. Corps de la langue. Imaginaire du sens. Imaginaire du fantasme.

Referências

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 22: RSI (1974-1975)*. Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

Obras consultadas

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.19-51. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 197-199. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre X: l'angoisse (1962-1963)*. Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XIX: ...ou pire (1971-1972)*. Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant* (1970-1971). Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XX: encore* (1972-1973). Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXI: les non-dupes errent* (1973-1974). Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXIII: le sinthome* (1975-1976). Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXIV: l'insu qui sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Éditions de L'Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques. *La troisième*. Alocução em 1 nov. 1974. Lettres de l'E.F.P, 1975, n. 16.



O mal-estar no eu

Ana Maria Fabrino Favato¹

Resumo: Freud assevera que sentir-se feliz não pode ser considerado um propósito divino da criação. Isso nos indica que a possibilidade de felicidade está limitada à nossa constituição, é de estrutura. Diante do mal-estar, não há uma regra de ouro que se aplique a todos e cada um terá que descobrir por si mesmo a maneira específica de se salvar. Há um resto que sobrevive como traço indestrutível do próprio mal-estar no sujeito, dividido em si mesmo entre a herança moral que civiliza o gozo e o sentimento de culpa ou desejo de punição que bestifica o gozo. Freud não deixou de ver, na função econômica do masoquismo e no mal-estar na cultura, a estrutura da constituição subjetiva, mesmo com a presença de uma satisfação que leva ao pior.

Palavras-chave: Supereu. Ideal do eu. Masoquismo moral.

Começamos com um sonho de uma paciente que conta estar jogando vôlei numa quadra recebendo todas as bolas e

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

errando todas. Recebia e errava todas. Mudou de posição no jogo e continuou a receber todas as bolas e a errar todas. Resolveu ir para o saque e continuou errando. Veio o treinador conversar com ela e chorava sem parar. Comenta, após o sonho, que vai ter que encontrar uma posição sem o marido de quem acaba de se separar.

Nossa clínica é permeada de casos de não-satisfação, de não-realização do desejo, indicando, como Freud assevera, que “a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’” (FREUD, 1930, p. 95, grifos do autor). Nossas possibilidades de felicidade estão limitadas à nossa constituição, são de estrutura. Satisfazemos episodicamente, de forma tênue e a partir de contrastes. “Nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos” (FREUD, 1930, p. 95).

Diante do mal-estar, “não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (FREUD, 1930, p. 103). Não há sujeito sem sintoma, cuja função é fixar o modo de gozo privilegiado de cada um. Depois de experimentar uma sucessão de dias belos, essa mesma paciente do sonho diz que está em sobressalto, pois há sempre uma pendência, alguma coisa de errado para acontecer, uma assombração que a qualquer momento vai aparecer para assustá-la.

Freud nos lembra que, mesmo em tempos de calma e de sossego, com o desfrute das maravilhas da cultura, vozes de

advertência surgem como um resto que perturba a fruição da civilização (FREUD, 1915).² É um resto que sobrevive como traço indestrutível do próprio mal-estar no sujeito, dividido em si mesmo entre a herança moral que civiliza o gozo e o sentimento de culpa ou desejo de punição que bestifica o gozo.

Não há progresso na civilização, isso é uma ilusão. Há um conflito entre o Todo da renúncia ao gozo, que supõe regular as pulsões a partir das “normas do universo”, e o Não-todo de uma vontade de gozo ilimitada, tecida de pulsão de morte. São formas de agir do supereu.

A partir do ideal do eu, o supereu é essa consciência moral advertida e atenta a nos vigiar com vozes de advertência. Além de vigiar, ele exerce o papel judicativo, que julga o eu, julga os outros, confere o tamanho do eu e de seu ideal. Na sua função de punição, é implacável no sadismo em direção ao eu, ditando o modo de gozo masoquista, expressão direta do sentimento de culpa. Quanto mais proibição e restrição, mais o eu é punido. Quanto mais se controla a agressividade para fora, mais severo e agressivo se torna em seu ideal do eu. Freud chega a afirmar que a gravidade de uma neurose é determinada pela atitude do supereu. Resume que “pode-se dizer do isso, que ele é totalmente amoral; do eu, que se esforça por ser moral; e do supereu, que pode ser supermoral e tornar-se tão cruel

2 FREUD, 1915, p. 311-314 *passim*.

quanto somente o isso pode ser” (FREUD, 1923, p. 70).³

Freud traça a satisfação obtida no circuito pulsional com os modos de gozo sádico e masoquista e assinala que, em princípio, não existe diferença entre uma pulsão voltar-se do objeto para o eu ou do eu para o objeto. O que importa é a defesa que opera aí. O masoquismo, a volta da pulsão ao próprio eu do sujeito, consistiria num retorno a uma fase anterior da história da pulsão, uma regressão (FREUD, 1920). Nesse ponto, a concepção do masoquismo teria algo de inteiramente exclusiva: ser um masoquismo primário.

A regressão aqui é uma elaboração precisa de Freud, pois essa defesa provoca uma mudança real no inconsciente e no eu. O recalque é um procedimento psíquico de tornar uma representação consciente em inconsciente. Ele afeta a representação, apaga um desejo da cena, mas mantém ambos inalterados no inconsciente, mesmo não havendo satisfação. A regressão, ao contrário, é um processo orgânico, envolve o corpo, permite o acesso à satisfação e muda o estado de coisas (FREUD, 1917). No masoquismo, portanto, o circuito pulsional retorna ao próprio eu pela via de uma degradação regressiva. O amor pelo pai sucumbe, em favor do sentimento de culpa, e a fantasia “o meu pai me ama” se transforma em “o meu pai me bate” (FREUD, 1919). A essência do masoquismo é a excitação libidinal obtida atra-

3 A autora deste artigo optou por traduzir os vocábulos **id**, **ego**, **superego**, que estão no texto original de Freud, para os seguintes termos, que são correspondentes e também muito usados na psicanálise: **isso**, **eu**, **supereu**, respectivamente.

vés desse substituto regressivo, em que corpo, necessidade de punição e erotismo se enodam.

No texto, “Bate-se numa criança”, Freud faz uma análise sobre a gênese das perversões. A fantasia de espancamento funciona como um “fenômeno residual incomum”, um resto da relação incestuosa no Édipo, um ponto de dessubjetivação, de fixação, em que o sujeito se fez instrumento de gozo do Outro, o pai (FREUD, 1919). Trata-se de um gozo autoerótico que se antecipa na estrutura como um traço primário de *père-version*, versão do pai. O supereu, como herdeiro do complexo de Édipo, retém o caráter do pai, e quanto maior for a influência dessa autoridade mais severa será a dominação do supereu sobre o eu (FREUD, 1923). Por essa condição, o masoquismo é acolhido nos destinos do circuito pulsional, não mais de forma isolada, mas como propriedade permanente do desejo libidinal (FREUD, 1919). Um desejo de gozo que dá satisfação ao que há de mais estranho no familiar e onde o sujeito se reconhece.

Encontramos esse estranho-familiar – *unheimlich* – na articulação que Freud faz do sentimento de culpa com a angústia. O primeiro nada mais é do que uma variedade da angústia como sinal diante do “medo do supereu” ou do medo da perda de amor do supereu (FREUD, 1930). Na ausência do amor, o sujeito busca a segurança da presença e isso o leva ao caminho do fracasso. Freud indica nos arruinados pelo êxito que não só a frustração convoca o gozo superegoico, mas também o êxito. Certos tipos de pacientes adoecem precisamente quando cumprem um desejo.

Pode-se concluir que há sofrimento na ausência e na presença de satisfação. É estar mal quando as coisas vão bem e estar bem quando as coisas vão mal. Com isso, se conserva o objeto do desejo sempre a distância (FREUD, 1916). É receber todas as bolas e errar todas.

Realizar um desejo provoca uma frustração interna, como se o sujeito dissesse: “não tenho direito a essa felicidade, não mereço essa satisfação, bom demais para ser verdade”. A incredulidade escancara a divisão subjetiva, põe a dúvida no processo do pensamento judicativo, que fica entre o prazer e/ou a punição. Isso é bom ou ruim? Isso existe mesmo ou não? Posso ou não posso usufruir do que quero? Freud se assombra, em sua visita à Acrópole, quando ele próprio duvida de sua felicidade diante da maravilha que tem em frente dos olhos. “Então tudo isso realmente existe *mesmo*, tal como aprendemos no colégio!” (FREUD, 1936, p. 295, grifo do autor). O que construí internamente como sendo a Acrópole está também na realidade?

Em seu texto “A negação”, encontramos a seguinte afirmação:

[...] não é apenas importante se uma coisa, um objeto de satisfação – *Befriedigungsobjekt* –, possui a ‘boa’ qualidade, portanto, se merece ser aceita no EU, mas também se ela está no mundo externo, de maneira que se possa apoderar-se dela, segundo a necessidade (FREUD, 1925, p. 308, grifos do autor).

O pensar tem a função de buscar na realidade algo outrora percebido, sem que o objeto exterior precise ainda estar presente. Mas a tarefa de “reencontrar” esse objeto na realidade e certificar-se de que ele ainda está presente é impossível. Posso ir à minha despensa com a certeza de que o que preciso está lá. No entanto, encontro outra coisa, mas não o que buscava. Esse processo psíquico de reencontrar o objeto é um tatear constante no jogo das pulsões primárias de vida e morte, com tentativas de inclusão e expulsão, de atribuição e presentificação. O encontro com essa realidade é, dessa forma, sempre caótico, pois entra a Coisa, *das Ding*, o elemento sem qualidades ou atributo, portanto, inassimilável, isolado na cadeia de pensamento. Sobre esse ponto, Lacan acrescenta em “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, que desse encontro do interior a um exterior, o sujeito terá que discernir as qualidades para a busca de satisfação. É um jogo ético, em que *Das Ding*, estranho e alheio à cadeia de significantes, orienta todo o encaminhamento do sujeito com relação ao mundo de seus desejos, para o melhor ou o pior (LACAN, 1959-1960).

De nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis. Lacan diz que isso pode ser considerado terrorismo, mas ele não cometerá o erro imperdoável de boa-fé ao excluir a ternura da bela alma (LACAN, 1965). Freud não deixou de ver, na função econômica do masoquismo e no mal-estar na cultura, a estrutura da constituição subjetiva, mesmo com a presença de uma satisfação que leva ao pior. Ele não recuou diante do gozo masoquista que se oferece na clínica como um sofrimento moral, inclusive com a possibilida-

de de interrupção do tratamento. A exigência de excitação sexual na dor intrigou o analista. Via de regra, a dor é uma demanda de satisfação endereçada ao outro, mas no masoquismo moral pode se tornar impessoal, com punição gerando punição em si mesma, sem barra e sem endereçamento ao outro. O masoquismo moral é o que conhecemos como o sentimento de culpa inconsciente e nele o que conta é o próprio sofrimento. A libido ou a sexualidade são deixadas de lado e a pulsão de morte, com toda a sua força, volta-se para a própria pessoa (FREUD, 1924).

A forma extrema e patológica do masoquismo moral nos indica que a necessidade de punição parte do isso, reino das pulsões, e não do inconsciente, reino das representações, onde a sexualidade circula livremente. O papel sádico e exigente do supereu, como mencionado no início do texto, vem das exigências de seu ideal, no qual o eu tem que seguir como modelo, vem das pulsões e das identificações. Ele é representante tanto do isso como do mundo externo, que, através de uma desfusão das pulsões, se tornou sádico (FREUD, 1924).

Freud tem o cuidado de estabelecer “a diferença que separa essa extensão inconsciente da moral e o masoquismo moral” (FREUD, 1924, p. 299). A primeira é o sadismo do supereu dirigido ao eu, quase sempre consciente; o segundo, inconsciente, é o próprio masoquismo moral. O supereu, assim, se tornou sádico, e o eu se tornou masoquista. Uma necessidade violenta de castigo se desenvolve no eu, que sexualiza a moral pela via da regressão para se oferecer

como vítima do destino. “Toda punição é, em última análise, uma castração e, como tal, realização da antiga atitude passiva para com o pai” (FREUD, 1928, p. 213). Essa moral sexual só pode levar a uma doença neurótica, em que o sujeito se perde no masoquismo do santo, do criminoso, do arruinado, do espancado, do inútil.

O supereu não é um conceito largamente trabalhado na escrita psicanalítica. Lacan mesmo diz não se dedicar muito a ele. No entanto, podemos encontrá-lo em toda a extensão da elaboração do ensino de Lacan e de Freud. Quando Lacan identifica o supereu como o nome do gozo, e Freud conjuga a gravidade da neurose com esse mesmo gozo, a ética da psicanálise nos convoca a não recuar diante da dimensão moral que implica a experiência trágica da vida.

Résumé: Freud affirme que se sentir heureux ne peut être considéré comme un but de la création. Cela nous indique que la possibilité du bonheur est limitée à notre constitution, cela ressort de la structure. Face au malaise, il n’y a pas de règle d’or qui s’applique à tout le monde et chacun devra découvrir par lui-même une manière précise de se sauver. Il y a un reste qui survit comme un trait indestructible de son propre malaise non sujet, lui-même divisé entre l’héritage moral qui civilise ou la jouissance et le sentiment de culpabilité ou le désir de punition qui animalise la jouissance. Freud a continué de voir, dans la fonction économique du masochisme et dans le malaise dans la culture, la structure de la constitution subjective, même avec la présence d’une satisfaction qui mène au pire.

Mots-clés: Surmoi. L’idéal du moi. Masochisme moral.

Referências

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 75-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 311-341. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-83. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia (1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Teoria geral das neuroses (1917 [1916-17]). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 397-417. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Neurose, psicose e perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte:

Autêntica, 2017. p. 123-156. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 351-377. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Um distúrbio de memória na Acrópole (1936). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 293-303. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, Sigmund. A negação (1925). In: _____. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 305-314. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 197-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio (1928). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 203-223. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Versão brasileira de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892.

Identificação, sintoma e traço

Wagner Siqueira Bernardes¹

Resumo: Tomando como referência o artigo “Psicologia das massas e análise do eu”, o autor discute os modos de identificação propostos por Freud articulando-os às contribuições de Lacan sobre o tema.

Palavras-chave: Identificação. Sintoma. Traço. Análise. Síntese. Dissolução.

Freud inicia seu texto, “Psicologia das massas e análise do eu”, afirmando que toda psicologia individual é simultaneamente psicologia social, pois, na vida anímica de qualquer indivíduo, o outro deve ser sempre levado em conta, não apenas como modelo, mas também como objeto, como adversário e como prestador de auxílio. Com isso, a noção de individualidade é abalada.

Esse é o tom que Freud imprime nesse importante texto, em que a expressão “análise do eu [*Ich-Analyse*]” deve ser tomada como aquilo que, em oposição à síntese, é uma “ação de dissolução ou decomposição do eu”. A abordagem freudiana do eu, longe de privilegiar o indivíduo, ou seja, o indiviso, aponta para a sua divisão.

1 Psicanalista. Doutor em psicologia pela UFRJ.

Segundo Freud (1923, p. 25)², um indivíduo pode ser concebido como “um isso psíquico”, não conhecido e inconsciente, sobre o qual, como uma superfície, se assenta o eu. Mas o eu, que é sobretudo corpóreo, não é meramente um ser de superfície. O eu é, ele mesmo, “a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923, p. 27).

É nesse sentido que, nas palavras de Freud (1923, p. 27), o corpo próprio pode ser visto como “um objeto outro”. Lacan (1954-1955, p. 264), atento a essa questão, ressalta que “o eu está na interseção de um e de outro”.

Por outro lado, o eu não é simplesmente a instância que rechaça o recalcado inconsciente. Na sua condição de consciente, ele acaba por ser o produto mesmo do inconsciente. O eu, no interior do sujeito, “não é senão um sintoma privilegiado; é o sintoma humano por excelência” (LACAN, 1953-1954, p. 25), algo que o sujeito “primeiro experimenta como estranho no interior dele mesmo” (LACAN, 1952, p. 40).

Freud já houvera alertado, em “O inconsciente” (1915), para a necessidade de nos desgarrarmos da importância dada “ao sintoma ‘condição de [ser] consciente’” (FREUD, 1915, p. 189, grifo nosso).³ Lacan afirma que, em virtude de estar submetida à consciência, a intuição do eu guarda um

2 As citações referentes a Freud foram retiradas da edição argentina (Amorrortu editores) das “Obras completas de Sigmund Freud” e traduzidas para o português.

3 O termo alemão *Bewußtheit* foi traduzido na edição argentina (Amorrortu)

caráter cativante, “do qual é preciso desprender-se para ter acesso à nossa concepção do sujeito.” (LACAN, 1954-1955, p. 79-80). No “Seminário 8”, Lacan (1960-1961) inverte o par de termos do texto de Freud e propõe o título “*Ich-Psychologie und Massenanalyse*”, ou seja, “Psicologia do eu e análise das massas”. Jogando com os termos, busca alertar a comunidade de psicanalistas, organizada como massa em torno do ideal do eu analítico, a não privilegiar certo número de miragens, especialmente a do eu forte, e a não acentuar a função pretensamente sintética do eu.

Se Freud afirma que a essência da alma das massas consiste no poder agregador de Eros, não deixa, contudo, de evocar o símile de Schopenhauer sobre os porcos-espinhos que se aglomeram no inverno para não morrer de frio; eles não podem suportar uma aproximação demasiado íntima, pois têm de manter uma certa distância para não se espetarem.

Pode-se dizer que todo laço afetivo estreito comporta um sedimento de aversão e hostilidade que, nas formações de massa, é atenuado ou até desaparece. É justamente nas pequenas diferenças humanas, não obstante a sua similitude em tudo o mais, que se assentam os sentimentos de hostilidade mútua. Trata-se do narcisismo das pequenas diferenças, que abala o mandamento do amor irrestrito ao próximo. Se as coisas se dispõem dessa maneira, resta-nos perguntar sobre o que mantém a massa coesa.

por “condição de consciente”. James Strachey propôs traduzi-lo por “o atributo de ser consciente”, “o fato de ser consciente” ou, apenas, “ser consciente” (Ver: “O inconsciente”. In: Edição *standard* brasileira das obras completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 189).

Ao estudar a Igreja e o exército, grupos organizados e estáveis, Freud destaca que essas instituições precisam do emprego de uma compulsão externa para não se dissolverem. Sua estabilidade depende da manutenção de um artifício, baseado numa ilusão: o líder ama a todos igualmente. A ligação de cada um de seus membros com o cabeça é a causa do vínculo recíproco entre eles. Esses laços têm como base a identificação, cujo intrincado e difícil estudo Freud passa a desenvolver.

De saída, assevera que a identificação, referente ao pai, é a mais precoce exteriorização de um laço sentimental com outrem. Não deixa, contudo, de acrescentar que, simultaneamente a essa identificação, há um cabal investimento de objeto relativo à mãe.

No começo, “é completamente impossível distinguir o investimento de objeto da identificação” (FREUD, 1923, p. 31), ou seja, há uma coincidência entre identificação e investimento objetal. Justamente por ser amado, o objeto é chupado, tragado e incorporado por devoração, sendo aniquilado como tal. Trata-se da fase canibalística, na qual não há qualquer intervalo ou divisão. Nela há uma coincidência eu/outro, sujeito/objeto, amor/ódio, assimilação/destruição. Nesse tempo, o sujeito “é” o que “tem”, o objeto; o sujeito é aquilo que ele próprio consome e devora, o objeto. Esse, portanto, é um tempo inapreensível, que só pode ser construído *a posteriori*.

É apenas quando há um descolamento entre sujeito e objeto que se torna possível formular, secundariamente, uma identificação. Esta não só mostra a vacilação do eu, cindido

no intervalo entre sujeito e objeto, como também revela a sua tentativa de recomposição. A identificação torna-se o substituto da ligação libidinal de objeto perdida; como compensação, o objeto se instala no eu.

Freud ilustra o segundo tempo da identificação através da formação histérica de sintoma, na qual o sujeito se debate entre o objeto da disputa amorosa e seu outro rival. Num caso, pode ser copiado o objeto amado; noutra, é o rival hostilizado o que se copia. De acordo com Lacan (1953-1954), é primeiro no rival que o sujeito se apreende como eu.

A identificação secundária não é abrangente. Pelo contrário, é parcial e muito limitada, pois toma emprestado “um único traço [*einen einzigen Zug*]⁴ da pessoa-objeto” (FREUD, 1921, p. 101). Esse traço encontra-se na base do sintoma. Freud dirige-se à menina: *Você queria ser sua mãe... agora você a é, pelo menos em seu sofrimento* – a tosse martirizadora. Pode-se acrescentar: *Você queria ter o seu amado pai... agora, pelo menos a tosse dele você tem.*

Assim, na disputa amorosa, o sujeito acaba por ter de se contentar com o resto, rejeitado e expelido, do objeto que o decepcionou, seja ele o amado ou o rival. Através do sintoma, a libido pode “abrir passagem para uma satisfação real” (FREUD, 1916-1917, p. 328), embora muito restrita e pouco reconhecível, pois apresenta-se como sofrimento.

4 *Zug* (Ver: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, v. XIII, p. 117) tem, segundo o Dicionário de bolso Langenscheidt, as seguintes conotações: traço; tirada, puxada, puxão, tração; comboio, pelotão, cortejo; chupada, trago, fôlego; rasgo.

Lacan (1954-1955) assinala que o sujeito não pode desejar sem dissolver-se ele próprio e sem ver escapar-lhe o objeto. Salienta ainda que aquilo que foi objeto da relação libidinal (nos exemplos de Freud, tudo o que gira em torno do tossir) “é transformado numa função significativa para o sujeito” (LACAN, 1957-1958, p. 308). Um outro desejo toma o lugar do desejo inicial, recalcado.

A identificação marca, no segundo tempo, o ponto de falta do objeto, que embasa a formação de sintoma. É nessa medida que se pode dizer: “puxou ao pai ou saiu à mãe”. Um traço único⁵ apresenta-se aqui como tirada, puxada, rasgo, tração. Algo do sujeito é subtraído, puxado do seu próprio interior, como objeto.

É o que Freud mostra ao referir-se ao primeiro objeto erótico do bebê, o peito materno:

É certo que no começo o peito não se distingue do próprio corpo [do bebê] e quando precisa ser separado do corpo, trasladado para ‘fora’, pela frequência com que o bebê sente falta dele, leva consigo, como ‘objeto’, uma parte do investimento libidinal originalmente narcisista (FREUD, 1940, p. 188).

Essa passagem nos remete ao que Lacan formulou como separação fundamental, não propriamente separação, mas “divisão por dentro” (LACAN, 1962-1963, p. 259). É isso, continua Lacan, que se inscreve, desde a origem, na estruturação do desejo.

5 Ver nota 4.

Pode-se também evocar o que Lacan (1959-1960) relaciona a *das Ding*, a Coisa, situada no centro, mas excluída e alheia ao eu, embora esteja em seu âmago. Trata-se, ainda, do que Lacan (1968-1969) designou pelo termo êxtimo, aquilo que, sendo o mais íntimo do sujeito, é o radicalmente exterior.

É nessa perspectiva que se deve conceber o objeto *a*, “pedaço carnal arrancado de nós mesmos” (LACAN, 1962-1963, p. 237). Sabe-se que é em torno de *a*, objeto perdido para sempre, ou melhor, jamais encontrado, que se instauram todos os revestimentos narcísicos nos quais, ressalta Lacan (1967-1968), se apoia o amor.

Amamos devido a perfeições que pretendemos alcançar, pela via do enamoramento, para satisfazer nosso narcisismo. No estado amoroso, tendemos a atribuir ao objeto excelências que, na verdade, aspiramos para nós próprios. É primeiro num outro, “mais avançado, mais perfeito que ele, que o sujeito se vê” (LACAN, 1952, p. 40).

A imagem ideal, perdida no segundo tempo da identificação, é o que o sujeito tenta resgatar por meio de uma terceira via, através da qual se ancora na comunhão de algo percebido e partilhado com alguém que “não é” objeto da pulsão. A partir do desejo de se colocar na mesma situação, um eu, afirma Freud (1921), percebe algo análogo no sintoma produzido por outro, e a identificação pelo sintoma passa a ser o indício da coincidência entre os dois eus. É o caso das moças do internato que, sabedoras de um rela-

cionamento amoroso secreto de uma delas, repetem, em massa, o ataque histérico provocado naquela, após a leitura de uma carta que lhe desperta ciúmes.

A situação descrita por Freud diz respeito à colocação em jogo de uma mesma disposição afetiva, o desejo de ser amada, que reside na ligação com um objeto de amor idealizado e inatingível. Essa modalidade de identificação tem como horizonte o ideal do eu e concerne à psicologia coletiva. Todos, numa espécie de fascinação, são tomados em massa. Contudo, para que se conduzam por um mesmo ideal, é preciso “que todos esses objetos exteriores sejam tomados como tendo um traço comum, *einzigiger Zug*” (LACAN, 1960-1961, p. 379).

Nesse terceiro tempo, destaca-se uma outra conotação de *Zug*,⁶ a de comboio, seja ele um conjunto organizado de veículos de transporte sob a guarda de uma escolta, ou uma série uniforme de vagões puxados por uma locomotiva, ou ainda uma tropa de seguidores que, em cortejo e veneração, se deslocam para um mesmo destino.

Lacan (1961-1962), no “Seminário 9”, ressalta que o traço unário pode ser substituído por todos os elementos da cadeia significante, simplesmente por ser sempre o mesmo. Ele é o que tem de comum todo significante, ser constituído como traço.

6 *Zug* (Ver: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, v. XIII, p. 117) tem, segundo o Dicionário de bolso Langenscheidt, as seguintes conotações: traço; tirada, puxada, puxão, tração; comboio, pelotão, cortejo; chupada, trago, fôlego; rasgo.

No capítulo VIII de “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud destaca os casos extremos de enamoramento, nos quais o objeto torna-se o substituto de um ideal de eu não alcançado. Cada vez mais grandioso, o objeto se apossa do amor próprio do eu, provocando uma espécie de cegueira lógica acompanhada de crédula obediência, tal como na relação do hipnotizado com o seu hipnotizador. Nessas circunstâncias, pode-se observar que a crença irrestrita no amor torna-se “uma importante fonte, senão a originária, da *autoridade*” (FREUD, 1905, p. 137, grifo do autor).

Lembremos que Freud (1921) define uma massa primária como um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de eu e, em consequência disso, se identificaram uns com os outros em seu eu.

O terceiro modo de identificação traz como principal exigência a justiça. Todos devem ser tratados igualmente, e ninguém pode se destacar. É o que ocorre, por exemplo, numa turba de mulheres que, em seu entusiasmo amoroso, assediam o seu ídolo. Por hostilidade ciumenta, elas deveriam se atracar pelos cabelos, mas, diante da impossibilidade de terem o ídolo inteiramente para si, atuam como uma massa unitária, contentando-se em partilhar um chumaço de sua cabeleira. Inicialmente rivais, “identificam-se entre si a partir de seu semelhante amor de objeto” (FREUD, 1921, p. 114).

Freud, reconhecendo não ter esgotado a questão da identificação, propõe ser suficiente voltar para apenas esse tra-

ço⁷, “a exigência de realização consequente da igualdade, [...] todos serem amados de igual modo por um” (FREUD, 1921, p. 115).

Dito de outra maneira, “muitos iguais, que podem identificar-se entre si, e um único [*ein einziger*]⁸, superior a todos eles” (FREUD, 1921, p. 115).

Todavia, a crença de amor igualitário, ancorada no arquétipo paterno, não passa de um ardil. Os filhos se sabiam amados, mas também odiados e perseguidos, com a mesma intensidade, pelo pai da horda. São esses sentimentos que os levam a se unir para, em conjunto, matar o pai. Morto, este deveria ser substituído, mas ninguém ousa fazê-lo e todos renunciam à ansiada herança paterna.

Porém, destaca Freud, o anseio decorrente da privação moveu um deles a separar-se da massa. Quem o fez “foi o primeiro poeta épico” (FREUD, 1921, p. 128) e só conseguiu efetivar seu ato porque apresentou a realidade sob uma luz mentirosa. Apoiado em sua fantasia, inventou o mito do herói: ele, “sozinho”, tinha matado o pai.

Por meio dessa astúcia, o poeta descolou-se da massa, mas era necessário retornar a ela, ou seja, achar o caminho de volta à realidade. Ele o faz quando relata à massa as façanhas de seu herói, no fundo ele próprio, e assim desce à

7 *Zug*, no original alemão (Ver: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, v. XIII, p. 134).

8 Ver: Freud, Sigmund. *Gesammelte Werke*, v. XIII, p. 135.

realidade e eleva seus ouvintes, agora identificados ao herói, à fantasia. É por essa via que se enlaça socialmente.

Recorrendo a um artifício, propicia a todos a admissão do desejo de morte em relação ao pai. Através do mentiroso mito do herói, o poeta desmistifica o pai, quebrando o mito do pai primevo, implacável e todo-poderoso.

Lacan destaca que Freud inaugura uma questão fundamental em “Psicologia das massas e análise do eu”, qual seja:

Como um objeto, reduzido a sua realidade mais estúpida, porém colocado por um certo número de sujeitos numa função de denominador comum, que confirma o que diremos de sua função de insígnia, é capaz de precipitar a identificação com o Eu Ideal, inclusive no débil poder do infortúnio que no fundo ele revela ser (LACAN, 1960, p. 684).

Ressalta, ainda, que a importância dessa questão torna-se inteligível quando evocamos a figura do *Führer* e os fenômenos coletivos que deram ao texto de Freud o seu peso de vidência no cerne da civilização.

Para acentuar esse peso, recorreremos à passagem, encontrada no apêndice A de “Psicologia das massas e análise do eu”, em que Freud realça ser óbvio que o soldado tome como seu ideal o líder do exército e, ao mesmo tempo, se identifique com seus iguais. Porém, ao querer identificar-se com o general em chefe, ou seja, tomar-se por ele, torna-se-á ridículo. Freud (1921, p. 127) cita Schiller, na cena 6 da peça “*Wallensteins Lager*”, escrita em 1800, em

que o soldado ri da pretensão do sargento. Diz o soldado ao sargento:

*Seu modo de pigarrear e de cuspir,
eis o que o sr. copiou perfeitamente!*

Colado no ideal de perfeição pretendido, o sargento não pode fazer da falha do líder senão o seu próprio sintoma. Assim, só lhe resta encarnar “o cuspidor e escarrador geral”, pois, por acreditar-se infalível, não consegue fazer de seu sintoma uma tirada espirituosa.

Abstract: Taking the article “Group psychology and the analysis of the Ego” as a reference, the author discusses the modes of identification proposed by Freud articulating them with Lacan’s contributions on the subject.

Keywords: Identification. Symptom. Trait. Analysis. Synthesis. Dissolution.

Referências

FREUD, Sigmund. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: _____. *Fragmento de análisis de un caso de histeria. Tres ensayos de teoría sexual y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1978. p. 109-222. (Obras completas, 7).

FREUD, Sigmund. Lo inconciente (1915). In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 153-213. (Obras completas, 14).

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 183-245. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Los caminos de la formación de síntomas (1916-1917). In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 326-343. (Obras completas, 16).

FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo (1921). In: _____. *Más allá del principio de placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 63-136. (Obras completas, 18).

FREUD, Sigmund. Massenpsychologie und Ich-Analyse (1921). In: _____. *Jenseits des Lustprinzips. Massenpsychologie und Ich-Analyse. Das Ich und das Es*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p. 71-161. (Gesam-

melte Werke, 13).

FREUD, Sigmund. El yo y el ello (1923). In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 1-66. (Obras completas, 19).

FREUD, Sigmund. Esquema del psicoanálisis (1940). In: _____. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 133-209. (Obras completas, 23).

LACAN, Jacques. O mito individual do neurótico (1952). In: _____. *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 11-44.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*

(1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 9: a identificação* (1961-1962). Seminário inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico* (1967-1968). Seminário inédito.

LANGENSCHIEDT. *Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã*. Berlim: Langenscheidt, 1982.



Nota sobre o sintoma e o tempo na psicanálise contemporânea

Guilherme Massara Rocha¹

Resumo: O artigo discute variantes de apresentações subjetivas peculiares à clínica psicanalítica contemporânea. Aspectos do supereu social, das demandas e das inflexões significantes/narrativas são discutidos, com vistas a pensar estratégias de manejo da transferência, com destaque para os usos da interpretação e do tempo lógico.

Palavras-chave: Sintoma. Linguagem. Interpretação. Tempo lógico.

Com seus recursos próprios, Freud e, em alguma maneira, também Lacan nos ensinaram a reconhecer no sintoma uma função específica, que seria correlativa ao movimento de cifrar uma satisfação pulsional recalcada, sob a pressão das injunções categóricas de um supereu hipermoral. Mas eis que, em nossa era, o sintoma se desloca, revelando-se agora como o obstáculo que se interpõe diante da execução cabal de todas as disposições para o usufruto do gozo. Sustentado, sempre é bom lembrar, por uma versão não menos

1 Psicanalista. Doutor em Filosofia e professor do Departamento de Psicologia da UFMG. Membro da International Society of Philosophy and Psychoanalysis e da Fédération Européenne de Psychanalyse – FEDEPSY.

severa do supereu, mas cujo mandamento é o de obrigar a gozar. “Goza”: essa injunção era aquela que outrora se fazia ouvir no interior do ruído produzido pelo próprio sintoma, conjugada aos apelos de expressão do inconsciente e das satisfações recalçadas. Agora, trata-se de uma voz que advém de alhures, ainda mais obscena – e que encontra no sintoma a barreira que amortece sua reverberação ensurdecadora. É interessante notar como Freud já alertava para o fato de que o sadismo do supereu seria revelador de suas aptidões em extrair do isso parte de sua energia. Ao se comportar dessa maneira, o supereu eiva de paixões as normas significantes de suas injunções. Seus comandos se configuram sob a forma de pensamentos que se impõem dramaticamente, drasticamente. As ideias obsessivas do obsessivo eram, a seu modo, paradigmáticas para Freud, pois nelas esse teor pulsional da injunção superegoica se mostrava em toda sua extensão.

Mas o desafio contemporâneo da psicanálise é pensar um modo de operação do supereu no qual o conteúdo significativo de sua injunção não é só investido com o teor pulsional do isso, mas quase absolutamente “reduzido” – ou mesmo apagado – pela pressão sensível dessa instância. Trata-se aqui de uma modalidade de operação superegoica profundamente evadida da dimensão significativa, pois ela sinaliza para uma experiência de sentido que parece começar e terminar no corpo. Talvez uma das traduções possíveis da injunção “goza” seja essa: teu sentido é teu corpo; aquilo que és deve ser determinado pelo usufruto absoluto de sua aptidão para o gozo sensível.

Bernard Baas é quem demonstra, em seu portentoso estudo sobre o tema, em que medida a moral pré-kantiana do século XVIII já seria fortemente marcada por uma presença da “voz que não engana”, da voz “*insurcriable*” do supereu. Mas trata-se ali de uma voz que se coloca no nível da natureza, identificada à sensibilidade empírica, e que se põe como fundamento da consciência moral. Kant, por seu turno, quer esgotar o sentimento moral de todo resíduo patológico, de toda sensibilidade natural, dotando-o, liminarmente, de uma “vontade não submetida à heteronomia dos móveis sensíveis” (BAAS, 2010, p. 92). Em nosso tempo, a figura do supereu social parece bascular entre esses dois campos, ora assumindo o tônus imanente de uma sensibilidade que deve se colocar como soberana a quaisquer motivos racionais, ora pendendo para o lado de uma razão pura prática, na qual a força dos imperativos não deve ser submetida a nenhum regime de prova dos afetos.

Os sujeitos que se consagram à forma própria desses imperativos são então, não por acaso, aqueles que colocam profundos obstáculos e impasses ao tratamento analítico. Seu discurso, quando pendem para o primeiro desses tipos, é habitualmente caracterizado por um movimento puramente descritivo, e que gravita em torno das modalidades de gozo sensível que experimentam – por exemplo: com a droga, com o sexo, com os semblantes com os quais demandam reconhecimento social, ou com os objetos de consumo. São ainda sujeitos cuja trajetória é marcada por reiteradas “atuações”, o que não deve causar espécie, na medida em que parecem inconscientemente convictos de

que o sentido de suas experiências é inseparável do comando a que se veem incitados pelo universo das sensações. Qualquer analista efetivamente comprometido com a ética da psicanálise não se surpreenderia, eventualmente desanimado, com o tratamento de tais sujeitos, para os quais os áridos efeitos de interpretação e articulação significante, produzidos quase “a fórceps” no *setting* analítico, parecem se diluir perante a primeira oportunidade de mover-se novamente na direção do gozo acéfalo, ou das constelações imaginárias. Algo *prêt-à-porter* que lhes parecem fornecer o sentido de suas experiências. No limite, tem-se frequentemente a impressão de se estar diante de sujeitos não dispostos a nenhuma renúncia libidinal, e isso na mesma escala em que sua relação à linguagem toma a forma de uma fragilidade estranha, dos dizeres sofridos, frequentemente, mas heterogêneos à força interpelante do significante. Sujeitos cuja fala descreve, mas não circunscreve, que parecem não conseguir avançar na percepção de sua própria divisão, profundamente aderidos ao dizer do Outro, com o qual se confundem inexpugnavelmente. Tais circunstâncias de fala precária, por vezes, assumem feições débeis. Mas essa aparente debilidade nada tem a ver com quaisquer inaptidões cognitivas ou intelectuais. Nada a ver com qualquer déficit de inteligência ou raciocínio. Nossa hipótese é de que essa apresentação subjetiva revela a tirania da racionalidade instrumental de nossos tempos, expressa pela paixão das fórmulas elementares, da redução da trama significante – e conseqüentemente do inconsciente – a uma fixidez da demanda – por um objeto, ou um objetivo – que

deixa pouco espaço ou disponibilidade para uma pergunta sobre seu fracasso – que apontaria para o desejo inconsciente, ou eventualmente até mesmo sobre a repetição.

Outro semblante comum dessa forma de apresentação subjetiva é o que se manifesta pela adesão marcadamente identitária de uma sentença do Outro – mandamentos extraídos de fontes diversas: literatura de autoajuda, proferimentos místicos ou religiosos aleatórios, sentenças e aforismas brotados dos canteiros digitais os mais diversos, e de proveniência ou autoria duvidosa. O efeito mandatório de tais sentenças comumente as descola de seu contexto, e parece imprimir no sujeito um certo efeito de apaziguamento, mas na exata proporção de sua vocação alienante. Sentenças sobre como se comportar no amor ou no trabalho, como gerir o tempo ou os hábitos – os bons e os maus. Sentenças, no limite, que incidem sobre as escolhas fundamentais e que conclamam frequentemente atitudes de cunho pragmático e programático, de onde advém sua força de sedução e sua promessa de sucesso. Não raro, no tempo das entrevistas preliminares de uma análise, se faz necessário aguardar o outono dessas pétalas de sabedoria, que, ao caírem, reabrem o umbral do inconsciente. Renunciar à demanda de sujeição ao discurso do mestre parece cada vez mais difícil, sobretudo em tempos nos quais o discurso do capitalista aposta na forma-mercadoria da própria atitude de mestria. Tempos em que, por assim dizer, o monge é o empresário. Conquanto ele cede do silêncio em benefício da gestão dos corpos e dos afetos.

Eis aí novamente escancarada a garganta obscena do supereu inconsciente, que dá origem a experiências em que a linguagem passa a exercer uma função puramente normativa, numa lógica em que o pensamento reflexivo cede brutalmente espaço à obediência. São esses os sujeitos com os quais o analista deve ter absoluta cautela quanto às suas intervenções. Não raramente, uma pontuação, uma interpretação, um aparte, ou mesmo uma construção – cujo objetivo seria o de produzir uma escansão, colocar em suspenso a força das significações e introduzir o vazio a partir do qual o pensamento reflexivo pode voltar a operar – podem ser, ao contrário disso, tomadas como novos mandamentos, para os quais o paciente buscará encontrar na sensibilidade pulsional um horizonte de satisfação. A pregnância da demanda tem como consequência uma certa susceptibilidade aumentada à sugestão, fundada nessa estranha compulsão em elevar à condição de imperativos a palavra do Outro.

Outro aspecto relativo ao tratamento dessas subjetividades, que se poderia colocar em perspectiva, diz respeito ao manejo técnico do tempo lógico. Nos tempos de Lacan, a prática regular de sessões muito curtas parecia se justificar no contexto de um panorama social cuja consistência discursiva refletia-se em subjetividades profundamente atormentadas pela extensão, complexidade e profundidade dos arranjos imaginários em que se sustentavam. A espessura da alma, como atributo da vida individual e social, fora um marco dessa clínica em que a violência do corte e da interpretação surgiam como barreira ao desaparecimento do sujeito na selva do significante. Nesses termos, a sessão curta

se colocava como um instrumento que trabalhava a favor do esvaziamento da densidade discursiva dessas subjetividades, erodindo a consistência significativa e criando as brechas sem as quais o sujeito do inconsciente não poderia aparecer.

Atualmente, é importante considerar que se a pregnância imaginária das determinações subjetivas não é menos pungente, sua forma, todavia, e seus modos de operação são bastantes distintos. Trata-se de um imaginário em que predominam, quando muito, curtas ficções. Aquilo que Freud tão lírica e literariamente designava por “romance familiar”, e que poderia fornecer a figura e os contornos do imaginário prosódico e ortoépico de seu tempo, agora parece ter sido transformado por uma estética minimalista – ainda que de teor francamente discutível –, mas em que o discurso se apresenta como fragmentário, aforismático, exacerbadamente cotidiano e sintomaticamente descritivo. Nessa medida, o recurso sistemático às sessões curtíssimas pode, literalmente, tornar-se um tiro pela culatra. Corre-se o risco de aderir ainda mais o analisante aos anátemas e injunções em que ele se aliena, angustiando-o com um excesso de não-sentido do qual, fundamentalmente, ele já padece, e não obtendo com isso nada mais do que uma certa cronificação de sua esgarçada relação ao significante. Corre-se o risco, ainda, de abortar-lhe a oportunidade de exercitar-se na linguagem, de cultivar – no sentido botânico da palavra – um certo canteiro de pensamentos minimamente articuláveis, que forneceriam ao inconsciente uma certa espessura, preliminar a qualquer tratamento possível

da relação do sujeito com o discurso. Queremos afirmar com isso que, ao contrário dos tempos de Lacan, em que a navalha da interpretação encontrava sem maiores dificuldades uma selva espessa para trabalhar –, o que caracterizava a interpretação analítica, na expressão de Michel Foucault, como muito mais da ordem de “uma relação mais de violência que de elucidação” (FOUCAULT, 1975, p. 23) – em nossa era, há que se cultivar algo antes, adubar certas frases, regar certos circunlóquios e interjeições, enfim, aguardar o instante da colheita, antes de brandir a tesoura do ato e da interpretação analíticos. E, para isso, é preciso tempo. Um tempo que por tornar-se conseqüentemente mais extenso ou mais dilatado – ou não peremptoriamente tão curto – não se torna menos lógico por isso.

Freud, em “Sobre o início do tratamento”, faz flertar o tratamento analítico com “o nobre jogo do xadrez”, lembrando-nos do insondável espectro de contingências que caracteriza o miolo das partidas, a despeito de um início e um final susceptíveis, em suas palavras, de uma “apresentação sistemática” (FREUD, 1913, p. 164). Quando Freud, em seu tempo, discutira as resistências à psicanálise, ele tinha em seu horizonte os motivos do descentramento cosmológico e evolutivo, aos quais ele acrescenta o seu próprio, o golpe narcísico do descentramento subjetivo. No âmbito dos impasses contemporâneos relativos ao tratamento psicanalítico, conforme procuramos discutir aqui, temos que levar em conta, quanto ao sujeito, um movimento de balsa de caráter profundamente contundente, cujos limites são caracterizados, por um lado, por toda a sorte de derivas

e desatinos oriundos de um profundo sofrimento de indeterminação; e por outro, por movimentos radicais de alienação aos discursos hegemônicos, com destaque para os discursos da ciência, do consumo e das conexões virtuais. E também, fundamentalmente, para um semblante específico do discurso capitalista que funde a verdade ao teor quantificável de afirmação de uma sentença. O verdadeiro, o crível, o sensato, por assim dizer, é o dito curtido e validado pela ação da massa. O triunfo contábil do dito funda a experiência de alienação, e o dizer, como lembrara Lacan – o avesso frequentemente obsceno de tais afirmações – “resta esquecido” (LACAN, 1972, p. 439).

Mas é notório o fato de que tais sujeitos continuam a demandar da psicanálise um tratamento para aquilo que mais se vê comprometido por tais modos e posições no mundo: o desejo. Quando se entra no nobre tabuleiro analítico, inexoravelmente se é levado à convicção de que, sem que alguma peça seja cedida ao Outro, nenhum movimento desejante pode verdadeiramente acontecer. Entrar em análise é estar em cheque. Quando, todavia, a partida está prestes a terminar, realiza-se o quanto, tal como lembrara Freud, seu final já era, de algum modo, previsível.

Em 1968, os artistas John Cage e Marcel Duchamp empreenderam, na feira de arte de Toronto, uma performance que leva o sugestivo título de *Reunion* – reunião, ou encontro. A performance consistiu numa partida de xadrez, disputada entre os protagonistas, que tinham, cada um deles, eletrodos ligados à cabeça. Cage, usando dispositivos

eletroacústicos, converteu as ondas cerebrais deflagradas durante a partida em sons, que foram gravados e que configuraram, por assim dizer, a memória daquela partida. Cage tomava Duchamp por um mestre. Sempre que podia jogava xadrez com ele, pelo simples prazer de estarem perto, ou reunidos. Mas Duchamp, sempre quieto, aforismático e esquivo, jamais se preocupava em ensinar xadrez a Cage, que não parecia efetivamente muito dotado para o jogo. Apenas o incitava ao desejo de vencer uma partida, ou de levá-la a seu termo. A inércia do real, a característica beckettiana da performance – em que quase nada efetivamente acontece, e onde o sentido cede lugar ao estranhamento e à perplexidade – são marcas desse acontecimento histórico entre dois artistas para os quais a argila fundamental responde pelo nome de contingência. Sem convicções em interioridades recônditas a serem reveladas, ou mesmo em programas demonstrativos a que a arte estaria destinada – fossem eles a ela internos ou solidários do espírito de seu tempo – essa dupla de jogadores sempre apostou na força expressiva do instante, do golpe sobre o espectador ou ouvinte daquilo que se formula a partir de um resto, ou de seus receptáculos. Um vaso sanitário, ruídos informes, puras imagens visuais derivadas de osciladores de frequência que sintetizam, com a beleza purificada dos enigmas, o sentido liminar de um encontro, de uma mútua suposição de saber. Um encontro produtor de semblantes cuja verdade reside no intervalo em que a arte rompe os semblantes do olhar, da audição, dos códigos bloqueadores da sensibilidade e do espírito. Dessa performance, o que menos

pareceu interessar aos críticos foi saber quem a venceu, ou como. O que nela interessa é o ato estético-moral de um encontro inesquecível, cuja memória é uma música ilegível ou quase inaudível. Duchamp faleceu nesse mesmo ano, e em sua lápide jazem os escritos: “Além do mais, são sempre os outros que morrem” (CABANNE, 2002, p. 194). Quanto à sua performance com Cage, desse resto, desse resíduo sonoro, talvez seja ele aparentado àquilo que, ao fim e ao cabo da partida analítica, continua a ecoar, e que rege – ou rega – nossa sempre inacabada partitura de desejar.

Abstract: The article discusses variants of subjective presentations peculiar to contemporary psychoanalytic clinic. Aspects of the social superego, demands and significant/narrative inflections are discussed, putting in perspective transference and its management strategies. An emphasis on the uses of interpretation and logical time are also sketched by the end of the article.

Keywords: Symptom. Language. Interpretation. Logical time.

Referências

BAAS, Bernard. *La voix déliée*. Paris: Hermann, 2010.

CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx* (1975). Tradução de Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FREUD, Sigmund. Sur l'engagement du traitement (1913). *Oeuvres Complètes Psychanalyse*. v. XII. Paris: PUF, 2005.

LACAN, Jacques. L'étourdit (1972). *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.



Implicações psicanalíticas do campo do gozo

Pedro Braccini Pereira¹

Resumo: Nosso ponto de partida é a questão de saber como a experiência da psicanálise permitiu a Lacan introduzir no campo freudiano a dimensão do gozo. Demonstrando o lugar central do gozo na economia subjetiva, ele modifica radicalmente a perspectiva da direção do tratamento psicanalítico.

Palavras-chave: Gozo. Pulsão. Campo lacaniano.

O campo do gozo seria o campo lacaniano por excelência, tal como o próprio Lacan sugeriu na lição posteriormente intitulada “O campo lacaniano”, de 11 de fevereiro de 1970, em “O Seminário 17: o avesso da psicanálise”. Ele diz que: “No que diz respeito ao campo do gozo – é pena, jamais será chamado de campo lacaniano, pois certamente não vou ter tempo sequer para esboçar suas bases, mas almejei isto.” (LACAN, 1969-1970, p. 72).

A elaboração do estatuto do gozo é a contribuição mais importante de Lacan. Não é somente a direção da cura que

1 Psicanalista. Membro correspondente da Federação Europeia de Psicanálise – FEDEPSY. Diretor do Centro de Atenção Psíquica Freud Cidadão. Professor de Psiquiatria da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

mudou radicalmente, mas também a concepção de uma ética, em que Lacan vai colocar os fundamentos no real específico de cada discurso, segundo sua estrutura. O sujeito que se determina daí vai se localizar na realização de seu desejo, mas um desejo que não existe sem o gozo (VALAS, 1998).

Freud, por sua vez, não conceitualiza o gozo. Sem o saber, já o distingue do prazer quando o situa no nível da pulsão de morte, que se manifesta além do princípio do prazer. Freud usa raramente o termo gozo, em alemão *Genuss*, sendo que o uso se confunde com o sentido da linguagem corrente. Lacan toma esse vocábulo do discurso jurídico, que traz em sua essência a noção de distribuir, de repartir e de remunerar esse gozo.

Segundo Patrick Valas (1998), no início do ensino de Lacan, desejo e gozo são quase sinônimos. O primeiro ensino se assentava sobre o desejo de ser, prescrevendo certo regime da interpretação, que é a interpretação de reconhecimento. Uma interpretação que reconhece o desejo subentendido e o exhibe, como, por exemplo, cada vez que nos esforçamos para interpretar um sonho, praticamos a interpretação de reconhecimento. Há também outros estatutos posteriores da interpretação que incidem, não sobre o desejo, mas sobre sua causa. É uma interpretação que trata o desejo como defesa tratando a falta-a-ser como uma defesa contra o que existe. E o que existe, ao contrário do desejo que é falta-a-ser, é o que Freud abordou por meio das pulsões, e que Lacan nomeou de gozo. Passando do reconhecimento para

a causa, Lacan desloca também o ponto de aplicação da prática analítica do desejo para o gozo.

É em “O Seminário 7: a ética da psicanálise” que Lacan (1959-1960) introduziu o gozo no seu ensino de uma maneira conceitual. Até então, ele empregava esse termo de modo similar a Freud, no sentido corrente do vocábulo na língua. Ele apresenta, nessa ocasião, a hipótese de captura do gozo pelo significante. Na representação topológica que propõe a partir do anel do toro, coloca, sobre o corpo do anel, o sistema de representações simbólicas e imaginárias do sujeito; enquanto que, no buraco central circunscrito pelo anel, ele coloca a Coisa – *das Ding*, ou seja, o gozo, que está localizado no coração das representações do sujeito. Nessa figura topológica, o interior do anel se comunica com o exterior. Daí que possamos compreender o gozo como tendo uma relação “êxtima” ao sujeito, o que quer dizer que o gozo é isso que é ao mesmo tempo o mais estrangeiro e o mais íntimo do sujeito, estando fora do significante, no real (LACAN, 1969-1970).

Nesse seminário, Lacan vai mostrar que o lugar principal é ocupado, não pelo nome do pai, mas pelo que ele chama de a Coisa, correlata do real, e que seria, a saber, o gozo. O gozo vem no lugar do Nome do pai e se apresenta ali enfiado no campo central da Coisa, cercado por uma barreira que torna impossível o acesso ao sujeito. O gozo, que não é o prazer, é nocivo e é um mal para o sujeito, porque está no princípio de sua própria abolição (VALAS, 1998).

Um paradoxo crucial do ponto de partida de Lacan sobre o gozo é como que o sujeito desejante pode estar em busca do gozo, uma vez que o gozo comporta, quando alcançado, a própria abolição subjetiva do sujeito? Em um primeiro momento, para Lacan, uma vez que o desejo é correlato à Lei, então uma transgressão seria necessária para se chegar ao gozo. O significante faz obstáculo ao gozo. E se podemos falar de sujeito do desejo que depende de suas representações, entretanto, pode-se falar também que não existe sujeito do gozo. No gozo, que só o corpo pode experimentar, o sujeito se abole. Só existe gozo do corpo. Só o corpo pode gozar, ou ainda, o corpo é feito para gozar. O gozo é interdito àquele que fala, uma vez que é a própria condição de possibilidade de fala. O resultado é que o gozo só pode ser dito nas entrelinhas pelo sujeito da Lei, quer dizer, pelo sujeito dividido entre o desejo que vem do Outro, e o gozo que está na Coisa.

Articular que o gozo é primeiramente impossível, e depois que ele é interdito, ou seja, apenas legível nas entrelinhas, significa que, a partir de seu aparelhamento pela linguagem, ele é cifrado pela inscrição de traços mnêmicos constitutivos do seu aparelho psíquico. Essa noção de cifragem vai conduzir Lacan a elaborar o estatuto do gozo segundo diferentes modalidades, que se desdobram, desde o gozo do Outro, como impossível e interdito, até o gozo fálico, como correlato da Lei e cuja incidência se efetua no Édipo. Mas tem também uma parte do gozo que escapa à tomada do significante, e que Lacan vai conceitualizar como um mais-de-gozar no objeto *a*. Esse mais-de-gozar deve ser

entendido de duas maneiras: de um lado, que não existe mais de gozo, que ele é perdido pelo próprio fato do significante; e, por outro lado, que tem um resto desse gozo que escapa ao significante sob a forma do objeto *a*, objeto que comemora o gozo perdido, ao mesmo tempo em que ele próprio está no princípio de um bônus de gozo. Nesse momento, ainda não aparece no ensino de Lacan outra forma do gozo, o gozo especificamente feminino. Esse gozo feminino seria aquele que nunca foi tomado no processo significante, o que é a razão do seu enigma (VALAS, 1998).

Segundo Valas (1998), portanto, o gozo do Outro (J(A)) seria então o gozo originário, colocado como mítico, que estaria dentro da Coisa. Ele só tomaria seu sentido retroativamente da incidência do significante, que barra o seu acesso ao sujeito. O mito freudiano de Totem e Tabu o representa como o pai da horda. O gozo dito fálico é o gozo que resulta de sua codificação pelo significante e toma sua significação fálica no Édipo. O objeto *a* é o mais-de-gozar, ou seja, o resto de gozo que escapa ao processo significante, ao mesmo tempo em que o produz. E o gozo feminino, com seu enigma, como aquele que nunca foi tomado na linguagem.

Fundamentalmente, a Coisa é o corpo próprio na sua presença animal, com sua pulsação de gozo. A instância do significante, pela incorporação da estrutura languageira de onde se define o inconsciente, vai operar uma separação radical entre o gozo que está na Coisa e o desejo que vem do Outro. Trata-se aí de uma subjetivação do corpo. A tomada dele pelo significante tem por efeito uma mortificação do

gozo, ou seja, uma perda irremediável do gozo, a qual o sujeito da Lei deve consentir para existir na fala como desejante. O gozo é o real do ser, que pode se caracterizar como essa relação incômoda do sujeito com o próprio corpo.

Desde que a vida se encarna em um corpo, podemos dizer que ele goza da vida. Cabe, portanto, somente ao corpo gozar de todas formas possíveis a ele. Mas, efetivamente, o gozo só começa a existir e a nos interessar a partir do momento em que falamos. É, entretanto, impossível falar de um gozo puro, que seria aquele do corpo próprio, a não ser que digamos que o sujeito o experimenta sem saber. Lacan qualifica esse gozo como o gozo do Outro (J(A)). O Outro é entendido aqui como o corpo próprio, o que propicia uma confusão terminológica, uma vez que Lacan definiu primeiramente o Outro como sendo o lugar da fala e da linguagem, ou seja, um lugar desertado pelo gozo. Por isso, a necessidade de sempre atualizar os enunciados de Lacan de acordo com seu contexto. Lacan, na lição de 28 de março de 1962 em “O Seminário 9: a identificação”, diz o seguinte:

[...] para lhes marcar bem o que quero dizer, quando falo do que acentuei para vocês: a saber, a perturbação profunda do gozo, na medida em que o gozo se define em relação à Coisa, pela dimensão do Outro como tal, enquanto que essa dimensão do Outro se define pela introdução do significante. (LACAN, 1961-62, p. 231).

Lacan define o gozo do Outro como aquele do corpo que goza de si mesmo. Todo excesso de tensão corporal participa do gozo do Outro, que se manifesta como sofrimen-

to. Como tal, esse gozo é impossível ao sujeito, porque ele está fora do simbólico. Lacan, por vezes, qualifica o gozo do Outro como sendo o gozo do ser – *de l'être*. Valas (1998) pergunta se isso quer dizer que esse gozo do ser depende do processo significante. Ele diz que alguns autores interpretam que Lacan faria uma distinção entre um gozo puro, de alguma forma pré-linguageiro, e um gozo pós-linguageiro, situado fora da linguagem, mas no corpo. Esse último modo do gozo pós-linguageiro, assim como o gozo fálico, também seria uma forma de definir o gozo feminino, uma vez que ele não é todo inscrito na função fálica; enquanto que a primeira modalidade de gozo pré-linguageiro definiria o gozo do autista. Valas (1998) diz não ver traços claros dessa delimitação em Lacan, afirmando que Lacan nunca teria nem mesmo empregado com ênfase o termo autista no seu ensino, a não ser bem colateralmente em outros contextos específicos. Ele pergunta a esse respeito se poderíamos mesmo afirmar que o autista, por não ter acesso à fala, está fora da linguagem? Se a vida para o ser humano é concebível sem a dimensão da linguagem?

Quando Lacan introduz sua elaboração sobre o gozo, ele o situa primeiro em referência ao significante. Por isso, provavelmente, o uso indiscriminado de gozo do Outro e gozo do ser. Outro e ser são termos quase equivalentes. Como o real a essa época é um real tecido pelo simbólico, Lacan o designa como o real do ser. Valas (1998) afirma ainda que Lacan não fala verdadeiramente de gozo puro, ainda que essa expressão apareça no seu texto.

Lacan identifica a falta radical inerente ao Outro do significante, ao gozo forcluído desse lugar. Mas, ao mesmo tempo, Lacan atribui a esse gozo um significante que se particulariza como um significante em posição de exceção em relação aos outros, que é o significante fálico, definido como o falo simbólico – simbolizado pelo grande *Phi*. Nesse momento, ele parece pensar dar conta de todo gozo a partir de sua representação languageira. Talvez seja por isso que Lacan acaba fazendo equivaler o gozo do Outro e o gozo do ser – *de l'être*.

Mais tarde, Lacan vai retomar a expressão gozo do Outro em nova definição a partir de alguns exemplos. A própria ciência seria uma forma de gozo do Outro, porque seu saber é meio de gozo do corpo, tomado como objeto de estudo. Lacan faz uso também do termo de gozo do Outro como o que concerniria diretamente ao sujeito. Existem casos em que o gozo foracluído do simbólico pode fazer retorno no Outro do significante. O pesadelo, com sua angústia opressora que desperta o sujeito, seria um exemplo de manifestação do gozo do Outro (LACAN, 1962-1963). Outra forma limite do gozo do Outro poderia ser representada pela jubilação característica do estádio do espelho, que introduz o corpo na economia do gozo.

Na psicose, ligado ao fracasso da metáfora paterna e a forclusão do Nome do Pai, o gozo do Outro se manifesta ao sujeito no horror da perda de consistência de todas as suas representações simbólicas e imaginárias. O gozo na psicose está ligado aos significantes que fazem retorno em disper-

são como coisas no real. Para o sujeito, esses significantes lhe fazem sinal do mal do Outro. E ainda nesse registro de gozo do Outro, podemos também colocar as manifestações do supereu na economia subjetiva. A instância do supereu está sempre ligada à articulação significante. O supereu corresponde à introjeção pelo sujeito da voz do Outro, de um modo geral sob a forma imperativa (VALAS, 1998).

Falar de gozo do Outro soa de fato paradoxal, uma vez que o Outro da linguagem se caracteriza, num primeiro momento, para Lacan, por ser um terreno livre do gozo. O gozo está forcluído do lugar do significante e faz retorno no real. O Outro é barrado, separado do gozo pelo significante. Já o gozo fálico, por sua vez, vai ser assim nomeado bem tardiamente no ensino de Lacan, já nos anos 1970, ainda que sua elaboração conceitual tenha começado antes. O gozo fálico se determina a partir da cifragem linguageira do gozo corporal que se efetua no nível do inconsciente. O gozo do ser – *de l'être* –, ou seja, do corpo próprio, é cifrado no inconsciente pelo seu aparelho de linguagem. Esse gozo “desnaturalizado”, mortificado, pela sua articulação linguageira, vai sofrer uma profunda modificação. Essa modificação consiste na codificação fálica do gozo que se efetua no desfiladeiro edipiano. A Lei, consubstancial às leis da linguagem, ao correlacionar o desejo ao primado do falo, dá ao mesmo tempo ao gozo sua significação fálica.

Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, ao articular o gozo foracluído do lugar do Outro ao falo simbólico significante do gozo, Lacan já

começa a desenhar uma linha de delimitação entre o gozo do Outro – aquele do corpo próprio – e o que vai dar lugar à elaboração conceitual do gozo fálico. Aqui ainda antes da invenção do objeto *a* e do gozo feminino fora da linguagem, quando ainda pensava dar conta de todo o gozo a partir somente da representação significante (LACAN, 1960 *apud* VALAS, 1998).

O gozo fálico, que se determina do significante, se manifesta como um gozo parasitário sobreposto àquele do corpo. O gozo fálico vai se fixar de maneira preferencial no nível do pênis e do órgão clitoriano. Lacan comenta em “O Seminário 19: ...ou pior”, na lição do dia 12 de janeiro de 1971, que “[...] a linguagem funciona, desde a origem, como suplente do gozo sexual. Através disso ela ordena a intromissão do gozo na repetição corporal.” (LACAN, 1971-1972, p. 42).

Em “O Seminário 21: *Les non-dupes errent*”², de 1973-1974, inédito, Lacan vai dizer a respeito do gozo fálico:

[...] eu faço dele órgão, eu o suponho encarnado, por isso que no homem corresponde ao órgão – é por isso que esse gozo toma uma importância privilegiada, [...], é pelo fato de que esse gozo é privilegiado, que toda a experiência analítica se ordena. (LACAN, 1973-1974 *apud* VALAS, 1998, p. 47, tradução nossa).

O gozo obtido da masturbação não é propriamente o gozo sexual, que é de outro registro e precisa, para se ter acesso, da entrada em cena do desejo do Outro. Por isso, não seria

2 Tradução para o português: Os tolos não erram.

simples atingi-lo. Lacan define o gozo masturbatório como “o gozo do idiota”. Aquele do um-sozinho, que não demanda nada a ninguém, e está ao alcance de todos. Seria necessário interditá-lo à criança para favorecer sua abertura ao Outro. Interditando o gozo incestuoso, a Lei dá sua significação fálica ao gozo acessível ao sujeito. Lacan em “O Seminário 20: mais, ainda” esclarece que:

O grande *Phi*, nós o designamos com esse falo, tal como eu o preciso por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico. O que é isto? Senão o que a importância da masturbação em nossa prática sublinha suficientemente, o gozo do idiota. (LACAN, 1972-73, p. 87).

Uma mulher não é desprovida do gozo fálico, mas ele se encarnaria no órgão clitoriano. Ao contrário do homem, para quem o gozo fica contido privilegiadamente pelo gozo fálico, para a mulher haveria um outro gozo. Esse outro gozo, Lacan vai qualificá-lo de gozo suplementar, deslocado para além do falo. O gozo feminino é de um outro registro, e o homem não está necessariamente excluído. O gozo do Um, distinto do gozo do Outro, se encarna no órgão masculino. Lacan (1971-1972), na lição de 19 de janeiro de 1972, em “O Seminário 19: ...ou pior”, diz que, no macho, a detumescência engendrou um apelo especial, que é a linguagem articulada, a partir do que se introduz a necessidade de falar, com uma função de apelo à fala que torna possível a articulação languageira. Parece que o processo significante se subtrai desse gozo do Um. A renúncia ao gozo fechado e estrangeiro da Coisa permite ao sujeito,

que consente com a Lei de interdição do incesto, aceder à função simbólica da fala no campo da linguagem.

Por outro lado, é de *lalangue* e do seu enraizamento no corpo que procederá toda animação do gozo corporal. Na lição de 11 de junho de 1974, em “O Seminário 21: *Les non-du-pes erres*”, de 1973-1974, inédito, Lacan diz que:

Lalangue tem o mesmo parasitismo que o gozo fálico, com relação a todos os outros gozos, [...], e porque não falar da relação de *lalangue* com o gozo fálico como os galhos de árvore [...]. *Lalangue*, não importa qual elemento de *lalangue*, é em relação ao gozo fálico, um banho de gozo, e é nisso que ela estende suas raízes tão longe no corpo. (LACAN, 1973-1974 *apud* VALAS, 1998, p. 47).

Diante disso, teríamos, a princípio, o gozo do Outro – do lado da Coisa, e do corpo próprio – antes da Lei. Com a Lei adviria o gozo fálico, resultante da cifragem do gozo corporal pelo significante. O gozo fálico, estando ligado à linguagem, se manifesta como uma satisfação verbal. É o gozo do blá-blá-blá que vai se produzir como tal no nível das formações do inconsciente do sujeito. Em “A terceira”, Lacan (1974) vai articular o gozo fálico ao sintoma dizendo que o sintoma é a irrupção dessa anomalia em que consiste o gozo fálico.

Segundo Jacques-Alain Miller (1996), no seu curso intitulado “O autismo do gozo”, o que Lacan tenta dar conta, na sua definição de gozo fálico, é do emparelhamento do gozo na linguagem. O significante é causa material de gozo, porque o corpo se torna substância gozante, colonizada pelo

significante. O gozo é interdito pelo significante àquele que fala, mas é falando que ele pode se dizer entre os ditos da fala e do discurso. O significante é causa final do gozo, uma vez que a finalidade da língua está no próprio gozar, desde o gozar simples da fala até a articulação do discurso, que é sempre também meio de gozo.

Na introdução do conceito de gozo, tem algo de uma ruptura com relação ao conceito freudiano de pulsão. O gozo não é um conceito freudiano, e não está – *appareillé* – emparelhado à pulsão. A pulsão é um conceito freudiano, que tenderia a se ordenar segundo uma lógica energética. Em Freud, o gozo está emparelhado à pulsão, estando na pulsão. Freud coloca o complexo de Édipo como um aparelho do gozo, uma máquina que ordena a libido no sexo operando uma dominação libidinal através do genital. Enquanto o gozo em Freud estaria fechado dentro das entrelinhas da teoria da sexualidade, a relação do gozo com a sexualidade é o que se torna problemático para Lacan (MILLER, 1995-1996).

Lacan vai restringir e precisar a noção de sexualidade, dizendo que a sexualidade é essencialmente uma relação de um sexo ao outro. Tem a ver com a relação de um corpo sexuado a um outro corpo sexuado. Ou seja, a sexualidade é uma relação. Enquanto o gozo, ao contrário, seria até mesmo uma negação da relação. O gozo não se abre, a princípio, para o Outro, podendo ser qualificado como autístico. Conseguimos perceber uma diferença com relação à libido freudiana, que tem esse caráter de investimento e de circu-

lação. A libido se transfunde no Outro. No amor à primeira vista, temos essa transfusão súbita de libido na relação ao Outro.

Lacan vai aproximar, portanto, o gozo propriamente dito de um investimento fálico que não se abre ao Outro. Vai correlacionar esse gozo ao macho, que tem dificuldade de se destacar de seu órgão, colocando-o do lado do idiota. Por outro lado, o amor, que segue a circulação e as vicissitudes da libido, está no princípio do laço social. O que faz com que Lacan confronte esses termos de gozo e amor ao longo de “O Seminário 20: mais, ainda”. A introdução do conceito de gozo abala o próprio conceito de Outro. O que implica também que o próprio sujeito não estaria dado no nível da fala, acusando o caráter de semblante do significante.

Freud dizia que as pulsões teriam o papel de uma mitologia para a psicanálise. Mas, para Lacan, dizer que as pulsões são míticas é, antes, considerar que elas são um mito do real. Há real sob o mito, e esse real é o gozo. Lacan deu para essa ruptura a seguinte fórmula: o desejo vem do Outro, o gozo está do lado da Coisa. O desejo está ligado à linguagem e faz apelo ao Outro. A Coisa não é a verdade freudiana tagarela, mas o real ao qual se dá sentido. Mais além de seu primeiro ensino, Lacan vai chegar ao primeiro real sobre o qual se exerce a doação de sentido, que é o gozo. Essa vertente da Coisa, onde se inscreve o gozo, é o sintoma, ou seja, o que resta quando a análise termina, no sentido de Freud. É também o que resta no passe de Lacan, isto é, depois do desenodamento do sentido.

É mais no final do ensino que haverá uma renúncia à metafísica da ação do analista, que visaria ao desejo como núcleo do ser, ou seja, como um sentido. Esse núcleo, alcançado pelo passe, era essencialmente designado pela aparição de uma falta-a-ser, o que era chamado por Lacan de castração. Mas Lacan (1971-1972) vai ultrapassar por completo os limites dessa ontologia, bem mais adiante, no momento em que, à época do seu “O Seminário 19: ...ou pior”, ele diz “há um”. Em francês, *y a de l'un*, formulação que não é da ordem da falta-a-ser e muito menos do ser. Essa expressão designa uma posição de existência. Ela pode ser entendida como um redizer da função da fala e do campo da linguagem reduzidos à sua raiz, ao fato puro do significante pensado agora fora dos efeitos de significado e do sentido do ser.

Coloca-se o primado do Um, em contraste com o que acreditávamos ter aprendido de Lacan, que coloca, num primeiro momento, o primado do Outro da fala. O desejo vai passar para o segundo plano, uma vez que o desejo é o desejo do Outro. A verdade do passe dá a chave da deflação do desejo, que é a ideia de que o desejo nunca foi senão o desejo do Outro. Assim, esse Outro, que nunca foi senão suposto, se esvazia assim como a consistência do desejo.

O sujeito vai estar então às voltas com o *y a de l'un*, uma vez que ele desinvestiu seu desejo. Esse *y a de l'un* tem a ver com o que Freud isolou como os restos sintomáticos. Tem a ver com o primado do Um, em que o gozo vem em primeiro plano, o gozo do corpo que chamamos de o cor-

po próprio e que é o corpo do Um. Trata-se de um gozo primário, no sentido em que apenas secundariamente ele pode vir a ser objeto de uma interdição.

No texto “Posfácio ao Seminário 11” da publicação “Outros escritos”, Lacan (1973, p. 506) fala que: “[...] o gozo vem a causar o que se lê como mundo [...]”. Isso significa que o gozo é o segredo da ontologia, a causa última da ordem simbólica da qual a filosofia fez o mundo. Há uma oposição entre ontologia e gozo. A ontologia tem a ver com aquilo que quer ser, enquanto que o gozo é do registro do existente. O corpo do sujeito lacaniano até então era um corpo visível, reduzido à pregnância de sua forma. Com a pulsão, a castração e com o objeto *a*, o sujeito encontra um corpo sublimado, transcendentalizado pelo significante. E é a partir do *y a de l’un* que o corpo aparece, desde então, como o Outro do significante, uma vez que o significante nele faz acontecimento. O acontecimento de corpo que é o gozo aparece como a verdadeira causa da realidade psíquica.

Em “O Seminário 20: mais, ainda”, Lacan (1972-1973) chama de *lalíngua* a palavra disjunta da estrutura de linguagem. É sob essa condição que ele propõe uma aliança originária entre o gozo e “*lalíngua*”. É nesse momento que surge igualmente a noção da não relação, que parece implicar uma disjunção entre o gozo e o Outro. Instaure-se uma não relação entre o gozo e o Outro. Isso faz aparecer o Outro do Outro sob a forma do Um. Lacan (1971-1972) já vinha trabalhando e acentuando o Um desde “O Seminário 19: ...ou pior”, em que concebe a formulação da existên-

cia do gozo do Um com a escrita do *y a de l'un*. Se trata de situar o lugar do gozo sem nenhum idealismo, e, nesse momento, o lugar do gozo, tal como os cínicos perceberam, é o corpo próprio. Todo gozo efetivo é gozo Uno, gozo do corpo próprio. Sempre é o corpo próprio quem goza, por qualquer que seja o meio.

Uma versão do gozo do Um desdobrada por Lacan é, justamente, o gozo enquanto especialmente concentrado sobre a parte fálica do corpo. Uma dialética é possível entre o gozo do corpo próprio e o gozo fálico como gozo do idiota, do solitário, um gozo que se estabelece na não relação com o Outro. Por isso, Lacan traz essa figura do gozo uno, que é o gozo masturbatório. Uma outra figura do gozo do Um é o que há no gozo da palavra. A palavra é gozo e não se presta *a priori* à comunicação com o Outro. O blá-blá-blá não visa ao reconhecimento, nem a compreensão, e não passa de uma modalidade do gozo do Um.

O lugar do gozo é sempre o corpo, e ele pode gozar masturbando-se ou simplesmente falando. Trata-se de tomar a palavra como um modo de satisfação específica do corpo falante. Isso é importante para nossa prática. Tem a ver, por exemplo, com a prática das sessões mais curtas, com tempo variável. Não é a elaboração complexa da significação e da solução do enigma que nos fazem voltar nas sessões subsequentes. O gozo do Um se apresenta como gozo do corpo próprio, gozo fálico, ou gozo da palavra. Essa construção é o que torna problemática a noção de gozo do Outro, do qual não estaríamos certos se ele de fato existe. E se existe, não está no mesmo nível do Um que pertence ao real.

A relação sexual que não existe significa que o gozo provém do regime do Um, enquanto o gozo sexual, o gozo do corpo do Outro Sexo, possui esse privilégio de ser especificado por um impasse, por uma não relação. Lacan diz que o gozo não convém à relação sexual. A relação sexual que não existe quer dizer que o gozo é solitário. Lacan comenta na lição de 21 de junho de 1972 em “O Seminário 19: ...ou pior” que:

[...] a partir do momento em que partimos do gozo, isso quer dizer que o corpo não é inteiramente só, que há um outro. Não é por isso que o gozo é sexual, pois acabo de lhes explicar, este ano, que o mínimo que se pode dizer é que ele não é indireto, esse gozo. É o gozo corpo a corpo. É próprio do gozo que, quando há dois corpos, e muito mais quando há mais, não se sabe, não se pode dizer qual deles goza. É isso que faz com que possa haver nessa história vários corpos aprisionados, e até série de corpos (LACAN, 1971-1972, p. 217).

A ordem do discurso impõe o primado do falo que condiciona o desenvolvimento da sexualidade. As soluções edípicas para cada sujeito se traduzem por posições subjetivas diferentes: grosso modo, o homem não é sem ter o falo, e a mulher é o falo sem o ter.

A escolha da identidade sexual resulta de uma insondável decisão do ser, segundo Lacan, e se faz independente do sexo anatômico. É por isso que o sujeito pode se arranjar, seja do lado homem, seja do lado mulher. A assimetria da sua relação ao falo explica que o homem e a mulher abordem a sexualidade de maneiras distintas, o que Lacan tenta dar conta com as fórmulas da sexuação.

Na relação entre os homens e mulheres, quase tudo gira em torno de um ser e de um ter em referência ao falo simbólico. O significante fálico, estando recalçado no inconsciente, faz com que o falo só possa funcionar velado. É a razão pela qual o erotismo nunca é sem a dimensão do véu. Para dar conta de duas modalidades de gozo, Lacan vai elaborar o que ele chama de fórmulas da sexuação.

O gozo masculino está inteiro no registro da função fálica, de onde situa sua limitação. O falo como significante em posição de exceção dá ao discurso sua significação fálica; dá ao desejo sua razão e dá ao gozo seu símbolo. Para uma mulher, o gozo é dual, de uma parte fálico, de outra louco e enigmático. Quer dizer, não todo fálico. Lacan o caracteriza como além do falo, suplementar e não complementar ao gozo masculino. Essas duas modalidades do gozo, em função de suas posições diferentes com relação ao falo, são tanto acessíveis ao homem, que se arranjaria do lado mulher, quanto a uma mulher, que se colocaria do lado homem.

Ao mesmo tempo, com a introdução do nó borromeano, igualmente em “O Seminário 19: ...ou pior”, Lacan vai na sequência ressituar o objeto *a* no ponto de interseção dos três anéis do real, do simbólico e do imaginário. Ele enoda juntas as três valências imaginária, simbólica e real do objeto. Essa nova elaboração faz parecer que todas as modalidades de gozos do ser falante – gozo do Outro, gozo fálico, gozo do sentido – este último, satisfação real experimentada pelo sujeito na compreensão, por exemplo, da

significação de um texto – estão anexadas ao ser de gozo do sujeito, que é condensado no objeto *a* como mais-de-gozar, mas se localizando em lugares diferentes na estrutura do nó borromeano. Em “O Seminário 23: o sinthoma”, Lacan (1975-1976) faz uma referência ao gozo do Outro barrado, o apresentando como gozo impossível. Nesse momento, já se percebe uma barra no Outro. No desenho apresentado do esquema borromeano RSI, Lacan o localiza na interseção entre o real e o imaginário e diz o seguinte:

[...] gozo do Outro barrado ($\text{J}\bar{\text{A}}$). O que significa isso? Esse A barrado quer dizer que não há Outro do Outro, que nada se opõe ao simbólico, lugar do Outro como tal. Por conseguinte, tampouco há gozo do Outro. $\text{J}\bar{\text{A}}$, o gozo do Outro do Outro, não é possível pela simples razão de que não existe. (LACAN, 1975-1976, p. 54).

Após definir dessa maneira o gozo do Outro barrado, Lacan continua dizendo o seguinte sobre o gozo fálico, que ele vai localizar no desenho do esquema borromeano RSI na interseção do real e do simbólico:

O gozo dito fálico não é certamente, em si mesmo, o gozo peniano. O gozo peniano advém a propósito do imaginário, isto é, do gozo do duplo, da imagem especular, do gozo do corpo [...]. O gozo fálico [...] situa-se na conjunção do simbólico com o real. Isso na medida em que o sujeito que se sustenta no falasser, que é o que designo como sendo o inconsciente, há a capacidade de conjugar a fala e o que concerne a um certo gozo, aquele dito do falo, experimentado como parasitário, devido a essa própria fala, devido ao falasser. Portanto, inscrevo aqui o gozo fálico contrabalanzando o que concerne ao sentido. É o lugar do que em

consciência designado pelo falasser como poder (LACAN, 1975-1976, p. 54).

Se a psicanálise na medida em que se dedica ao desejo é uma erotologia, ela não parece ser, entretanto, uma ciência do gozo. A psicanálise é principalmente um discurso de renúncia ao gozo nocivo do Outro e abre ao sujeito a possibilidade de reencontrar na fala “o que a ele é necessário de gozo para que sua história continue” (LACAN, 1973 *apud* VALAS, 1998, p. 86). A psicanálise faz existir o gozo em um dizer do amor que dá sentido ao desejo. Nisso, ela não é uma iniciação, na qual se pretende ensinar o acesso ao gozo passando pela via direta do corpo. Ao contrário, a psicanálise demonstra o quanto isso é impossível, porque é a estrutura linguageira do sujeito que define as diferentes modalidades de gozo. A psicanálise não consiste tampouco em desvencilhar o sujeito de seus sintomas. Mas ela pode, ao menos, permitir a ele saber do que é prisioneiro. O que resulta, é que o sujeito, ao tomar conhecimento de que pode se servir do seu sintoma – instrumentalizando seu sintoma – pode eventualmente encontrar uma outra satisfação, e não apenas se resignar a consumir o gozo extenuante que ele comporta (VALAS, 1998).

Abstract: Our point of departure is the question to know how the experience of psychoanalysis has allowed Lacan to introduce in the freudien field the dimension of the jouissance. By stablishing the main place of jouissance in the subjective economy, he changes radically the perspective of the direction of psychoanalytical treatment.

Keywords: Jouissance. Drive. Lacanian field.

Referências

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-864 *apud* VALAS, Patrick. *Les di(t)mensions de la jouissance*. Deuxième édition. Paris: Éditions Érès, 1998. Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/les_di_t_mensions_de_la_jouissance_top_.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

LACAN, Jacques. Posfácio ao Seminário 11 (1973). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 503-507.

LACAN, Jacques. Déclaration à France-Culture en 1973. Parue dans *Le coq-héron*, 1974, n. 46/47, p. 3-8 *apud* VALAS, Patrick. *Les di(t)mensions de la jouissance*. Deuxième édition. Paris: Éditions Érès, 1998. Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/les_di_t_mensions_de_la_jouissance_top_.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 9: a identificação (1961-1962)*. Tradução do Centro de Estudos Freudianos do Recife da publicação interna da Association Freudienne Internationale. Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre 21: Les non dupes errent* (1973-1974). Inédito *apud* VALAS, Patrick. *Les di(t)mensions de la jouissance*. Deuxième édition. Paris: Éditions Érès, 1998. Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/les_di_t_mensions_de_la_jouissance_top.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *La Troisième* (1974). Paris: Navarin Éditeur, 2021.

MILLER, Jacques-Alain. *La fuga del sentido* (1995-1996). Buenos Aires: Paidoz, 2012.

VALAS, Patrick. *Les di(t)mensions de la jouissance*. Deuxième édition. Paris: Éditions Érès, 1998. Disponível em: http://www.valas.fr/IMG/pdf/les_di_t_mensions_de_la_jouissance_top.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

Psicanálise e política

Luiza Lerman Chaimowicz¹

“A palavra é uma arma poderosa. E, como tal, deve ser usada com sabedoria. Nossas vidas começam a acabar no dia em que calamos sobre as coisas que importam.”

(MARTIN LUTHER KING, 1963)

Resumo: Estamos vivendo uma época de intensa inquietude social. Inúmeras questões se colocam para a autora e para muitos que trabalham com a psicanálise. Diante disso, nos reunimos para formar um cartel intitulado “Psicanálise e política”, em que cada um buscou responder às suas questões. A questão primordial da autora era saber que ferramentas a psicanálise pode nos oferecer para analisar e compreender a época atual. Apresentamos esse recorte efetuado dentre os conhecimentos acumulados nessa etapa do nosso processo.

Palavras-chave: Inconsciente. Política. Subjetividade. Laço social.

Temos, diante de nós, um cenário de incertezas, de desamparo, de conflitos e de violência nos discursos dos la-

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

gos sociais. Vivenciamos concomitante o desenvolvimento tecnológico, que traz um importante novo ator: as redes sociais, que intervêm e manipulam paixões, com mensagens e imagens, atingindo o psiquismo com sucesso. As massas, despossuídas de um significado político e numa posição de não querer se inteirar com mais conhecimento, se encantam com as estratégias de significantes mestres, que visam à subordinação do sujeito.

Para responder e situar-se em diferentes cenários, vejamos como a psicanálise analisa a época atual na qual está inserida e, a partir de seus próprios fundamentos, se responsabiliza por seu lugar.

Qual a relação do analista com a dimensão política?

Qual a posição que lhe cabe?

Freud, em toda sua vida, nos mostrou, com a sua própria postura, reação contra a intolerância, contra a discriminação do diferente, contra a segregação. Entretanto sabemos que não é tradição dos analistas se posicionarem politicamente. Laurent (2007), em seu texto “Analista cidadão”, denuncia esse papel de “analista silencioso”, numa posição vazia na comunidade, que estimulou certa marginalização social da psicanálise.

Lacan (1953), em seu texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, afirma que o analista deve alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época e adverte que renuncie à prática de ser analista quem

não conseguir alcançar esse horizonte. Conforme Quinet (2021), para o analista, sua clínica é seu campo de atuação. Nele estão as janelas que o põe em contato com a pólis.

Lacan nos apresenta dois axiomas “O inconsciente é a política”, de 1967, e “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, de 1964. Axiomas que articulam inconsciente e linguagem. Para Lacan, a linguagem traz, em si, a historicidade de seu povo, seus ideais e valores, traços fundamentais da civilização. O inconsciente está, pois, carregado de significantes que vêm do Outro, que é o Outro simbólico enquanto efeito de linguagem.

No campo analítico, diz-se que a dialética do desejo não é individual. Embora o processo analítico seja centrado no ser falante e seja da ordem do singular, do íntimo, esse ser falante está enodado aos laços sociais, ao coletivo, à sua historicidade, aos traços da civilização que ele traz em seu inconsciente. O desejo, que o sujeito visa decifrar, é sempre desejo do Outro, que existe sob a forma de um conjunto de significantes desse movimento simbólico. A experiência analítica do analisando não é apenas terapêutica, é também uma experiência ética, que coloca em questão os fundamentos essenciais de seu destino. A razão pela qual o analista deve se interessar pela subjetividade de sua época, é que a vida do analisando é tomada na dialética de um movimento simbólico. O que Freud (1921) chamou de civilização, Lacan definiu como movimento simbólico da civilização (BROUSSE, 2002).

É isso que o analista deve saber decifrar, é um dever de ato. Ato que inclui interpretação. Não podemos conceber a análise sem uma dimensão de ato. E, nesse nível, é que se apresenta a questão política. Um analista cidadão, como diz Laurent, é um analista sensível aos movimentos sociais, às várias formas de segregação e de violência, e entende que há comunhão de interesses entre o discurso analítico e a democracia. O analista, com um dizer silencioso, escuta e transmite o que está em jogo, conforme a peculiaridade de cada um, procurando transformá-lo em algo útil. Ao participar de reuniões de trabalho, conselhos setoriais, comissões, o analista opina sobre coisas precisas, não opiniões gerais, mas transmite algo da sua singularidade como analista. Deve fazer circular na pólis os discursos dos laços sociais. O analista deve se inserir nas várias instâncias, deve estar presente, escutando, observando, pontuando. Deve sair da neutralidade.

Como entender a neutralidade tendo como fundo o comprometimento? Neutro não significa estar fora da subjetividade de sua época. É estar dentro e saber se orientar nela. A neutralidade é de juízo. O analista não tem que julgar. Não será juiz, nem conselheiro, nem dará sugestões. É neutralidade com relação ao eu e ao supereu, é uma neutralidade de compromisso com o sujeito, o analisando. O analista não é sujeito. Responsabilidade e desejo andam juntos.

A pólis está, pois, na nossa clínica, nas questões das minorias, no racismo, na segregação, na escravidão, no suicídio, no feminicídio, nas questões de gênero. Uma

posição de reação e não de comodidade. O analista tem que estar atento ao poder que se exerce em nome de um bem-estar, atento na escuta, na fala, na palavra, nos discursos. O sujeito se confronta com o desamparo, o medo, a servidão voluntária, e uma tradição conservadora impregnada no seu ser, presente no inconsciente. É o processo primário de querer se alienar na ilusão, como se houvesse o Grande Pai para ampará-lo. O Outro, o pai, não há! O que há é a falta, a castração. O dever político da psicanálise é fazer renascer o sujeito e devolver a ele a possibilidade de escolhas e destituição em relação aos significantes mestres que o condicionam (BROUSSE, 2002).

Compreender o discurso capitalista, que traz a mais valia, o mais gozar, o excesso do consumo. É o gozo pulsional, e os discursos são formas de tratamento da pulsão, modulando-as e tentando conter as formas anticivilizatórias. O consumismo exclui os laços sociais, exclui a relação do sujeito com o outro. Tudo vira objeto de consumo, buscando tamponar a falta estrutural do ser falante. Da sua clínica para a pólis, intensão e extensão, dentro e fora, não há descontinuidade, há uma conexão moebiana. Num regime autoritário, há a fragilização dos laços sociais, com a finalidade de anular toda e qualquer ação dos sujeitos. Uma sociedade autoritária e repressiva confronta com a psicanálise, que é libertária. A psicanálise é um produto da civilização. Exige condições socioeconômicas, condições humanas de vida próprias da civilização.

Imersos nos aspectos éticos da psicanálise, devemos decidir esses movimentos simbólicos em ação na sociedade.

Devemos responder, com horror, à segregação do diferente, da polarização, do confronto que se coloca no lugar do diálogo, da escuta, da dialética.

Abstract: We are living in times of intense social turmoil. Countless matters are being posed to me and to many others that work on the field of Psychoanalysis. Upon that, we have gathered to form a Cartel entitled “Psychoanalysis and Politics”, where each one has sought to answer their queries. My main inquiry was to disclose what tools Psychoanalysis can provide us to analyze and comprehend our current time. I present this selection chosen among the knowledge amassed during this stage of my process.

Keywords: Unconscious. Policy. Subjectivity. Social bond.

Referências

BROUSSE, Marrie-Hélène. *O inconsciente é a política*. SEMINÁRIO internacional promovido pela Escola Brasileira de Psicanálise (EPB), nov. 2002, São Paulo. Conferências de Brousse e debates organizados por Carmen Silvia Cervelatti e publicado pela EPB. São Paulo: EPB, 2003. Texto impresso.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 91-179. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma* (1966-1967). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAURENT, Éric. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007.

QUINET, Antonio. *A política do psicanalista: do divã para a pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2021.

Obras consultadas

BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago,

1969. p. 81-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

Lives de entrevistas com Christian Dunker e Antonio Quinet (transmitidas pelo Youtube).



Masoquismo originário na estrutura do sujeito

Viviane Gambogi Cardoso¹

Resumo: A escrita deste trabalho é uma produção a partir do cartel “Pulsão e fantasia”, inscrito na Ato – escola de psicanálise. A proposta é trabalhar o conceito de masoquismo originário em sua função estrutural e sua vinculação ao conceito de pulsão de morte, conforme o artigo de Freud “O problema econômico do masoquismo”. Abordaremos a questão fantasmática e seu atravessamento construídos em análise e impostos pelo viés pulsional e lógico no ponto nodal do recalque e do masoquismo originários. Diferente da resposta fantasmática, o ato analítico tem uma função de corte que, além da travessia do fantasma, promove o sujeito ao ser de objeto.

Palavras-chave: Masoquismo originário. Pulsão. Fantasia. Gozo. Ato analítico. Objeto *a*. Objeto semblante.

Este trabalho foi elaborado a partir de discussões no cartel “Pulsão e fantasia”, inscrito na Ato – escola de psicanálise.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

O cartel ainda está em funcionamento, sendo este artigo, portanto, uma elaboração em construção. Nosso trajeto iniciou-se com a investigação do conceito de masoquismo em “O problema econômico do masoquismo” (1924), o que nos levou à questão da fantasia em Freud desenvolvida em “Bate-se numa criança”² (1919). Nesse contexto, consideramos a relevância do masoquismo originário, conceito fundamental e estrutural, que Freud elabora em sua vinculação cada vez maior ao conceito de pulsão.

Com o advento da pulsão de morte, Freud (1920) postula a tendência do sujeito à morte, ao que é mais inorgânico. Na luta entre vida e morte, o sujeito se posiciona a partir do Outro em sua constituição no ponto em que esse é inapreensível. Esse processo deixa marcas que são originárias e indestrutíveis. É a partir disso que Freud propõe o masoquismo, não apenas como o fez nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), como uma satisfação das pulsões parciais, ou participando do destino da pulsão no par sadismo/masoquismo em “As pulsões e suas vicissitudes” (1915), mas como uma tendência pulsional na vida dos seres humanos a partir de um ponto de vista econômico, que consiste na circulação e distribuição de uma energia quantificável de ordem pulsional suscetível de aumen-

2 Optamos por este título de artigo de Freud – Bate-se numa criança –, já que é um termo traduzido diretamente do alemão, em edição da Autêntica de 2016.

FREUD, Sigmund. Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Neurose, psicose e perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 123-153. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

to e diminuição. Ele desenvolve essa tese em seu texto “O problema econômico do masoquismo” (1924) logo após a hipótese da pulsão de morte em sua dualidade com a pulsão de vida. Freud, dessa maneira, aproxima ainda mais a questão do masoquismo à pulsão.

A evolução do conceito de pulsão tomou um lugar essencial e central na teoria da psicanálise e sofreu muitas modificações, o que possibilitou a Freud desenvolver outros conceitos importantes que aparecem na clínica. O masoquismo talvez tenha sido um dos mais fundamentais.

A tendência do funcionamento psíquico de reduzir ao mínimo a tensão frente à exigência das pulsões foi substituída, com a elaboração da pulsão de morte, pela tendência não apenas de reduzir a tensão, mas também “retornar a um estado primitivo inorganizado, ou, em outros termos, à morte primordial” (CHEMAMA, 1995, p. 180). Essa descoberta leva Freud a afirmar a existência de um masoquismo originário. Isso é tomado como certo no seu artigo de 1924, citado acima.

Freud (1924) distingue três categorias no masoquismo: o erógeno, que ele chama também de originário, “como condição imposta à excitação sexual”; o feminino, “como expressão da natureza feminina” e o moral, “como norma de comportamento”. Os dois últimos derivam do originário. Embora não possamos falar de um sem os outros, tentaremos priorizar o masoquismo originário em sua conceituação e nas questões que nos suscitam em sua relação com a clínica.

Chama a atenção os termos: primordial, primitivo, primário, original. Isso nos remete ao que é de estrutura no masquismo e que, embora muitas vezes possa levar o sujeito ao pior, por outro lado, está em sua constituição e na manutenção da vida. No entanto, esse paradoxo nos leva a perguntar sobre o recurso estrutural do masquismo no psiquismo.

Wagner Bernardes diz que a aptidão masquista protege o sujeito do trauma e que esse recurso protetor fundamenta a importância econômica do masquismo erógeno. O masquismo, genuíno e originário, “persiste, como reserva libidinal, complacente e apto a acolher os mais violentos, até mesmo mortíferos, impactos provocados pelos acontecimentos da vida” (BERNARDES, 2021, p. 94).

Ele explica esse recurso protetor através do modelo econômico freudiano da dor, que se fundamenta no trauma, provocado pela invasão de grandes excitações externas, que passam a atuar da mesma maneira que uma excitação pulsional contínua, estabelecendo-se uma desordem econômica, um excedente que precisa ser vinculado. Dessa forma, “de todas as partes do aparelho é convocada energia para criar, em torno da brecha traumática, um quantum energético de nível correspondente, uma contracarga” (BERNARDES, 2021, p. 93).

O masquismo erógeno ou originário porta em sua concepção o componente erótico que protege o sujeito de uma destruição promovida pelo masquismo moral. Nesse sen-

tido, ele o organiza, impondo o sentido pulsional, pois se liga a algo de uma economia e satisfação libidinal. Sustenta o sujeito em seu sintoma, embora não seja suficiente. O sintoma, como formação de compromisso, traz satisfação, mas junto com ela, o sofrimento. A tentativa de eliminar o sofrimento muitas vezes leva o sujeito à análise. Segundo Vidal, em seu artigo “Masoquismo originário: ser de objeto e semblante”, “o analista é convocado a intervir no sofrimento trazido pela própria satisfação e é, neste campo paradoxal, onde ele encontra as maiores resistências ao tratamento” (VIDAL, 2012, p. 134). Ele diz que uma das respostas de Lacan para esses pontos de impasse da clínica freudiana está em não retroceder ante o gozo, da ordem do impossível, que coloca um obstáculo ao funcionamento do princípio do prazer. Outra resposta de Lacan encontra-se em sua elaboração do objeto *a*, com o qual o gozo, sob transferência, passa a ser elaborado. Onde era isso, o gozo, deve o sujeito advir. Assim,

[...] o semblante de objeto cumpre uma função separadora adequada para suportar os efeitos de ruptura e perda no campo pulsional. O ato analítico produz no seu horizonte um novo sujeito como resposta ao real da pulsão. O masoquismo originário, enlaçado no originário do recalque, está no fundamento do sujeito dividido ante o gozo (VIDAL, 2012, p. 134).

Esses pontos abordados são de extrema importância para a compreensão do masoquismo originário como estruturante para o sujeito. Ele conclui que o masoquismo originário é o nome freudiano do gozo. “[...] o masoquismo introduz

essa dimensão de satisfação, ou seja, um valor de gozo para o sujeito” (VIDAL, 2012, p. 136).

O recalque originário funda o inconsciente no ato de fixação do representante à pulsão e, ao mesmo tempo, indica a falha do saber. Esse é “o ponto nodal do recalque e masochismo originários” (VIDAL, 2012, p. 142).

Freud (1924), no início do artigo “O problema econômico do masochismo”, diz ser o masochismo incompreensível, aparecendo-nos à luz de um grande perigo. O que quis dizer com isso? Se os processos mentais objetivam evitar o desprazer e obter prazer, a tendência masochista seria descrita como misteriosa, diz Freud.

Freud busca um fundamento para o masochismo erógeno primeiramente em “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, onde diz que o que ocorre no organismo contribui de alguma forma para a excitação da pulsão sexual. Ele diz que “a excitação do sofrimento e desprazer estaria fadada a ter o mesmo resultado.” (FREUD, 1924, p. 203). No entanto, ele considera incompleta essa teoria, pois não lança luz sobre as vinculações regulares e estreitas com seu correspondente na vida mental, o sadismo. Diz que a libido enfrenta a pulsão de morte, que conduz o organismo a um estado de estabilidade inorgânica. A libido teria a função de tornar inócua essa pulsão destruidora, desviando-a para fora, para os objetos do mundo externo. Parte da pulsão é colocada a serviço da função sexual. Esse seria o sadismo. A outra parte permanece dentro do organismo, libidinal-

mente presa. É o que Freud identifica como masoquismo original. Esse amansamento da pulsão de morte pela libido é justificado por Freud pela fusão das pulsões, de modo que não teríamos que lidar com as pulsões puras, de vida e de morte. Diz que a fusão das pulsões poderia corresponder à desfusão por efeito de determinadas influências. Desse modo, a existência do masoquismo originário é explicada principalmente com base na fusão e desfusão das pulsões de vida e de morte.

Com a pulsão de morte, Freud avança radicalmente na teoria e na clínica, formulando “uma resposta para a tendência primária da pulsão a reconstruir um estado, sempre anterior da satisfação. Pulsão silenciosa cuja ação só é verificável a partir de sua associação com Eros” (VIDAL, 2012, p. 137).

Freud (1924), depois da explicação da fusão/desfusão das pulsões, diz que o masoquismo erógeno acompanha a libido por todas as suas fases, derivando delas seus “revestimentos psíquicos cambiantes”. São as fantasias que acompanham as organizações oral, anal, fálica e genital. Seriam essas fantasias uma resposta frente ao real, as quais o protegem do pior? Podemos recorrer ao artigo de Freud que traz a questão da fantasia ligada ao masoquismo.

Freud, em carta a Ferenczi, diz que seu escrito “Bate-se numa criança” (1919) é um artigo sobre o masoquismo. O artigo traz a construção em análise da fantasia de ser espancado pelo pai em três tempos lógicos, sendo um de-

les o segundo tempo, inconsciente e fundamental para a compreensão do masquismo. Essa fantasia é acompanhada por um alto grau de prazer, e a forma de satisfação é masquista. Freud afirma que o sentimento de culpa, que inverte o sentido dado ao primeiro tempo, que diz “meu pai só ama a mim” para “não, ele não me ama, pois está batendo em mim”, não representa o conteúdo total do masquismo. “O sentimento de culpa não pode ter conquistado o campo sozinho; uma parcela deve ser atribuída ao impulso de amor” (FREUD, 1919, p. 236). Ele diz que não apenas o recalco participa no processo, mas há “um rebaiamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo.” (FREUD, 1919, p. 237). “O meu pai me ama” regride para “ser espancado por ele”, ou seja, transforma-se em “quem espanca ama”. “A posição masquista é, nesse sentido, o resgate e a salvaguarda da relação amorosa falida. O sujeito já não se encontra só” (BERNARDES, 2021, p. 92).

Diz Freud: Esse ‘ser espancado’ é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masquismo. (FREUD, 1919, p. 237, grifos do autor).

Aqui está um dos pontos-chave do texto “Bate-se numa criança” (1919). O que está em jogo, no segundo tempo da fantasia, é uma regressão. É um “tempo que une no fantas-

ma o efeito do recalque originário com o gozo masoquista. Ponto nodal em que o sujeito se efetua como divisão na cadeia significante, confessando ser um objeto que goza ao anular-se sob o poder do Outro” (VIDAL, 2012, p. 136).

Lacan, em “O Seminário 10: a angústia”, tentou demonstrar que, fazendo-se objeto, dejetado, o masoquista visa, na verdade, provocar a angústia no Outro, um Outro que é preciso situar além do parceiro do perverso, um Outro que, no limite, se confundiria com Deus. O que é buscado no Outro, como diz Lacan, é “a resposta à queda essencial do sujeito em sua miséria suprema, e essa resposta é a angústia.” (LACAN, 1962/1963, p. 182). Colette Soler (2012) diz que a angústia do Outro significa o Outro barrado. O que podemos inferir é que há um pendor do sujeito na direção do masoquismo, precisamente pelo fato de que o Outro não responde. Dessa forma, o sujeito supõe o pior e não se assegura jamais de existir aos olhos do Outro, a não ser quando sofre. Essa é sua fantasia, sua “ambição cega”, segundo Lacan.

Não é essencial o fato da dor intervir no masoquismo. Ser masoquista não é gostar de sofrer. O masoquismo se serve do sofrimento, cultiva-o, procura-o, mas sua visada é buscar a angústia do Outro. Na experiência analítica, percebe-se que o Outro é visado, que as manobras masoquistas na transferência situam-se num nível que não deixa de se relacionar com o Outro.

No sadismo, o que é aparente é a busca da angústia do Outro. Mas o que o sádico busca, e não sabe, é o gozo do Ou-

tro. Ele realiza o gozo de Deus como diz Lacan. O agente do desejo sádico, na realização de seu ato, não sabe o que procura, que é “fazer-se aparecer como puro objeto, fetiche macabro” (LACAN, 1962/1963, p. 118). Ele é instrumento. O que se esconde por trás da angústia do Outro é a busca do objeto *a*.

Quinet, em apresentação do livro de Colette Soler sobre o “Seminário da angústia”, diz que “a fantasia do masoquista é de se fazer aparecer como dejetos em relação a um Outro que goza dele. O masoquista procura a angústia do Outro, e o sádico realiza o gozo do Outro.” (SOLER, 2012, p. 12).

A posição masoquista e sua resposta fantasmática tentam esconder, mas, ao mesmo tempo, revelam a estrutura de falta do sujeito e do Outro. A trilha fantasmática é construída e perseguida em análise, que impõe, no sentido pulsional e lógico, um atravessamento, que é buscado nesse ponto nodal do recalque e do masochismo originários.

O “originário” é esse nó do impossível que escreve a falha do saber. O ato analítico realiza o corte que incide na economia do gozo. Interroga a consistência do objeto, chamado no fantasma a obturar a falta do Outro, e o reconduz ao seu estatuto de vazio cuja borda a pulsão não cessa de contornar. Não é uma travessia sem risco (VIDAL, 2012, p. 142, grifo do autor).

Assim, ato, corte e pulsão impõem ao sujeito uma não resposta ao que não se sabe através do semblante de objeto, lugar do analista, que não encarna nada além do vazio. Vazio de representação, de sentido, que faz o sujeito correr o risco da travessia.

“O diabo não há! É o que digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006, p. 553).

Abstract: The writing of this paper originates from the cartel “Drive and Fantasy”, registered at Ato – Escola de Psicanálise. It aims at studying the concept of primary masochism in its structural function, as well as its association with the concept of the death drive, according to Freud’s essay “The Economic Problem of Masochism”. We investigate the fantasmatic body and its boundary crossing, both constructed during analysis and imposed by the logical, drive-oriented slant at the nodal points in repression and primary masochism. Unlike the fantasmatic response, the analytic act has a blocking function which, in addition to the traversing of fantasy, also promotes the subject to an objectal being.

Keywords: Primary masochism. Drive. Fantasy. Enjoyment. Analytic act. Object *a*. Countenance.

Referências

BERNARDES, Wagner Siqueira. Sadismo, masoquismo e economia pulsional. *Revista da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano 7, n. 6 e 7, p. 89-97, 2021.

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 135-250. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 137-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 225-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 199-212. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOLER, Colette. Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: *Seminário A angústia*, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta, 2012. (Coleção Pathos).

VIDAL, Eduardo. Masoquismo originário: ser de objeto e semblante. *Revista da Escola Letra Freudiana*, Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XI, n. 10, p. 134-143, 2012.



Masoquismo originário e o limite da estrutura

Crasso Campanha Parente¹

Resumo: O texto é resultado da produção de um cartel. Trata o tema masoquismo originário erógeno e indaga a sua relação com a estrutura do sujeito. Questiona a função do masoquismo originário para o aparelho psíquico, prazer na dor, e como o ser falante o utiliza para lidar com a dor de existir. Aponta saídas que o processo de análise permite produzir para lidar com isso, que repete e acompanha o ser falante durante sua vida, por fazer parte da estrutura do sujeito.

Palavras-chave: Masoquismo. Pulsão de morte. Gozo. Estrutura. Repetição.

O interesse pelo tema “masoquismo originário” surgiu no estudo do texto de Freud “O problema econômico do masoquismo” (1924) no cartel que participamos com o tema “Fantasia e pulsão”, inscrito na Ato – escola de psicanálise.

Nesse texto, Freud diz que é “enigmática a existência de uma vertente masoquista da vida pulsional.” (FREUD, 1924,

1 Médico e psicanalista em Belo Horizonte.

p. 119). O masochismo já era observado na sua clínica psicanalítica o que o conduziu a pensar em um paradoxo, que haveria prazer na dor. Condição que ultrapassava os limites do princípio do prazer e ia além, em um ponto onde a tensão psíquica seria reduzida ao mínimo possível. Esse novo princípio foi nomeado princípio do nirvana. Também, nesse texto, ele descreve três tipos de masochismos: o originário ou erógeno, o feminino e o moral. O masochismo originário ou erógeno está na base dos masochismos feminino e moral. Aí, ele relacionou os significantes “originário” e “masochismo”. Estaria esse masochismo originário na origem do sujeito, fazendo parte da estrutura?

Essa pesquisa conduziu a pensar que originário é aquilo que participa da estrutura e que dá sustentação para o sujeito em sua origem, na sua divisão. Outro significante que acompanha esse masochismo originário é o erógeno, de Eros, Pulsão de vida. Lembrando que a pulsão está localizada entre o psíquico e o somático.

Desde 1920, no texto “Além do princípio do prazer” (1920), Freud vai separar o campo da pulsão em Tânetos ou pulsão de morte e em Eros ou pulsão de vida. Essas pulsões coexistem em proporções diferentes em cada aparelho psíquico. Eros ou pulsão de vida seria uma energia ligada; e Tânetos ou pulsão de morte, energia desligada. Se masochismo originário participa dessa ligação inicial erógena, talvez ele seja sustentado por marcas e restos da primeira ligação com o Outro. Marcas da primeira experiência de satisfação, marcas de gozo. O masochismo originário é o

retorno a esse lugar que marca uma perda e que, por ter sido uma energia excessiva ao aparelho psíquico, foi recalçada e perdida. Nesse ponto, a pulsão de morte estaria em sua máxima potência, que faz repetir e não cessa de não escrever, mas a cada repetição há o encontro com o vazio do Outro. Se o masoquismo originário está na origem do sujeito, então ele está no ponto de inscrição das primeiras marcas do Outro que permitem a inscrição de um corpo de linguagem em um ser falante, de um corpo marcado pelo Outro, um corpo pulsional. Seria o masoquismo originário efeito do trauma inicial? Estaria ele, como traços daquilo que restou do perdido e recalçado, na borda do buraco do recalque originário?

Eduardo Vidal, no texto “Masoquismo originário: ser de objeto e semblante”, publicado na revista da Escola Letra Freudiana, cuja edição teve como título de capa “Pulsão e gozo” (1992), fez avançar. Disse que o “masoquismo originário é o nome do gozo em Freud, adscrito à pulsão de morte.” (VIDAL, 1992, p. 134) . Campo do gozo que Lacan delimita a partir dos impasses de sua clínica e que nos faz avançar para pensar isso que nos marca na origem e produz sintomas e sofrimento.

Nesse tempo originário, no processo de alienação, o sujeito é tomado como objeto do desejo de um Outro cujo desejo é não anônimo. Desejo que abre espaço no Outro para constituição de um sujeito. É da posição de objeto de desejo desse Outro que o sujeito se constitui. Nesse processo, o corpo ao natural é marcado pelos afetos e pelas palavras

desse Outro, que faz encarnar *lalangue*, e que faz desse corpo ao natural um corpo simbólico de consistência real.

A entrada no campo de Eros é a operação que faz uma passagem da condição de objeto a um lugar de sujeito. Mas as marcas de um tempo inicial, onde as pulsões parciais são inscritas nesse corpo, são recalçadas, dando origem a substância gozante. É nesse lugar, onde o sujeito inicial é ainda tratado como objeto do outro, que ele se sente amado e desejado. Essas marcas inscritas, de um traço, traço unário, que inscreve o que foi perdido dessa primeira experiência na qual a pulsão é parcial e marcada pelo autoerotismo, deixando um resto perdido para sempre e que movimenta todo o campo pulsional, campo do gozo.

Esse lugar mítico da primeira experiência de satisfação, que foi experimentado e perdido, delimita o buraco da estrutura, onde Lacan vai localizar o objeto *a*. Se o masoquismo originário está na origem do campo do gozo, ele também sustenta o sintoma e o fantasma no traçado da pulsão ao contornar o objeto *a*.

O sintoma é uma manifestação do inconsciente e uma satisfação substitutiva. É manifestação que sustenta um lugar para o sujeito quando a pulsão de morte invade o sistema psíquico, forçando o retorno do recalçado. Talvez, o prazer na dor seja um recurso para tratar aquilo que excede no aparelho psíquico, que no limite da estrutura evita o encontro com o vazio do sujeito no buraco do recalque originário. Lacan em “O Seminário 22: RSI” (1974-1975) localiza o

sintoma entre o real e o simbólico e o nomeia como um dos nomes-do-pai, isso que sustenta e faz limite na estrutura e que amarra o nó Borromeano.

O masoquismo originário participa da estrutura porque ele faz aparecer a dor em um corpo, a dor de um sujeito objeto. Isso impede que o sujeito retorne à posição de objeto. Posição que é sinalizada com a angústia. Segundo Lacan, a angústia é um afeto, “é aquilo que não engana” (LACAN, 1962-1963, p. 88).

A angústia está fora do simbólico, mas sinaliza o insuportável da dor de existir. Faz aparecer um corpo sem palavras, marcado pela morte, pela pulsão de morte, quando o sujeito tende a ser um objeto, que é mortificado pelo gozo do Outro. Por isso, a angústia é nomeada por Lacan como um dos nomes-do-pai. Está no limite entre o real e o imaginário. A dor mobiliza o sujeito porque produz mal-estar, inibição, sintoma e angústia. A angústia é relatada pelo sujeito como sensação de morte iminente e nos orienta na clínica.

O ser falante, reduzido à condição de objeto, resiste com o corpo que dói, que goza, que repete no sintoma a busca dessa satisfação perdida, mas encontra no sintoma o prazer na dor e o vazio do Outro.

Essa posição também é a do sujeito no fantasma. Mas o fantasma é inconsciente e tem uma estrutura perversa. No fantasma, o sujeito se oferece ao Outro como objeto de desejo, achando que seria amado a partir desse lugar. Mas o que ele encontra é o gozo do Outro. Lacan, em “O

Seminário 20: mais, ainda”, diz que “o gozo do Outro, do Outro com maiúscula, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor.” (LACAN, 1972-1973, p. 12). O gozo do Outro, o gozo do corpo é um lugar limite onde o sujeito e o objeto se igualam, o verdadeiro buraco. O fantasma faz anteparo a esse lugar impossível, onde o desejo desaparece, em que ele é reduzido a um corpo sem palavras.

Os nomes do pai, inibição, sintoma e angústia fazem função de sustentar o sujeito no limite da dor. Aí ele sustenta um existir. A maioria dos que buscam análise está nesse lugar de sofrimento.

A experiência de uma análise vai permitir construir o fantasma que está recalcado e, ao mesmo tempo, reduzir o imaginário à consistência real do ponto de letra, na escritura da estrutura. Mas se o masochismo primário participa da estrutura, no final de análise, ele estará ainda ali, sustentando o buraco, mas algo na economia pulsional poderá ser mudado, porque o sujeito estará avisado disso que repete na busca do encontro com o que foi perdido. Essa dor de existir faz parte do ser falante. Há a travessia do fantasma e o encontro com a pulsão. Aí, talvez, seja possível renunciar ao sofrimento, efeito dos desdobramentos sustentados pelo masochismo originário, no sintoma e no fantasma, para apostar no desejo que sustenta o desejo de construir um lugar próprio, onde o Sinthoma, esses traços singulares de cada sujeito, sustente um singular existir na invenção da vida.

Desses traços marcados pelo outro, que são próprios de cada um, é possível construir, no singular dessa escrita, algo de surpreendente que retorna, ressoando algo novo sobre o corpo, que goza e sustenta o real da vida. Vida que inclui a morte. Morte que, segundo Freud, não há inscrição no inconsciente, mas que age por trás dessa paradoxal dor de existir.

Resumen: El texto és la producción de un cartel. Aborda el tema masoquismo originario erógeno y cuestiona su relación con la estructura del sujeto. Cuestiona la función del masoquismo originario para el aparato psíquico, el placer en el dolor, y cómo el ser hablante lo utiliza para lidiar con el dolor de existir. Señalando salidas que el proceso de análisis permite producir para lidiar con esto, que se repite y acompaña al ser hablante durante su vida, por ser parte de la estructura del sujeto.

Palabras clave: Masoquismo. Pulsión de muerte. Goze. Estructura. Repetición.

Referências

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). *Revista da Escola Letra Freudiana: Pulsão e Gozo*, tradução Eduardo Vidal, Rio de Janeiro, ano XI, n. 10/11/12, p. 118-133, 1992.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer II fort-da (1920). *Revista da Escola Letra Freudiana: Pulsão e Gozo*, tradução Eduardo Vidal, Rio de Janeiro, ano XI, n. 10/11/12, p. 12-21, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 22: RSI (1974-1975)*. Inédito.

VIDAL, Eduardo. Masoquismo originário: ser de objeto e semblante. *Revista da Escola Letra Freudiana: Pulsão e Gozo*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 10/11/12, p. 134-143, 1992.

Obras consultadas

ANOTAÇÕES do Seminário *A abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, 2021 e 2022.



**Cartel:
dispositivo
d'escola**



O cartel e a escrita

Maria de Fátima Andrade Chadid¹

[De um cartel] “nenhum progresso é esperado senão o de uma exposição periódica a céu aberto dos resultados, assim como das crises de trabalho”.

(LACAN, 1980, p. 14)

Resumo: Este texto foi exposto na jornada de cartéis da Ato – escola de psicanálise, realizada nos dias 16 e 17 de setembro de 2021. O trabalho consiste em uma elaboração inicial da autora a partir das leituras e discussões realizadas no cartel nomeado “O cartel e o desejo de saber”, inscrito na Ato – escola de psicanálise. O trabalho buscou articular a função da escrita, sua relação com a produção e a transferência de trabalho no dispositivo de cartel.

Palavras-chave: Cartel. Escrita. Produção. Trabalho de transferência. Transferência de trabalho. Desejo de saber.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

O objetivo deste trabalho é dar um breve depoimento sobre algumas questões colhidas a partir das leituras e discussões realizadas no cartel intitulado “O cartel e o desejo de saber”.

A ideia da formação do cartel surgiu na própria comissão de cartéis da Ato como forma de se obter um maior aprofundamento sobre o dispositivo. Afinal, seria uma oportunidade de dedicação ao tema e, ao mesmo tempo, vivenciar mais uma experiência como cartelizantes.

Seguiu-se a estrutura formalizada por Lacan, no escrito “*D’Écolage*”, de 1980. Como a comissão já contava com quatro membros decididos sobre o trabalho a percorrer, bastava apenas escolher o Mais-um. Optou-se por eleger o Mais-um dentro do próprio grupo, lembrando o proposto por Lacan de que este “sendo qualquer um, deve ser alguém que assuma o encargo de cuidar dos efeitos internos do grupo e provocar sua elaboração” (LACAN, 1980, p. 14).

A partir da escolha do Mais-um, deu-se início à leitura e discussão de textos relacionados ao funcionamento e importância do cartel. Alguns textos pareceram mais claros, outros nem tanto... A cada leitura, surgiam novos questionamentos. Como seria possível que um dispositivo aparentemente simples e estruturado poderia ter tamanha amplitude e complexidade, tantas interfaces envolvendo temáticas tão variadas como: movimento psicanalítico, ética, política, psicanálise em intensão e extensão, os laços sociais e estrutura dos discursos, nó borromeano, passe, entre outros?

As questões começaram a borbulhar... Não seria o dispositivo do cartel apenas um grupo que teria como missão se reunir periodicamente para estudar e aprofundar num tema da psicanálise, com apoio de uns e outros? Como o cartel, dispositivo baseado em um pequeno grupo, criado e formalizado sob critérios bem definidos de controle, poderia ser uma resposta de repúdio às engessadas diretrizes adotadas pela *International Psychoanalytical Association (IPA)*, as quais Lacan tanto se opôs, redundando em seu rompimento com a instituição? Quais seriam as razões da delimitação do tempo para a dissolução de um cartel, bem como da limitação do grupo entre quatro a seis cartelizantes, e o que dizer da função do Mais-um?

Em meio a tantas questões, uma em especial se destacou, a menção sobre o cartel, apresentada no texto de Annie Tardits: “A palavra cartel, nomeação dada por Lacan em 1964, no dispositivo de fundação de sua Escola, faz referência ao papel que suporta o escrito (*cartello, charta, kartès*) ao público” (TARDITS, 2011, p. 148, grifo do autor).

Pensar o significante cartel como um papel que suporta o escrito, direcionado a um certo público, nos faz deslizar para outros significantes: carta, *lettre*, escrita. O encontro com esses significantes nos recorda uma citação de Lacan (1964), quando, ao refletir se a psicanálise poderia ser definida como uma ciência, submetida à pesquisa, conclui por situá-la como uma práxis, mencionando uma frase atribuída a Picasso:

Muito bem, permitam-me enunciar, e mesmo me dirigindo aos poderes públicos para quem este termo, pesquisa, há algum tempo, parece servir de senha para muitas coisas – o termo pesquisa, eu desconfio dele. Para mim, jamais me considerarei um pesquisador. Como disse uma vez Picasso, para o maior escândalo das pessoas que o rodeavam – *Eu não procuro, acho.* (LACAN, 1964, p. 14, grifo do autor).

Este achado nos traz alguns questionamentos sobre qual seria a função da escrita, sua relação com a produção e a transferência de trabalho no dispositivo do cartel.

Neste deslizamento, alguns fios nos possibilitam iniciar a tessitura dessa trama, a começar por destacar algumas considerações relacionadas à escrita, colhidas das sessões plenárias de sábado à tarde, em 1975, nas jornadas de estudo da Escola Freudiana de Paris, ocasião em que Lacan se reuniu com alguns dos seus seguidores para trabalharem questões sobre a função dos cartéis na Escola e ao estabelecido no “Ato de Fundação da Escola” de 1964.

A primeira questão diz respeito às duas vertentes presentes no cartel: uma relacionada à sua estrutura e formação, e a outra concernente à execução do trabalho e à produção. Do lado da estrutura, é possível verificar os efeitos do laço estabelecido entre os membros do grupo e a implicação de cada um, conforme se extrai do dito de Lacan na ocasião: “[...] o nó borromeano está submetido à condição de que cada um seja efetivamente, e não só imaginariamente, o que sustenta todo o grupo” (LACAN, 1975, p. 104).

A segunda vertente diz respeito à produção. Nas discus-

sões da jornada, foi mencionado que uma produção só é possível quando há trabalho e seu resultado é a escrita.

O dito de Lacan (1980), em “*D’Écolage*”, acentuando que de um cartel se espera uma exposição periódica dos resultados e das crises de trabalho, diz respeito ao resultado adquirido por cada cartelizante a partir de suas experiências, suas leituras e questionamentos no decorrer de um tempo delimitado para o funcionamento do cartel, isto é, um ou dois anos no máximo. Mas que tempo é esse? Não se trata do tempo cronológico, mas do tempo lógico, suficiente para que não haja um engessamento pelos efeitos imaginários de grupo e que instigue à elaboração, e um produto próprio de cada cartelizante, resultado da transferência de trabalho.

Miller (1986), em seu texto sobre as cinco variações sobre o tema da elaboração provocada, ao refletir sobre o que conduz à elaboração de trabalho em um cartel, apresenta-nos a concepção de que sempre haverá a necessidade de provocação, já que se entende não haver vocação para o trabalho. Partindo dessa concepção, situará também o trabalho de análise e o passe como elaborações provocadas, sendo a análise uma elaboração provocada pelo significante da transferência, isto é, pelo trabalho de transferência; e o passe como uma provocação na dimensão da “transferência de trabalho”, ou seja, nas palavras de Miller: “[...] funciona na contrapartida do discurso analítico, uma vez que ele outorga ou recusa uma nomeação, enquanto que o discurso analítico culmina na denúncia dos significantes-mestres pelo efeito da destituição subjetiva” (MILLER, 1986, p. 9).

A respeito da transferência de trabalho, Elisa Alvarenga argumenta que esta não é da mesma ordem da transferência que se dá no trabalho de análise.

Se no trabalho de transferência a causa é colocada no Outro, na transferência de trabalho se trata de causar o trabalho de outros. A passagem do trabalho de transferência a transferência de trabalho corresponde à passagem do amor ao saber ao desejo de saber, ou ainda, da suposição à exposição de saber [...] é a transferência de trabalho que aponta a transmissão a outros, não apenas dos resultados, mas de um estilo de trabalho (ALVARENGA, 2016, on-line).

E no Cartel, como se daria a provocação ao trabalho? E o que dizer da transferência em um cartel?

Para Miller, a provocação em um cartel é uma atribuição do Mais-um que, para tanto, não deverá ocupar o lugar de analista ou mestre. Qualifica o lugar do Mais-um como agente “provocador – provocado”, pois, faz trabalhar enquanto também trabalha. Considera que a função do Mais-um é uma arte e diz:

O Mais-um deve chegar a pontos de interrogação [...] ‘fazer buracos nas cabeças’. Isto supõe que se recuse a ser um senhor que faça o outro trabalhar, ser aquele que sabe, ser analista em um cartel; tudo isso para ser um agente provocador a partir de onde há ensino. (MILLER, 1986, p. 5, grifo do autor).

Sobre a transferência que favorece a produção em um cartel, Miller (1986) propõe a transferência de trabalho que se dá por um prologamento do trabalho de transferência. Neste desdobramento, é possível pensar que, se uma análise é

movida pelo trabalho de transferência, sendo justamente o que coloca o sujeito em trabalho, o seu prolongamento seria a transferência de trabalho, presente no passe, como também no cartel. Miller, em seu texto “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”, escreve essa passagem com o seguinte matema:

a Trabalho de transferência & Transferência de trabalho S1

No cartel, a produção de um saber se daria por meio de uma manobra do Mais-um, não ocupando o lugar de semelhante de objeto a , como ocorreria com o analista em uma análise. De acordo com Miller: “Dar o justo lugar ao objeto no cartel exige que o Mais-um não se aproprie do efeito de atração, mas que o refira a outro-lugar entre nós, a Freud e a Lacan” (MILLER,1986, p. 8).

A transferência de trabalho, aqui transposta para um cartel, está intimamente relacionada à causa analítica e à posição do cartelizante diante de seu desejo, sobretudo ao que não se sabe, mas que se quer saber. A transferência de trabalho é o que enlaça o sujeito a partir do texto, ou seja, de sua identificação ao texto que, de início, possibilitará o surgimento de uma pergunta e um movimento que acolhe a fratura, a falta a saber.

Lacan privilegiou o cartel como uma forma de transmissão da psicanálise. O cartel, ao lado do passe, são formas privilegiadas de transmissão da psicanálise por estar em jogo a transferência – o agalma do desejo de saber que move o sujeito em direção ao seu objeto perdido. Na análise, a

transferência é ao sujeito suposto saber; e no cartel, ela se endereça a uma questão que provoca o sujeito a partir de sua experiência, seja na própria análise ou na clínica, mas uma experiência com a psicanálise.

No dispositivo do cartel, uma produção será possível mediante o deslocamento da transferência inicialmente dirigida ao Mais-um, seja como mestre ou sujeito suposto saber, para a transferência de trabalho ao texto. Isto implica a mudança do discurso sintomático do mestre para o discurso da histórica e deste, por sua vez, ao discurso do “Um por Um”, conforme sugere Pomponet (2013).

Neste sentido, o discurso do “Um por Um” nos indica, justamente, o processo da identificação do sujeito ao traço próprio, introduzindo a diferença. Segundo Pomponet, na experiência analítica e no cartel, a identificação que favorece a produção do sujeito é a identificação ao traço unário, “pois é o traço unário que dá ao significante todo o seu peso, seu mecanismo e seu ato” (POMPONET, 2013, p. 25).

A escrita, entendida como traço, produz o sujeito, mas o que se transmite pela via da escrita, segundo Lacan (1966), é o estilo, ou seja, o objeto *a* enquanto causa de desejo.

Desta forma, evidencia-se a intrínseca relação entre transferência, trabalho, produção, escrita e exposição no dispositivo do cartel.

Em última instância, é a assunção do sujeito ao desejo de saber para que possa trabalhar o seu produto, sua escrita,

sua exposição na Escola. Isto implica, segundo Pomponet (2013), o enfrentamento de impasses na produção, gerados pela impotência presentificada no discurso da histórica que, embora seja o discurso mais favorável ao trabalho, pede modulação pelo Mais-um. Para o autor, a saída seria:

[...] não obturar o furo da estrutura, ao contrário, presentificá-lo, para permitir que cada um possa dar “um passo de sentido” (pas-de-sens) que é correlativo ao que se espera do final de uma análise – passar da impotência à impossibilidade para alcançar uma enunciação própria (POMPONET, 2013, p. 29, grifo do autor).

Conforme Miller, para que haja a produção de um saber no cartel, é necessário que os membros tenham uma “razão para estar aí” e acrescenta “[...] que cada um esteja no cartel na ‘qualidade de’, esta lógica implica que os membros trabalhem a partir de suas insígnias e não de sua falta-a-ser” (MILLER, 1986, p. 7, grifo do autor). Neste sentido, em um cartel interessa que cada um compareça com seu desejo, com sua interrogação e com seu labor.

No cartel, o sujeito apresenta-se identificado a uma questão, ou identificado ao texto psicanalítico como um encontro ou uma descoberta, possibilitando-lhe construir um saber que não se esgota e que sempre poderá ser reescrito, mas se escrito terá uma função de testemunho. A escrita tem uma função de testemunho para aquele que escreve e faz laço. Produz efeitos naquele que escreve e naquele que lê.

É possível concluir que a escrita em um cartel possibilita a inscrição do desejo do saber a um saber possível, não-todo.

Um produto que está do lado do saber aí fazer com o que se tem e com a falta, em um movimento pulsional que vai do gozo paralisante, da captura narcísica que inibe a produção, para uma posição de potência.

Nesse pressuposto, a escrita no cartel estaria articulada ao real, no que é impossível de se dizer; ao imaginário, por incluir a dimensão do movimento que implica o corpo e o ato; ao simbólico, pela inscrição do significante e pela fratura na linguagem que se abre a produção de novos sentidos e ao novo.

Algumas questões ainda restam para seguir trabalhando...

Cartel: dispositivo d'escola

Abstract: This article was exposed in the cartels' journey in the *Ato – escola de psicanálise* held on the 16th and 17th of September 2021. The work consists of an initial elaboration by the author based on the readings and discussions carried out in the cartel, named “The cartel and the desire to know”, registered in the *Ato – escola de psicanálise*. The work sought to articulate the function of writing, its relationship with production and the transfer of work in Lacan's cartel dispositive.

Keywords: Cartel. Writing. Production. Transfer of work. Work of transfer. Desire to know.

Referências

ALVARENGA, Elisa. Ensino e Transferência de trabalho. *Um por Um – Boletim eletrônico do Conselho Deliberativo da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)*, n. 335, 2016. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/1por1/335/um_por_um_335_ensino_e_transferencia_de_trabalho.html>. Acesso em: 11 set. 2021.

LACAN, Jacques. *D'Écolage* (1980). *Manual de cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) – Seção Minas Gerais*. Tradução de Alessandra Thomaz Rocha. Belo Horizonte: Scriptum, 2010. p. 13-16.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. Intervenção de Jacques Lacan na sessão de encerramento das jornadas de estudos de cartéis na *École Freudienne de Paris* (1975). *Lettres de l'École Freudienne*, n. 18, p. 263-270, 1976.

LACAN, Jacques. Ato de Fundação (1964) In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 235-247.

LACAN, Jacques. Abertura desta coletânea (1966). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 9-11.

MILLER, Jacques-Alain. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada (1986). In: JIMENEZ, Stella (Org.). *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994, p. 1-10.

POMPONET, Reinaldo. O cartel na Escola de Lacan. *@gente Digital – revista de psicanálise*, Salvador, ano 2, n. 8, p. 24-30, abr. 2013.

O cartel e a escrita

TARDITS, Annie. Os dispositivos da Escola. In: _____ . *As formações do psicanalista*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2016, p. 141-168.

Cartel: dispositivo d'escola



Impasses no cartel

Marília Pires Botelho¹

Resumo: Este texto foi produzido como roteiro de discussão para um encontro de cartéis. Foram abordadas, neste trabalho, questões em torno dos impasses e dúvidas que temos escutado dos cartéis em funcionamento na Ato – escola de psicanálise.

Palavras-chave: Cartel. A função do “mais-um”. Transferência ao saber. Momento de concluir.

O cartel, um dos dispositivos criados por Lacan para sustentação da escola, se fundamenta nas formulações de Freud sobre a psicologia das massas. Em seu texto, “Psicologia de grupo e análise do ego”, de 1921, Freud examina detalhadamente os fenômenos dos grupos, das massas, como e por que os laços sociais em um grupo ou nas massas adquirem “a capacidade de exercer influência tão decisiva sobre a vida mental de um indivíduo e qual é a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo” (FREUD, 1921, p. 95). Freud vai enodando sua teoria, nos apontando várias questões que permeiam os laços sociais em um grupo. Dentre elas, destacamos: a força de um líder num lugar de ideal, as identificações e as ambivalências

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

que lhe são inerentes, a própria alienação de um sujeito ao grupo.

A partir dessas formulações freudianas, em torno dos grupos, Lacan institui o cartel como uma nova modalidade de laço social. Um grupo sem líder, que se constitua sem a força das identificações, enfim, um modo diferente de fazer laço social, que possibilite “pequenas construções singulares” (CARVALHO, 2018, p. 10).

Quando Lacan se refere à Escola que ele funda, que tem como base o cartel, ele diz: “Não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento.” (LACAN, 1980a, p. 47).

Vemos aí uma aposta na estrutura do cartel, desde que as pessoas façam uso, efetivamente, do dispositivo, tal como ele nos propõe. Uma aposta para que o trabalho aconteça e que aí se produza efeitos de discurso e efeitos de sujeito.

No entanto, as crises dos cartéis são quase que indissociáveis de suas próprias constituições, pois o cartel, além de ser um dispositivo da escola que favorece o estudo e a pesquisa, é também a própria experiência, em ato, de uma produção singular e inacabada e de um novo modo de laço social.

Tentaremos abordar aqui algumas questões que normalmente surgem em nossa experiência de cartel na escola.

A inscrição do cartel

O cartel só se institui a partir de sua inscrição na escola. Em relação a essa questão, caso o cartel tenha participantes de outra escola, surge a seguinte dúvida: um cartel pode ser inscrito em duas escolas? Isso já foi objeto de discussão e debate na Ato, quando concluímos que um mesmo cartel pode ser inscrito em mais de uma escola.

A inscrição marca a sua importância por afirmar que a produção daquele cartel será dirigida, endereçada, através da transferência de trabalho, para a(s) escola(s) onde o cartel foi inscrito. Essa produção ou o relato das experiências dos participantes no cartel, quando relançadas para a escola, promovem uma oxigenação, possibilitam uma análise da própria experiência no cartel, um refinamento do dispositivo e, ao mesmo tempo, um compromisso dos participantes com o trabalho de escola.

É o próprio Lacan quem diz: “Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises do trabalho.” (LACAN, 1980b, p. 51).

A estrutura do cartel

Como dissemos anteriormente, a estrutura do cartel foi proposta em contraposição à formação de grupos, aos fenômenos imaginários, à especularização, que decorrem de um grupo, o que impossibilitaria o trabalho. As precauções de Lacan em relação ao imaginário visam um descolamen-

to de uma certa repetição quer seja de funções, de lugares definidos, ou da própria teoria, ou seja, o efeito de constância inerente a todo grupo, a toda instituição. Daí a importância de um cartel ter participantes heterogêneos, tanto em relação à teoria quanto em relação às escolas.

Função do “mais-um”

Lacan diz que o “mais-um” não é uma pessoa, mas uma função exercida por alguém que foi escolhido e nomeado pelos participantes do cartel. É uma função que existe em todo grupo, mas a diferença é que, quando formalizada no cartel, deixa de ser uma presença imaginária, identificada e atribuída a alguém, para ser uma presença simbólica.

O “mais-um” no cartel tem que estar advertido de sua função, que não é de um líder ou de um mestre. Sua função é a de fazer circular os discursos no cartel, acolhendo, discutindo e dando um destino ao trabalho de cada um. Nos dizeres de Lacan, “o ‘mais-um’ será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração” (LACAN, 1980a, p. 51).

No entanto, qualquer membro do cartel pode vir a exercer essa função, ou seja, ela pode circular entre os membros. Em 1975, Lacan admite que é uma função de resto e irá dizer que: “É justamente disso que se trata. De que cada um imagine ser responsável pelo grupo e de ter que responder como tal.” (LACAN, 1975, p. 104).

Um cartel pode desviar de seu objetivo se o “mais-um” assume uma posição de líder ou de mestria. É um engodo o “mais-um” se identificar com o sujeito suposto saber. Por outro lado, é comum os participantes instituírem um mestre nessa posição, e o “mais-um” responder desse lugar, o que paralisa o desejo de saber. Mas Lacan propõe o cartel como uma forma de barrar o Outro que é todo saber, o Outro da suficiência em sua escola, que com seu eu inflado resiste ao trabalho.

Jimenez (1994) aponta a importância da escolha do “mais-um” ser baseada numa identificação ao tema. Alguém que teria também uma questão sobre o tema, que marcaria, de saída, uma posição diferente do líder, pois estaria movido pelo desejo de desvendar tal questão.

Transferência ao saber

Em 1964, Lacan afirma que “o ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro, pela via de uma transferência de trabalho.” (LACAN, 1964, p. 23).

Quando Lacan aborda a transferência de trabalho, ele a relaciona ao final de análise, com a queda do sujeito suposto saber. No entanto, diferentemente de uma análise, podemos dizer que, no cartel, o trabalho só acontece na transferência, na suposição de saber, mas uma suposição de saber que se dirige ao texto. É em relação ao texto que os questionamentos devem ocorrer.

As crises de trabalho nos cartéis e os afetos que elas trazem à tona devem ser cernidos pelo discurso analítico e remetidos ao trabalho.

O cartel é pensado então como um dispositivo privilegiado de transmissão do saber psicanalítico.

Tempo de concluir

Um tempo de duração é colocado para o trabalho de um cartel, que é de um a dois anos. Portanto, um cartel traz a dissolução em seu horizonte.

Muitas vezes, um cartel se encerra logo após a elaboração de uma produção, tendo feito já um certo percurso. Às vezes, ele se encerra mesmo antes de qualquer elaboração, motivado por questões imaginárias.

A produção dos cartelizantes, que geralmente ocorre após um tempo de trabalho, ou o relato de suas experiências, tem sua importância, no sentido de fazer uma borda ao insuportável de uma separação, ao real.

Mas, o corte dos trabalhos, findado esse tempo, também se torna importante para que se vivencie o luto da dissolução, tanto dos laços imaginários quanto do próprio produto, que é sempre um produto inacabado. A dissolução diz respeito à separação, à perda de todo o investimento teórico e afetivo.

Résumé: Ce texte a été produit comme guide de discussion pour une réunion du cartel. Dans ce travail, les questions sur les impasses et les doutes que nous avons entendus des cartels opérant à l'Ato-escola de psychanalyse ont été abordées.

Mots-clés: Cartel. La fonction « plus um ». Transfert au savoir. Moment de conclure.

Referências

CARVALHO, Rodrigo Lyra. *O cartel e a psicologia das redes sociais*. Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) – Seção São Paulo, em 29 set. 2018. (N.E.: este texto é um resumo da conferência proferida na jornada de cartéis da EBP – Seção São Paulo, em 29 set. 2018). Disponível em: <ebp.org.br/sp//o-cartel-e-a-psicologia-das-redes-sociais1/. Postado em 18 dez. 2018. Acesso em: 26out. 2022.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio do prazer; psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

JIMENEZ, Stella. *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

LACAN, Jacques. Ata de Fundação (1964). *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano 1, n. 0. p. 17-26. Circulação interna.

LACAN, Jacques. D'Écolage (1980b). *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano 1, n. 0, p. 50-52. Circulação interna.

LACAN, Jacques. O Outro falta (1980a). *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano 1, n. 0, p. 47-49. Circulação interna.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LACAN, Jacques. Transcrição das discussões das jor-

nadas sobre cartéis. III Sessão de grupo do domingo à tarde. Do “mais uma” e da matemática. *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano 1, n. 0. p. 97-109. Circulação interna.



Cartel: o que se enoda?

Rosana Scarponi Pinto¹

Resumo: A partir de um breve relato do laço construído por Freud com seus pacientes, dos desvios ocorridos na interpretação da sua teoria e consequentemente na clínica psicanalítica pelos pós-freudianos, a autora relata o retorno que Lacan faz a Freud, criando o dispositivo do cartel e ressaltando o enlaçamento possível nesse dispositivo, que é a base do funcionamento de uma escola de psicanálise.

Palavras-Chave: Laço. Psicologia do eu. Escola. Cartel. Real.

Na oportunidade de discussão que uma jornada de cartéis oferece, seria importante relembrar, mais uma vez, o “Ato de Fundação” da Escola Freudiana de Paris, realizado por Lacan em 21 de junho de 1964.

Esse documento histórico, que já foi lido e citado por nós, em muitos trabalhos e circunstâncias, presentificou-se como experiência vivida nos cartéis de que temos participado atualmente e não, exclusivamente, como uma referência teórica fundamental. Nesse momento, a questão

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

que se traz, para compartilhar, seria a da especificidade do laço possível entre os analistas na escola e, particularmente, no cartel.

Foi através da construção de um laço transferencial com seus pacientes, que Freud foi descobrindo a própria teoria. Dos atendimentos, baseados na hipnose e sugestão, ele descobre que a “regra de ouro” era dar voz ao “paciente ou doente”, significantes que revelavam a posição dos analisantes daquela época. Escutá-los, escutar o que lhes viesse à mente, foi o ponto de virada, principalmente daquilo que escapava ao discurso lógico, social, moral e padrão. Através dessa escuta, passaram de pacientes a sujeitos.

À medida que a psicanálise foi repercutindo em outros saberes e sendo conhecida na Europa, interferências ocorreram sobre a teoria e a técnica, ocasionando rompimentos de Freud com importantes seguidores. Principalmente após a sua morte, os desvios foram aumentando, e a psicanálise rumava para um distanciamento do inconsciente e a uma aproximação do imaginário. Ela estava se reduzindo a uma psicologia do eu e às suas defesas e, no que tange à formação de analistas, a uma identificação com seus mestres e modelos, conforme ressalta o texto de Lacan “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”.

Lacan se destacou, naquela época, como dissidente dessa corrente em expansão e no rompimento com o modelo ideal institucional da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Através da releitura de toda a obra de Freud, foi

revisando os conceitos básicos da teoria, a fim de religar a psicanálise a seus princípios fundamentais.

Nesse percurso, Lacan se inspirou na releitura do artigo de Freud (1921), “Psicologia das massas e análise do eu”. Nesse texto, Freud cita vários pesquisadores que se lançaram no estudo sobre a estrutura e sobre os laços existentes nos grupos. Ressaltando a igreja e o exército, ele aponta que, nesses tipos de grupos, os membros vivem a ilusão de que há um “cabeça”, no alto de uma ordem hierárquica, que ama a todos, de forma igual e democrática. Os laços são identificatórios com esse mestre ou líder e, horizontalmente, com os irmãos, suturando as diferenças. A falta de liberdade do sujeito no grupo é apontada por Freud como o principal fenômeno da psicologia de grupo e cita, como exemplo, o pânico que pode surgir se o grupo for rompido.

Percebendo efeitos similares de grupo na tradicional e mais importante associação de psicanálise da época, a IPA, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, em 1964, como um modelo alternativo para a formação de psicanalistas. Nele, o cartel estaria inserido como base de sustentação da nova escola, propondo uma lógica de funcionamento inovadora, totalmente diferente dos grupos.

O cartel seria um pequeno grupo de trabalho composto de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, “sendo quatro a justa medida”, segundo Lacan. O tempo de trabalho dos componentes desse grupo seria limitado, ao final do qual teriam que se separar. Lacan deixa clara a inexistência de graus hierárquicos nesta estrutura, que funcionaria numa

organização circular, cujas bases estariam fincadas na experiência ali vivida.

Mais tarde, em 10 de março de 1980, num escrito intitulado “*D’Écolage*”, Lacan dissolve a Escola Freudiana de Paris e, apoiado na experiência adquirida através de jornadas de cartéis na Escola, aprimora a formalização da estrutura do cartel. O nome desse escrito dá o tom de seu ato, pois Lacan joga com a homofonia entre palavras que aludem à des-escolarização, descolagem e também decolagem, segundo a nota do editor. Mais uma vez, Lacan adverte contra os efeitos de cola e ressalta que a Escola da Causa Freudiana, a ser construída, não será uma Escola e sim campo, no qual haverá liberdade de cada um para demonstrar o que fazer com o saber que a experiência deposita.

Após essas referências teóricas, trazendo o início com Freud que dá voz aos analisantes e a importância que Lacan dá à experiência de cada sujeito com a psicanálise, retornamos ao “Ato de Fundação”, para ressaltar dois registros que se articulam à vivência de des-colagem e decolagem, efeito de cartel, na Ato – escola de psicanálise.

Refere-se, primeiramente, à escrita de Lacan sobre a solidão do seu ato, efeito de sua posição crítica e política, comprometida com a inconformidade e com a invenção. O cartel reproduz essa experiência de solidão, de estar só no coletivo do grupo. Por isso, é uma experiência incomum e desafiadora, pois seguimos tentando buscar um semelhante e nele, a representação que nos falta.

No cartel existe um laço entre os participantes que se enoda pelo desejo de estar ali a trabalho, mas cada um com o seu ponto de causa – eis a diferença fundamental do grupo. Cada um com a sua divisão em torno do não saber, a começar pela escolha de um tema. O cartel instiga a um trabalho interno e a uma produção escrita, porque o furo circula na falta do líder, na falta de identificações entre subjetividades e normatividades.

Então, se há um ponto em comum no cartel, um enodamento, seria com a divisão e não com o sentido, pois é a primeira que provoca desconforto e trabalho. O vínculo não é de solidariedade ou coleguismo e sim de que cada um se faça sujeito da sua divisão. Um grupo propício à fala e não à sujeição, como ressalta Lacan (1956).

Pensando na tábua da sexuação, numa intersecção com a escola, o feminino estaria no cerne desse funcionamento, possibilitando sair do conjunto e trazer à tona o lado não todo saber e não toda identificação. Nesse ponto, algumas questões ocorrem: será que, nos cartéis que se desfazem, houve a prevalência da lógica fálica, do discurso universitário ou do mestre? O término do cartel e impasses não seriam também experiências a serem trabalhadas e valorizadas, possibilitando a queda de ideais, pontos de falhas inerentes ao real, como Lacan (1980) ressalta sobre a importância das crises de trabalho?

O segundo ponto a ser ressaltado é o encerramento da escrita do documento em questão, quando Lacan aposta que

Cartel: o que se enoda?

a diferença para o progresso da sua futura escola estaria na decisão a favor da causa analítica. A aposta não foi em conquistar uma escola volumosa. Seria uma escola voltada para a psicanálise e não para os psicanalistas.

Retornando ao laço possível no cartel, podemos articular cada participante com o trabalhador decidido, que poderá construir algo singular em torno da questão que o inquieta e refletir sobre a sua posição de sujeito único, seja no cartel, na escola, no social ou na pólis. Exercício contínuo, pois as questões mudam, e a psicanálise precisa seguir a partir de seus fundamentos, mas inovando, sem negar o real que circula e desafia.

Por isso, o produto do cartel nunca poderá ser avaliado por um “mais-um”, ou ser uma troca por amor e reconhecimento. É trabalho, elaboração em torno do que não se enoda e que, enlaçado à análise pessoal, reverbera como escrita interna e como subjetivação do que angustia. O cartel proporciona essa escuta de si mesmo, que não é, entretanto, sem o outro.

Cartel: dispositivo d'escola

Abstract: From a brief account of the bond built by Freud with his patients, the deviations that occurred in the interpretation of his theory and consequently in the psychoanalytic clinic by the post-Freudians, the author reports the return that Lacan makes to Freud, creating the cartel device and emphasizing the possible linkage in this device, which is the basis of the functioning of a school of psychoanalysis.

Keywords: Link. Psychology of the self. School. Cartel. Real.

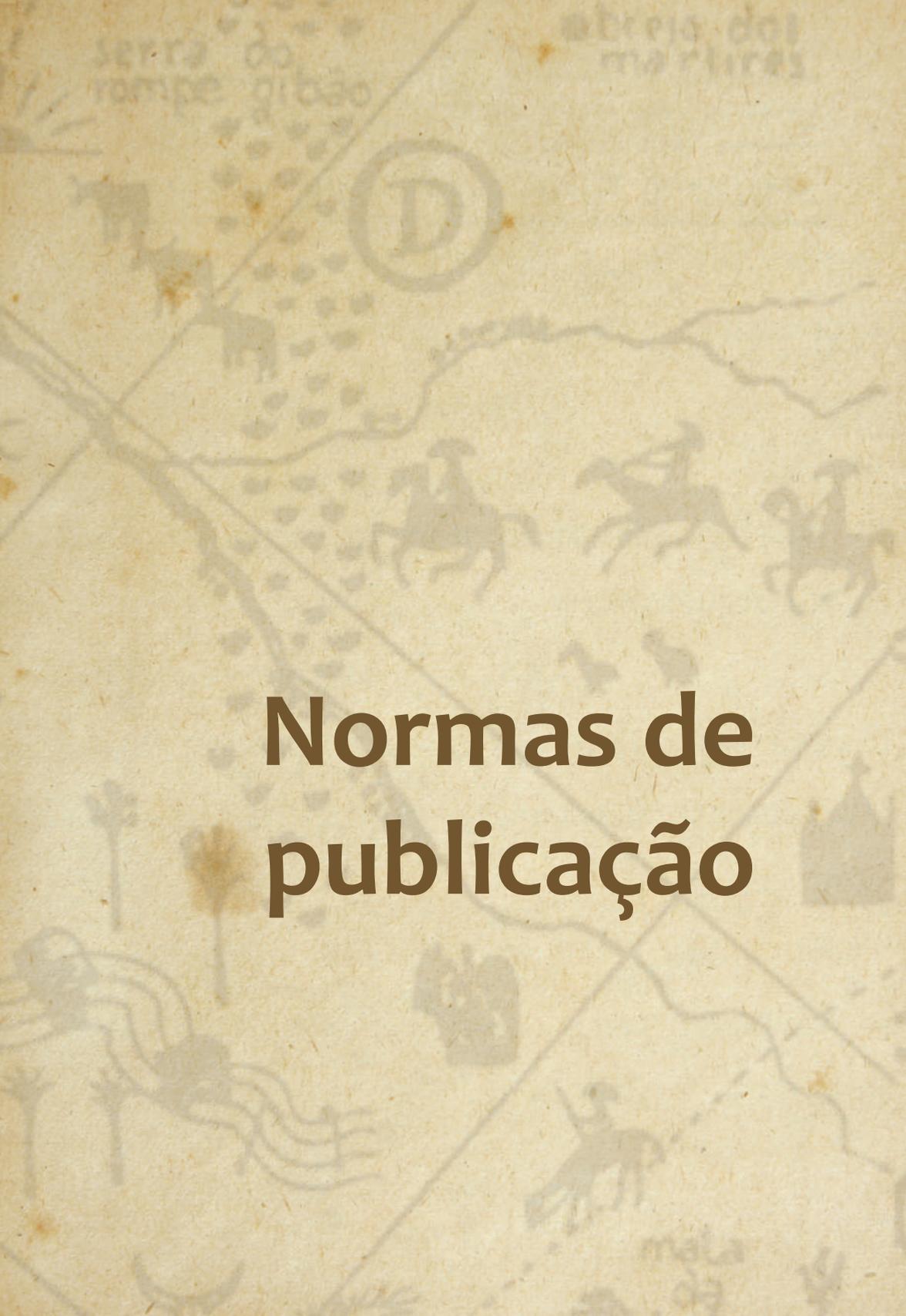
Referências

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. *Além do princípio do prazer; psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-169. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

LACAN, Jacques. Acte de fondation (1964). In: *Annuaire de l'École de la Cause Freudienne*. Paris, 1982. p. 71.

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (1956). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 461-495.

LACAN, Jacques. *D'Écolage* (1980). Disponível em: <<https://www.ebp.org.br>>. Acesso em: 13 set. 2022.



**Normas de
publicação**



Normas de Publicação

As normas de publicação dos artigos da Revista da ATO deverão estar de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), obedecendo à seguinte estrutura:

Digitação do texto

Fonte Arial, corpo 12; espaçamento entrelinhas 1,5; parágrafo moderno (adota margem esquerda para todo o texto, exceto título e nome do autor); texto justificado; parágrafos duplos entre eles; margem esquerda e superior de 3 cm e margem direita e inferior de 2 cm (anverso).

Grafar entre aspas simples: uma citação dentro de outra que está entre aspas duplas.

Grafar entre aspas duplas: títulos de livros, artigos, ensaios, filmes, obras artísticas, palavras de realce, palavras em tom de ironia, títulos de conferências, de jornadas, neologismos etc.

Grafar em itálico: palavras estrangeiras, diálogos, falas e pensamentos de analista/paciente.

Notas de rodapé: grafar na fonte Arial, corpo 10.

Evitar, quando possível, a inserção no texto do “entre parênteses” em orações ou expressões intercaladas e explicativas. Dar preferência ao “travessão”, que é um hífen prolongado, propiciando mais leveza e clareza ao texto.

Padronização na configuração de inserções de poemas, músicas e citações em epígrafes:

1 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio que estão no início do artigo (à direita), logo após o nome do autor do artigo – em itálico, corpo 10.

2 – Poema ou trecho de poema, trecho de texto literário ou ensaio no corpo do texto do artigo – em itálico, corpo 12.

3 – Trecho de música no início do artigo (depois do nome do autor ou, no máximo, depois de palavras-chave) – em itálico, corpo 10.

4 – Trecho de música no corpo do texto – em itálico, corpo 12.

5 – Epígrafe, mote, citação curta de obra/autor no início do artigo (depois do nome do autor ou no máximo depois de palavras-chave) – em redondo (normal), corpo 10, entre aspas.

Citações

1 – Citação direta e curta

As **citações diretas e curtas** (até três linhas) – que se referem à transcrição literal de textos de outros autores – são inseridas no texto entre aspas duplas, e, logo após, deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor em caixa alta, a data de publicação da obra e o número da página. Nas obras de Freud e Lacan, colocar sempre a data de publicação do original.

Exemplo 1:

“É isso que faz a hiância entre a constituição do objeto pri-

vilegiado que surge na fantasia e toda espécie de objeto do mundo dito socializado, do mundo da conformidade” (LACAN, 1961, p. 240).

Exemplo 2:

No texto “O estranho”, de 1919, Freud dirá que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1919, p. 238).

Uma **citação dentro de outra citação direta** é indicada por aspas simples.

Exemplo: “Aqui, não se trata do saber inconsciente, mas de um tipo de ‘saber fazer’ que o escravo adquire com seu trabalho” (SOUZA, 2003, p. 110).

2 – Citação direta e longa

As **citações diretas e longas** (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente, recuado 4 cm da margem esquerda, com corpo 10 e espaçamento 1 entrelinhas, dispensando as aspas. Exemplo:

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* – retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo (LACAN, 1964, p. 254).

3 – Citação indireta

As **citações indiretas** (livre) – que ocorrem quando se re-produzem ideias e informações do documento, sem, entretanto, transcrever as próprias palavras do autor – deverão ser sem aspas, informando o nome do autor em caixa-alta e baixa, por fora dos parênteses e, em seguida, dentro dos parênteses, somente o ano de publicação.

Exemplo: Começo com uma contribuição de Lacan (1948) em sua quinta tese sobre a agressividade; tese que é uma tentativa de revelar o papel da agressividade na neurose moderna e no mal-estar da civilização.

A referência de **citação indireta** pode ocorrer também no **final da frase**, para evitar interrupção na sequência do texto. A referência é inserida entre parênteses, constando o sobrenome do autor em caixa-alta e o ano de publicação.

Exemplo: Conforme Juan Carlos Cosentino, trata-se de uma satisfação que quase sempre prescinde do objeto, que abandona o vínculo com a realidade exterior, em consequência de um estranhamento com relação ao princípio de realidade e um retorno ao princípio de prazer (COSENTINO, 1992).

4 – Citação de citação

A **citação de citação** consiste de informação retirada de um documento consultado, ao qual não se teve acesso à fonte original da citação, mas por meio de outro trabalho que já continha essa citação transcrita. Logo após a citação,

deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor do documento não consultado (fonte original), data de publicação, página (caso seja citado o número da página na fonte original), seguido da expressão *apud* (citado por), o sobrenome do autor do documento efetivamente consultado, ano de publicação e número da página.

Exemplos:

1. Nesse ensaio, Freud surpreende-se com a observação de Schelling que diz que: “*unheimlich* seria tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.” (SCHELLING, 1857, p. 649 *apud* FREUD, 1919, p. 282).

Esta forma indica que a citação é de Schelling (presente em sua publicação não consultada de 1857, na página 649), mas foi citada (*apud*) no artigo de Freud (publicado originalmente em 1919, na página 282 de edição mais recente), artigo este consultado pelo autor do trabalho, em edição mais recente.

2. Segundo Brandão (1992, p. 21 *apud* MESQUITA, 1994, p. 6) “[...] Nem sempre se observa a convergência dos objetivos das políticas econômicas.”

Esta forma indica que o trecho citado é de Brandão (1992, p. 21), mas foi lido no trabalho de Mesquita (1994, p. 6), que fez a citação do trabalho de Brandão.

Para a **citação de citação**, os dados do documento original, não consultado, devem vir em nota de rodapé. Já na listagem de referência, no final do trabalho, devem-se incluir os dados completos da obra efetivamente consultada.

Notas de rodapé

Devem ser evitadas, nas normas da Revista da ATO, as notas de referências em rodapé (salvo o documento original, não consultado, da citação de citação). Somente serão inseridas as notas explicativas (referem-se a comentários e/ou observações pessoais do autor). Para fazer a chamada usam-se algarismos arábicos, na entrelinha superior, sem parênteses, após a pontuação da frase (se houver), com numeração consecutiva, evitando-se recomeçar a numeração a cada página. **Para inserir nota de rodapé, ir em “Referências” e, em seguida, clicar em “Inserir Nota de Rodapé”.**

Elementos pré-textuais

Título: grafado em negrito, fonte Arial, corpo 12.

Nome do autor: colocado abaixo do título do artigo, em negrito, fonte Arial, corpo 12, acrescido de nota de rodapé com algarismo arábico.

Resumo: localizado logo após o nome do autor, não deve exceder a 250 (duzentos e cinquenta) palavras.

Palavras-chave: localizadas logo abaixo do resumo, são **separadas entre si por ponto final.**

Elementos textuais

Desenvolvimento do tema com inserção de citações por meio de consulta da literatura com o propósito de esclare-

cer ou complementar as ideias do autor do artigo. A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando desta forma os direitos autorais.

Elementos pós-textuais

Resumo em língua estrangeira: Abstract, Résumé, Resumen.

Palavras-chave em língua estrangeira: Keywords, Mots-clés, Palabras clave.

Referências

As referências são digitadas na margem esquerda, usando-se espaço simples entrelinhas e dois espaços simples para separar as referências entre si. Adotar o sistema alfabético (ordem alfabética de entrada) para a ordenação das referências.

1 – Livros

1.1 Para obras de Freud (o livro no todo):

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

1.2 Para obras de Lacan (o livro no todo):

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

1.3 Para livros em geral:

SOBRENOME, Nome (do autor). *Título do livro*. Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano.

CATÃO, Inês. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

2 - Capítulo de livro

SOBRENOME, Nome (do autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (do autor, organizador, editor, etc. do livro). *Título do livro*: subtítulo (se houver). Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano. volume (v.), capítulo (cap.), páginas (p.) inicial-final.

2.1 Capítulo de livro para livros em geral:

MELGAÇO, Rosely Gazire. E sobre o pai? In: OLIVEIRA, Erika Palato; COHEN, David (org.). *O bebê e o outro: seu entorno e suas interações*. São Paulo: Instituto Langage, 2017. v. 1, p. 47-66.

2.2 Capítulo de livro na obra de Lacan:

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

2.3 Capítulo de livro na obra de Freud:

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85.

(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

3 - Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos:

SOBRENOME, Nome. *Título*: subtítulo. Ano (de apresentação). Número de folhas/páginas ou volumes. Tipo de trabalho (categoria e área de concentração) – Nome da Faculdade, Nome da Universidade, Cidade, Ano (de defesa).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

SILVA, João. *Pontuação*: o jogo da construção de sentido. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

4 – Trabalhos publicados em anais de congressos e eventos congêneres:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho: subtítulo. In: NOME DO CONGRESSO, número (do congresso), ano, Local de realização (Cidade). *Título da publicação* (Anais..., Atas...). Local de publicação (Cidade): Editora, ano. páginas (p.) inicial-final do trabalho.

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

PLISS, Nonna. Comunicação organizacional hoje: nada será como antes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UEPR, 2009, p. 144-157.

5 – Artigos científicos de revistas:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*, Cidade, volume (se houver), ano (ano III), número (da edição da revista), página inicial-final (do artigo), mês (ou meses, ou indicação de semestre – se houver) ano (de publicação).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

NASCIMENTO, Maria Aparecida Oliveira. O desejo do analista como operador lógico e o espaço de ex-sistência. *Revista on-line da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 69-74, 2016. Disponível em: <http://www.atoescoladepsicanalise.com.br/revista_ato/ano3_n2/#p=68>. Acesso em: 20 mar. 2016.

6 – Artigos de jornal:

SOBRENOME, Nome (do autor do artigo). Título do artigo. *Título do jornal*, Local (cidade), dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano. Número ou título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final (do artigo).

Obs.: Se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) e ano.

(Exemplo fictício)

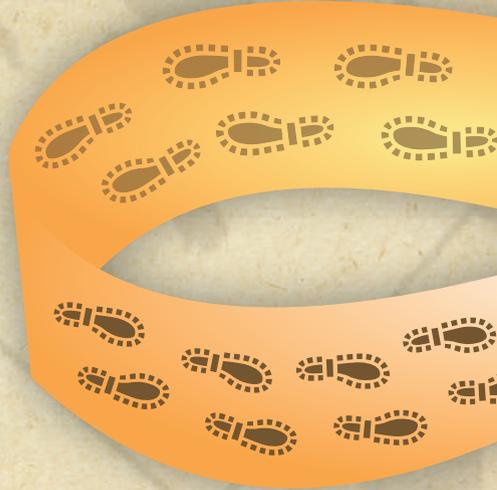
TEZZI, Manir. Novos ventos na economia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 set. 2011. Economia e negócios, p. 15-17.

7 – Autores citados em anotações pessoais:

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

Obras consultadas:

Caso o autor do artigo tenha consultado outras fontes de informação, bibliográficas e não bibliográficas, que serviram de orientação editorial para seu texto, mas que **não** estão presentes como referências de citações diretas ou indiretas no corpo do texto, essas fontes devem ser relacionadas, em separado, como “**Obras consultadas**”, logo após o elemento pós-textual “**Referências**”.



ATO

escola de
psicanálise